

ADOLESCÊNCIA, VELOCIDADE E TÉDIO

LUÍS GUILHERME COELHO BUCHIANERI

**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

**Adolescência,
Velocidade e Tédio**

Conselho Editorial Acadêmico
Responsável pela publicação desta obra

Dr. Fernando Silva Teixeira Filho
Dr. Silvio Yasui
Dra. Elizabeth Piemonte Constantino
Prof. Dr. José Sterza Justo

LUÍS GUILHERME COELHO
BUCHIANERI

Adolescência, Velocidade e Tédio

**CULTURA
ACADÊMICA** 
Editora

© 2012 Editora Unesp

Cultura Acadêmica

Praça da Sé, 108

01001-900 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 3242-7171

Fax: (0xx11) 3242-7172

www.editoraunesp.com.br

feu@editora.unesp.br

CIP– Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B934a

Buchianeri, Luís Guilherme Coelho

Adolescência, velocidade e tédio / Luís Guilherme Coelho

Buchianeri. - São Paulo : Cultura Acadêmica, 2012.

128p.

ISBN 978-85-7983-376-2

1. Psicologia do adolescente. 2. Emoções em adolescentes. I. Título.

12-9172.

CDD: 155.5

CDU: 159.922.8

041591

Este livro é publicado pelo Programa de Publicações Digitais da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp)



Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de
Editoras Universitárias

*Ao Plácido que injetou em mim os genes
atortamentados que buscam o saber.*

À Maria José que me deu independência.

*À Isabella que, encolhendo os caminhos que
trilhei, segue agora nas malhas das incertezas.*

*Ao Justo que me ensinou o caminho da
aprendizagem de desaprender.*

O essencial é saber ver,
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê
E nem pensar quando se vê
Nem ver quando se pensa.

Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma vestida!),
Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem de desaprender.¹

(Alberto Caieiro. *O guardador de rebanhos*, XXIV, 1914)

1 CAIEIRO, A. *O guardador de rebanhos e outros poemas*. São Paulo: Landy, 2006
(grifos do autor).

Sumário

Introdução	11
1 Tédio, depressão e melancolia	17
2 Mutações e o pós-humano: a construção da subjetividade do sujeito contemporâneo	43
3 Trauma contemporâneo: velocidade e tédio	67
4 Adolescência da modernidade à pós-modernidade	77
5 Adolescência, tédio e contemporaneidade	95
Considerações finais	115
Referências	121

Introdução

É consenso que vivemos um período no qual a sociedade e a cultura sofrem intensas mudanças de paradigma e de valores, as quais incidem fortemente na subjetividade. Os avanços tecnológicos e seu profundo impacto no cotidiano compõem uma faceta visível das metamorfoses pelas quais a vida passa atualmente – sem dúvida, isso faz com que o tempo acelere.

O surgimento de computadores cada vez mais velozes faz autores como Kurzweil¹ afirmarem que, por volta de 2042, essa tecnologia atingirá um estágio de desenvolvimento “mental” igual ao de seu criador e será funcionalmente mais capaz do que o próprio homem, a ponto de torná-lo obsoleto. O físico Luiz Alberto Oliveira, pesquisador do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, estima que “[...] em 25 anos, os *chips* de computadores serão milhões de vezes mais poderosos que os atuais, tornando-se comparáveis, em eficiência, a setores do córtex humano”.²

Considerando essas projeções, a dúvida é saber se isso representaria ou não um recomeço e se faríamos parte de uma geração que

1 KURZWEIL, Ray. *A era das máquinas espirituais*. São Paulo: Aleph, 2007. p.5.

2 OLIVEIRA, L. A. O tempo é de caos? *Revista Caros Amigos* – Edição Especial: pós-humano, o desconcertante mundo novo. São Paulo: Casa Amarela, n.36, p.17-18, ano XI, 2007. p.17-18.

estaria sofrendo uma grande mutação.³ Segundo a teoria evolucionista, a transformação da espécie humana se processa por movimentos graduais e progressivos em determinada direção, por meio de mecanismos adaptativos. Assim, de tempos em tempos ocorreriam mutações, aleatoriamente ou mediante algumas mudanças bruscas decorrentes de conflitos bélicos, epidemias e catástrofes naturais. A mutação atual, no entanto, seria mais contundente e decorrente do desenvolvimento tecnocientífico, que, de acordo com Martins,⁴ teria um fim em si mesmo, visando tão somente ao aprimoramento dos artefatos tecnológicos, desprezando as consequências desse desenvolvimento para o homem e deixando de tê-lo como referência.

A mutação engendrada por esse desenvolvimento, contudo, não se limita ao aspecto biológico. Olgária Matos⁵ refere-se também à mutação do tempo no mundo contemporâneo. Segundo ela, o capitalismo gera carência, cria necessidades infinitas e valoriza os excessos. É o tempo de consumo, o tempo concreto, objetivo, que determina o tempo interno – um tempo pulsional e de satisfação imediata dos desejos. Vivemos a era da instantaneidade, na qual não há aguardo, não há espera; tudo se realiza imediatamente, acontece em “tempo real”, possibilitado pela máquina – sobretudo pela tecnologia digital, que permite o funcionamento do mundo na velocidade da luz. A subjetividade propriamente dita, enquanto intervenção do homem no mundo, como mediação humana que elabora e processa aquilo que o afeta, está sendo posta de lado, descartada, tida como morosa e imprecisa.

Ao refletirmos a respeito da influência das bruscas mudanças do mundo contemporâneo no mundo interno, observamos um paradoxo. A velocidade, que nos primórdios da modernidade incitava

3 NOVAES, A. *Mutações: ensaios sobre as novas configurações do mundo*. Rio de Janeiro: Agir/São Paulo: Sesc, 2008. p.11.

4 MARTINS, H. *Hegel, Texas e outros ensaios de teoria social*. Lisboa: Século XXI, 1996. p.12.

5 MATOS, O. É preciso reconquistar o tempo. *Revista Caros Amigos – Edição Especial: pós-humano, o desconcertante mundo novo*. Entrevistador: Thiago Domenici. São Paulo: Casa Amarela, n.36, p.12-14, ano XI, 2007. p.12.

à ação, à transformação, à rebeldia, à independência e à maturação, hoje tem caráter paralisante, esvaziando-se de conteúdos e instalando nesse espaço um tempo entediante. No mundo externo,⁶ a velocidade continua acelerando exponencial e paradoxalmente; no mundo interno, ela desacelera, tendendo a uma paralisia que não promove a angústia estruturante, mas que leva à agonia, à sensação de falta de futuro, à necessidade de preenchimento do tempo com conteúdos dados à imediatividade dos afetos, numa busca de concretude que impede a subjetivação. A aceleração da velocidade da vida colada ao mundo técnico-racional-capitalista⁷ produz a desaceleração do sujeito, que não é mais solicitado a pensar, criar, descobrir alternativas de vida, mas tão somente a responder de modo passivo àquilo que esse mundo lhe solicita em termos de produção e consumo. O que lhe resta, quando muito, é mimetizar formas de ser prontas e acabadas, ofertadas no mercado global, que hoje significa não apenas um mercado que cobre todo o planeta, mas também um mercado que cobre todas as esferas da vida.

O resultado imediato que podemos observar sobretudo nos jovens, em razão dessa intensidade e dessa variedade de estímulos inerentes às mutações no espaço e no tempo, é a crescente falta de utopia, de sonhos, de um projeto de vida e de mundo. Nem mesmo a bandeira da ecologia, que poderia ser lembrada como um projeto universal, deixa de transparecer, à semelhança do que prega a Bíblia cristã: um temor do apocalipse diante do eclipse que se formou em relação à prospecção do futuro. Irrompe uma falta de sentido na

6 Estamos utilizando os conceitos de *mundo externo* e *mundo interno*, porém, não de maneira dicotômica. Queremos apenas diferenciar o mundo construído pela racionalidade técnico-científica e pelas materialidades da sociedade de consumo do mundo que se desdobra na experiência dessas materialidades pelo sujeito, experiência que reinveste esse mesmo mundo num processo contínuo de retroalimentação.

7 Entendemos por mundo *técnico-racional-capitalista* aquele no qual o homem e a qualidade de vida deixaram de ser o objetivo principal e em cujo lugar colocam-se o avanço da tecnologia e a eficiência econômica concebida como acumulação de capital, produtividade e lucratividade.

vida, acompanhada por um esvaziamento do sujeito, uma sensação subjetiva a que poderíamos denominar *tédio*.

Na verdade, podemos observar que o *tédio* tem sido um relato cada vez mais frequente. Antes do advento da modernidade e do romantismo, ele aparecia relacionado aos religiosos – afastado dos afazeres mundanos – e aos nobres, em seu ócio nada criativo. Até então um símbolo de *status* locado nos espaços sociais privilegiados, o *tédio*, na cultura contemporânea, espraia-se por diversos setores, por diferentes estratos sociais. Na atualidade, as atitudes de recuo e desligamento dos objetos mundanos, os sentimentos de tristeza e a palidez com relação à vida tendem a ser considerados um tipo de depressão, um dos grandes sintomas do nosso tempo. No entanto, ao que parece, muito do que se considera depressão pode muito bem constituir manifestações do *tédio* derivadas das subjetivações da compressão do tempo.

Os jovens, enquanto atores formados no cenário da contemporaneidade, são portadores privilegiados das tendências que aí despontam. Sobre eles, incide radicalmente a experiência do tempo dado na atualidade, assim como as possibilidades de elaboração e de resposta à crescente aceleração da vida, entre outras condições que lhes são oferecidas.

Neste livro, vamos discutir o modo como as profundas modificações ocorridas em um mundo em constante mudança, no qual predomina a experiência da instantaneidade decorrente da aceleração do tempo, agem sobre a formação da subjetividade dos adolescentes, fazendo que, paradoxalmente, eles vivenciem uma vida de baixa intensidade, desacelerados e entediados. Outro objetivo deste livro, embora secundário, é problematizar a centralidade da depressão como figura de subjetivação da atualidade. Diante do consenso que existe acerca desse grande sintoma da atualidade, perguntamos se muito do que é diagnosticado como depressão não seria, de fato, manifestação do *tédio*. Nesse sentido, procuraremos demonstrar que o *tédio* sobressai em relação à depressão como a subjetividade típica de um mundo acelerado e volátil.

Nosso percurso se inicia no **Capítulo 1**, com uma compreensão do significado de *tédio*, delimitando seu conceito e diferenciando-o dos conceitos de *depressão* e *melancolia*. No **Capítulo 2**, pretendemos estudar o modo como a subjetividade do sujeito contemporâneo está se constituindo, tendo como balizamento o sujeito moderno e o que chamaremos de *sujeito pós-moderno*. Nesse capítulo também vamos refletir sobre as mudanças rápidas e profundas que estão ocorrendo nos diversos setores da vida social, as quais alguns autores chamam de *mutação*. Apesar de não ser o objetivo deste livro, achamos pertinente apresentar uma breve reflexão sobre o *pós-humano*, tema intimamente ligado às mutações, à aceleração do tempo e à obsolescência do homem. No **Capítulo 3**, analisaremos como as transformações ou mutações do mundo contemporâneo, pós-moderno ou pós-humano, intensificam e aceleram o mundo externo e, paradoxalmente, desaceleram o mundo interno; para isso, faremos uma reflexão sobre o sujeito pós-traumático. Já no **Capítulo 4** examinaremos as concepções de *adolescência* que surgem a partir da modernidade e as modificações nela provocadas pelas novas configurações de mundo na atualidade. No **Capítulo 5**, procuraremos mostrar que o adolescente enfastiado, despotencializado, que não consegue acompanhar o ritmo frenético e acelerado do mundo atual, parece ser um fenômeno globalizado, e não apenas circunscrito a determinadas regiões do planeta. Por fim, nas **Considerações finais**, buscaremos salientar as estreitas conexões entre *tédio* e *velocidade* no mundo contemporâneo.

1

Tédio, depressão e melancolia

Na tentativa de conceituar o *tédio*, é útil relacioná-lo com outros dois conceitos: o de *depressão* e o de *melancolia*. Todos referem-se a fenômenos muito semelhantes e podem até ser confundidos. Por isso mesmo, merecem uma abordagem conjunta.

Quando nos lançamos na busca da conceitualização dos termos *tédio*, *depressão* e *melancolia*, o que, num primeiro momento, pode parecer uma empreitada fácil, submergimos num mundo teórico elíptico, no qual não conseguimos fechar um círculo de conhecimentos. Somos levados a refletir sobre a frase do diretor Milcho Manchevski: “O círculo não é redondo”, que aparece no início de seu filme *Antes da chuva* (*Before the Rain*, 1994). O que ele quer dizer com isso é que, quanto mais tentamos fechar um círculo de conhecimento no qual há consenso de definições, mais elíptico ele se torna, levando-nos a um labirinto conceitual sem saída. Todavia, vamos caminhar nessa incerta tentativa de encontrar uma diferenciação, pelo menos para que possamos dar sentido ao que pretendemos pesquisar.

Não encontramos, na filosofia e na literatura, grandes dificuldades em conceituar *tédio* e em diferenciá-lo dos conceitos de *melancolia* e *depressão*. Entretanto, temos observado, em alguns autores contemporâneos, principalmente da Psiquiatria e da Psicanálise,

a sobreposição dessas definições. *Tédio*, *depressão* e *melancolia* ora nos são apresentados com definições claras, ora confundem-se em conceitos inacabados. Embora não seja nosso objetivo realizar um estudo aprofundado de cada um desses termos, é fundamental que consigamos delimitá-los, sem, contudo, promover uma compartimentalização, uma vez que os próprios sinais e sintomas, ou seja, a semiologia envolvida em cada uma dessas definições, podem tanto se diferenciar como se complementar.

Depressão e melancolia

No estudo da *melancolia*, o sentimento inconsciente de culpa, o lamento associado à experiência da perda do objeto amoroso, a percepção da importância desse objeto e o desejo de reavê-lo, assim como a consequente incriminalização, a culpabilização voltada para a perda, permaneceram sob investigação ao longo da obra freudiana, desde a última década do século XIX. Isso deu origem a conceitos fundamentais e paradigmáticos para a psicanálise freudiana e os autores pós-freudianos.

Indo além de Freud, etimologicamente, o termo *melancolia* é utilizado desde a Antiguidade, nas diversas áreas do conhecimento, para designar um sentimento caracterizado por um humor sombrio, uma tristeza profunda, um estado depressivo, manifestações de ansiedade, medo e desânimo, que podem evoluir para estados delirantes. O termo, originado na teoria dos humores de Hipócrates, deriva do grego *melas* (“negro”) e *kholé* (“bile”), e era atribuído ao baço (*spleen*), órgão excretor da “bile negra”, responsável pelas alterações de humor características dos estados melancólicos.

Para Hipócrates, a vida seria mantida pelo equilíbrio dos quatro humores: o *sanguíneo* (relacionado ao coração), o *fleumático* (ligado ao sistema respiratório), a *bile negra* (melancólico, relacionado ao baço) e a *bile amarela* (colérico, associado ao fígado). Ele descreve o estado humoral melancólico como um ânimo entristecido, um sentimento de abismo infinito, acompanhado de extinção do desejo e

da fala, estado de apatia e letargia seguida de exaltação, além de uma atração irresistível pela morte, pelas ruínas, pela nostalgia e pelo luto. A melancolia poderia também diluir-se com outros humores e caminhar de mãos dadas com a euforia, a alegria e o riso do humor sanguíneo, com a inércia do humor fleumático e com o humor raivoso, colérico, e, por meio dessas misturas, portanto, ele afirmaria sua presença em todas as formas de expressão humana. Daí nasceria a ideia da alternância cíclica entre um estado e outro (*mania e depressão*), características da nosologia psiquiátrica moderna.

É consenso entre os autores que escrevem sobre a depressão e a melancolia que o sentimento depressivo e melancólico relaciona-se à perda de um objeto amado ou a um ideal não alcançado. Rou-dinesco e Plon¹ descrevem essa relação historicamente, já a partir dos gregos:

Desde a descrição de Homero sobre a tristeza de Belerofonte, herói perseguido pelo ódio dos Deuses por ter querido escalar os céus, até a teorização do “espírito melancólico” por Aristóteles, passando pelo relato mítico de Hipócrates sobre Demócrito, o filósofo “louco” que ria de tudo e dissecava os animais para neles encontrar a causa da melancolia no mundo, essa forma de deploração perpétua sempre foi, ao mesmo tempo, a expressão mais incandescente de uma rebeldia do pensamento e a manifestação mais extrema de um *desejo de autoaniquilamento, ligado à perda de um ideal*. Daí a ideia de Erwin Panofsky (1892-1968) de que a história da melancolia seria a história de uma transferência permanente entre o campo da doença e do espírito que contaria a intensa e sombria irradiação do sujeito da civilização às voltas com a deficiência de seu desejo.²

1 ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.505.

2 *Ibid.*, p.505 (*grifo do autor*).

Segundo Roudinesco e Plon,³ cada época construiu sua própria representação da doença. Em 1621, o filósofo Robert Burton (1577-1640) escreveu *Anatomia da melancolia* (2011), versão canônica de uma nova concepção da melancolia, já introduzida nos costumes; no século XVII, o médico inglês Thomas Willis (1621-1675) foi o primeiro a abordar a mania da melancolia para definir o ciclo maníaco-depressivo. Desde a Idade Média, com efeito, o termo tornou-se sinônimo de uma tristeza sem causa, e a antiga doutrina dos humores foi progressivamente substituída por uma causalidade existencial.

No fim do século XVIII, às vésperas da Revolução Francesa, a melancolia surgiu como o grande sintoma do tédio; entretanto, com a instauração do saber psiquiátrico, no século XIX, a melancolia começou a se distanciar dos conceitos relacionados ao tédio e increveu-se na nosologia psiquiátrica, através de Jean-Étienne Esquirol (1722-1840), Jean-Pierre Falret (1794-1870) e Emil Kraepelin (1856-1926), que, no final do século XIX, definiu a psicose maníaco-depressiva.

De acordo com Roudinesco e Plon,⁴ Sigmund Freud renunciou à abordagem da mania da depressão descrita na nosologia psiquiátrica, preferindo revigorar a antiga definição de melancolia – não como doença, mas como um destino subjetivo. Ele abordou a melancolia do luto e, no texto *Luto e melancolia*,⁵ fez do termo *melancolia* uma forma patológica de luto. Para ele, no trabalho de luto, o sujeito consegue desligar-se progressivamente do objeto perdido; na melancolia, ao contrário, ele se supõe culpado pela morte ocorrida, nega a si mesmo e julga-se possuído pelo morto ou pela doença que acarretou sua morte. “Em suma, o ‘eu’ identifica-se com o objeto perdido a ponto de ele mesmo se perder no desespero infinito de um nada irremediável”.⁶

3 Ibid., p.505.

4 Ibid., p.505.

5 FREUD, S. *Luto e melancolia*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Edição *standard* das obras completas de Sigmund Freud. v. XIV. p.268-291.

6 ROUDINESCO; PLON, p.507.

Roudinesco e Plon utilizam o termo *depressão* como uma forma atenuada da melancolia, afirmando que, no final do século XX, a depressão “[...] parece ser a marca de um fracasso do paradigma da revolta, num mundo desprovido de ideais e dominado por uma poderosa tecnologia farmacológica, muito eficaz no plano terapêutico”.⁷ O paradigma da revolta a que se referem Roudinesco e Plon seria uma espécie de equivalente da *histeria*, definida por Jean Martin Charcot como uma revolta do corpo feminino à opressão patriarcal. A depressão estaria, então, relacionada à perda de um ideal em um mundo desprovido de utopias, aproximando-se talvez do conceito de *tédio*.

Como é de conhecimento geral, tanto o luto quanto a melancolia são estados responsivos às perdas; todavia, para a Psicanálise, há um dado invariável na estrutura melancólica descrita por Freud, que reside na incapacidade permanente do sujeito, dominado pela culpa, de elaborar o luto pelo objeto perdido.

Ao estudar as ideias de Freud, Teixeira⁸ resume com clareza os conceitos psicanalíticos de *luto* e a *melancolia*. No luto, diante da perda de algo ou de alguém que amamos e admiramos, instala-se um processo de penoso sofrimento, e é necessário um tempo de elaboração psíquica da perda, um tempo para a pessoa desvincular-se psiquicamente do objeto amoroso. Em princípio, há um sentimento de empobrecimento do mundo, uma sensação de vazio. Esse tempo de elaboração é necessário para o desinvestimento psíquico do objeto amado. É necessário que o investimento libidinal seja retirado do objeto em questão e direcionado para outro. O *trabalho de luto* é lento, gradual e penoso, pois é necessário aceitar que o objeto amado deixou de existir na realidade, e a retirada dos investimentos pulsionais das representações ligadas àquele objeto é necessária para a elaboração do luto. Quando a realidade prevalece, o sujeito

7 Ibid., p.507.

8 TEIXEIRA, M. A. R. A concepção freudiana da melancolia. *Elementos para uma metapsicologia dos estados de mente melancólicos*. 261f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2007. p.52.

renuncia ao laço afetivo, aniquilando o vínculo com o objeto, encerrando o processo de luto, deixando o ego livre e desinibido para vincular-se a outro objeto.

Quinodoz,⁹ trabalhando com conceitos psicanalíticos, utiliza o termo *depressão* como sinônimo de *melancolia* ao afirmar que, em *Luto e melancolia*, Freud referia-se às reações do indivíduo diante de uma perda real ou de uma decepção vinda de uma pessoa amada ou da perda de um ideal: “[...] por que certas pessoas reagem com um afeto de luto que será superado depois de algum tempo, enquanto outras sucumbem em um estado depressivo?”¹⁰ Em seguida, citando autores freudianos, procura distinguir os conceitos: “Esclareço que, na época de Freud, denomina-se *melancolia* o que hoje é chamado de *depressão*, enquanto o termo *melancolia* é reservado a sua forma grave, psicótica.”¹¹

A partir dos conceitos freudianos, Quinodoz¹² define o *luto normal*, cujo processo se situa no nível consciente e o *luto patológico* ou *melancolia*, cujo processo se situa no nível inconsciente.

O luto normal e o luto patológico têm, em comum, uma inibição e uma ausência de interesse que se explicam pelo trabalho do luto que absorve o Ego. [...] No luto patológico, é a aversão do doente em relação ao seu próprio Ego que aparece em primeiro plano, sob a forma de autorrecriminações e de autodepreciação.¹³

Em caso de perda do objeto, a diferença fundamental entre o luto normal e a melancolia é a mudança na direção do investimento da libido: no luto normal, o sujeito é capaz de renunciar ao objeto perdido e de retirar sua libido, substituindo-o por um novo objeto, enquanto na melancolia ele não retira sua libido do objeto perdi-

9 QUINODOZ, J. *Ler Freud*. Porto Alegre: Artmed, 2007. p.166.

10 *Ibid.*, p.166.

11 BONAPARTE, FREUD, KRIS, 1956; STRANCHEY, 1957; LAPLANCHE, 1980 apud QUINODOZ, 2007. p.167.

12 QUINODOZ, 2007, p.167-168.

13 *Ibid.*, p.167.

do, mas seu Ego une-se em fantasia a ele, para dele não se separar. Dessa maneira, a perda do objeto transforma-se na perda do Ego, o que explica o desinteresse do melancólico pelo mundo externo, desinteresse acompanhado de preocupação e culpabilização, que o levam a autorrecreminações.

Ainda dentro de conceitos psicanalíticos, Melanie Klein elaborou a noção de *posição depressiva*,¹⁴ fazendo uma derivação com base nos estudos de Freud sobre luto e melancolia. Ela caracterizou a posição depressiva como um modo de enfrentamento da experiência de perda de objetos psicologicamente significativos, baseado sobretudo em defesas e construído num contexto de percepção da extrema dependência do sujeito em relação ao mundo, especialmente quanto aos objetos perdidos.

A culpabilização, para Klein, seria um segundo estágio da ansiedade depressiva, do qual emergiria a autorresponsabilização ou a autoacusação pela perda do objeto amado, tido como imprescindível para a vida em função do reconhecimento da dependência extrema. Essa extrema dependência, por sua vez, é potencializada pelo trágico reconhecimento da diferenciação sujeito/objeto, em que o psiquismo rompe com o narcisismo primário e se dá conta de que existe um mundo, existe um “outro” independente do sujeito e que, doravante, não estará mais sempre ao seu inteiro dispor. É na deflagração da culpa pela perda que se instaura propriamente o estado melancólico, que já não é tão somente um pesar diante da perda e um profundo exame de suas consequências, mas sim um estado psíquico no qual predomina uma exigência de castigo que, na sua forma mais primitiva, clama por um mesmo destino ou sofrimento do sujeito que julga ter provocado no objeto perdido. Na perspectiva kleiniana, a melancolia caracteriza-se como uma defesa contra a culpabilização pela perda atribuída aos impulsos destrutivos do próprio sujeito, defesa essa que busca a reparação por meio da submissão do sujeito ao castigo do

14 KLEIN, M. Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional do bebê. In: _____ et al. *Os progressos da psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1969. p.216.

sofrimento que julga ter causado no objeto amado – a *reparação melancólica*. No extremo das vicissitudes da melancolia estaria a disposição suicida.

Alguns autores, como Elias M. da Rocha Barros, Aliri Dantas Jr. e Elizabeth L. da Rocha Barros,¹⁵ procuram um elo entre a Psiquiatria e a Psicanálise e, dentro da perspectiva psicanalítica, definem a depressão como o resultado final da dificuldade de elaboração da ansiedade depressiva pelo aparelho psíquico. Inicia-se aqui uma polêmica, pois esses autores relacionam a depressão ao estado esquizoparanoide de Melanie Klein. Eles se baseiam nas duas principais correntes que predominam nas concepções contemporâneas da Psicanálise em relação à teoria da depressão: a concepção freudiana e a concepção kleiniana.

Com base nessas correntes, tais autores tentam descrever o que seria um processo marcado por uma forma peculiar de organização da experiência emocional, em que é central a dificuldade de atribuir significado às angústias relacionadas à perda, num sentido amplo, incapacitando o *self* de preservar a integridade de suas relações e sua capacidade de reinvestimento. Na perspectiva freudiana, eles relacionam a depressão com os aspectos descritos por Freud, já citados. Na perspectiva kleiniana, afirmam que as relações de objeto são definidas por duas posições: a *posição esquizoparanoide* e a *posição depressiva*.

A *posição esquizoparanoide* caracteriza-se por uma ansiedade relativa à sobrevivência do objeto diante de perseguidores que o ameaçam, e as defesas usadas são de caráter “esquizoide”, seja cindindo e projetando, para manter os “objetos bons” distantes e a salvo dos “objetos maus” (destrutivos), seja negando a persecutoriedade, por meio de um processo de destituição de afetos.

A *posição depressiva* caracteriza-se por uma ansiedade relativa a uma preocupação com a sobrevivência dos objetos de amor à própria agressividade. Nessa posição, são produzidos “afetos depres-

15 BARROS, DANTAS e BARROS apud BENY, L. *Depressão no ciclo da vida*. Porto Alegre: Artmed, 2000. p.92.

sivos” que ainda não constituem, de nenhum modo, a depressão definida pela Psiquiatria. A depressão, sob o prisma psiquiátrico, seria a dificuldade crônica de elaboração desses “afetos depressivos” que mantêm o indivíduo permanentemente na posição esquizoparanoide, por usar defesas que têm por objetivo eliminar a dor mental, projetando-a depois de cindir os afetos correspondentes. Portanto, as denominações *esquizoparanoide* e *depressiva* não se referem às concepções psiquiátricas, já que a doença depressiva definida na clínica de Psiquiatria é típica de fenômenos esquizoparanoides e não de fenômenos depressivos.

A Psiquiatria estabelece uma diferenciação entre as definições de depressão e de melancolia. Para ela, o termo *depressão* assume diferentes formas; pode significar desde um estado afetivo normal, um sintoma, uma síndrome, até uma doença depressiva. Já a *melancolia* distingue-se da depressão não somente pela intensidade de seus sintomas, como pontuam diversos autores da Psicologia e da Psicanálise, mas também por conter em sua gênese um forte caráter biológico, ligado à resposta terapêutica medicamentosa, a fatores genéticos, alterações bioquímicas e morfológicas cerebrais.

Diz-se, frequentemente, que a pessoa está deprimida por causa da perda de um ente querido, de um emprego ou por qualquer outra situação que produza tristeza. Na maioria das vezes, é um sentimento compreensível, normal, um estado de tristeza que não será foco de intervenção médica profunda.

Enquanto *sintoma*, a depressão pode surgir nos mais variados quadros clínicos, nas diferentes especialidades médicas, como, por exemplo, na Clínica Médica, em decorrência de doença cardíaca ou diabetes; na Neurologia, em razão de neuropatias ou demências; na Psiquiatria, como resultado de esquizofrenias ou de alcoolismo, ou em resposta a situações estressantes da vida cotidiana. Seria uma alteração do humor secundária a uma patologia de base, que tenderia a cessar com a melhora do quadro clínico ou a supressão do fator causador de estresse.

A *síndrome depressiva* pressupõe alterações de humor e uma gama de outros aspectos, incluindo alterações cognitivas, psico-

motoras e vegetativas, como alterações de sono e de apetite, tendo igualmente fatores causais nas patologias clínicas e da vida cotidiana. Entretanto, não se enquadram nos critérios diagnósticos para depressão maior ou depressão classificada como doença.

A depressão como doença encontra-se contemplada nos manuais classificatórios dos transtornos mentais da Associação Norte-Americana de Psiquiatria (DSM-IV) e da Organização Mundial de Saúde (CID-10). Alguns exemplos são o transtorno depressivo maior, a distímia, a depressão integrante do transtorno afetivo bipolar I e II, a depressão recorrente, entre outros.

A Psiquiatria, na psicopatologia da depressão, recomenda como válida a existência de três sintomas depressivos básicos, os quais dão origem a variadas manifestações de sintomas: o *sofrimento moral* (baixa autoestima, sentimento de desvalia), a *inibição global* (apatia e desinteresse) e o *estreitamento vivencial* (perda de prazer).

A partir das definições de Jean-Pierre Falret (1794-1870), Emil Kraepelin (1856-1926) e Eugen Bleuler (1857-1939), Del Porto¹⁶ faz uma descrição clínica dos aspectos gerais envolvidos nos conceitos de *depressão* e de *melancolia*, enumerando e definindo os sintomas clínicos, subdividindo-os em sintomas psíquicos, sintomas fisiológicos, evidências comportamentais e alterações dos ritmos circadianos. Pela concretude que os sintomas psíquicos adquirem quando são utilizados na prática médica, ao se referirem a diagnósticos da clínica psiquiátrica, resolvemos transcrevê-los aqui:

Sintomas psíquicos

- *Humor depressivo*: sensação de tristeza, autodesvalorização e sentimento de culpa. Os pacientes costumam aludir ao sentimento de que tudo lhes parece fútil ou sem real importância. Acreditam que perderam, de forma irreversível, a capacidade de sentir alegria ou prazer na vida. Tudo lhes

16 DEL PORTO apud LAFER, B.; ALMEIDA, O. P.; FRÁGUAS JÚNIOR, R.; MIGUEL, E. C. *Depressão no ciclo da vida*. Porto Alegre: Artmed, 2001. p.20.

parece vazio e sem graça, o mundo é visto “sem cores”, sem matizes de alegria. Em crianças e adolescentes, sobretudo, o humor pode ser irritável, ou “rabugento”, em vez de triste. Certos pacientes mostram-se antes “apáticos” do que tristes, referindo-se muitas vezes ao “sentimento da falta de sentimentos”. Constatam, por exemplo, já não se emocionarem com a chegada dos netos, com o sofrimento de um ente querido, e assim por diante. O deprimido, com frequência, julga-se um peso para os familiares e amigos, muitas vezes invocando a morte para aliviar os que o assistem na doença. São frequentes e temíveis as ideias de suicídio. As motivações para o suicídio incluem distorções cognitivas (perceber quaisquer dificuldades como obstáculos definitivos e intransponíveis, tendência a superestimar as perdas sofridas) e ainda o intenso desejo de pôr fim a um estado emocional extremamente penoso e tido como interminável. Outros ainda buscam a morte como forma de expiar suas supostas culpas. Os pensamentos de suicídio variam desde o remoto desejo de estar simplesmente morto até planos minuciosos de se matar (estabelecendo o modo, o momento e o lugar para o ato). Os pensamentos relativos à morte devem ser sistematicamente investigados, uma vez que essa conduta poderá prevenir atos suicidas, dando ensejo ao doente de se expressar a respeito.

- *Redução da capacidade de experimentar prazer na maior parte das atividades antes consideradas agradáveis*: as pessoas deprimidas podem relatar que já não se interessam pelos seus passatempos prediletos. As atividades sociais são frequentemente negligenciadas e tudo lhes parece agora ter o peso de terríveis “obrigações”.
- *Fadiga ou sensação de perda de energia*: a pessoa pode relatar fadiga persistente, mesmo sem esforço físico, e as tarefas mais leves podem parecer exigir um esforço substancial. Lentifica-se o tempo para a execução das tarefas.
- *Diminuição da capacidade de pensar, de se concentrar ou de tomar decisões*: decisões antes quase automáticas parecem agora custar esforços intransponíveis. Um paciente pode se demorar infundavelmente para terminar um simples

relatório, pela incapacidade de escolher as palavras adequadas. O curso do pensamento pode estar notavelmente lentificado. Professores experientes queixam-se de não conseguir preparar as aulas mais rotineiras; programadores de computador pedem que sejam substituídos em razão da atual “incompetência”; crianças e adolescentes têm queda em seus rendimentos escolares, geralmente em função da fadigabilidade e do déficit de atenção, além do desinteresse generalizado.

Sintomas fisiológicos

- *Alterações do sono* (mais frequentemente insônia, podendo ocorrer também hipersonolência): a insônia é, mais tipicamente, intermediária (acordar no meio da noite, com dificuldades para voltar a conciliar o sono), terminal (acordar mais precocemente pela manhã) ou inicial. Com menor frequência, mas não raramente, os indivíduos podem se queixar de sonolência excessiva, mesmo durante as horas do dia.
- *Alterações do apetite* (mais comumente perda do apetite, podendo ocorrer também aumento do apetite): muitas vezes, a pessoa precisa esforçar-se para comer ou ser ajudada por terceiros a se alimentar. As crianças podem, pela inapetência, não ter o esperado ganho de peso no tempo correspondente. Algumas formas específicas de depressão são acompanhadas de aumento do apetite, que se mostra caracteristicamente aguçado por carboidratos e doces.
- *Redução do interesse sexual*

Evidências comportamentais

- *Retraimento social*
- *Crises de choro*
- *Comportamentos suicidas*
- *Retardo psicomotor e lentificação generalizada, ou agitação psicomotora*. Frequentemente, os pacientes se referem à sensação de peso nos membros, ou ao “manto de chumbo” que parecem estar carregando. Deve-se ainda lembrar, no diagnóstico das depressões, que algumas vezes o quadro

mais típico pode ser mascarado por queixas proeminentes de dor crônica (cefaleia, dores vagas no tórax, abdome, ombros, região lombar etc.). A ansiedade está frequentemente associada. Em idosos, principalmente, as queixas de caráter hipocôndrico costumam ser muito comuns.

Alterações dos ritmos circadianos

Muitas funções circadianas encontram-se alteradas nos quadros de depressão, a exemplo da regulação da temperatura e do ritmo de produção do cortisol. Entre as alterações mais conspícuas estão aquelas relacionadas ao ritmo do sono. Segundo Akiskal, cerca de dois terços dos pacientes deprimidos têm diminuição da latência para o início do sono REM (*Rapid Eyes Movements*). As formas ditas *melancólicas* da depressão caracterizam-se, entre outros aspectos, pela piora matinal e pelo despertar precoce pela manhã.

Melancolia

O termo *melancolia* tem sido empregado, nas atuais classificações psiquiátricas (como o DSM IV), para designar o subtipo anteriormente chamado de *endógeno, vital, biológico, somático* ou *endogenomorfo* de depressão. Considerado por muitos psiquiatras o “protótipo” ou síndrome nuclear das depressões, para eles, “a melancolia, ao contrário de outras formas de depressão, parece constituir-se em um grupo mais homogêneo, que responde melhor a tratamentos biológicos e para o qual os fatores genéticos seriam os principais determinantes”.¹⁷

Podemos notar que, na nosologia psiquiátrica, inserem-se os conceitos psicanalíticos associados à perda do objeto e à culpabilização, mas eles se esvaecem de significado, permanecendo como coadjuvantes no desencadeamento dos sintomas ligados à sensação subjetiva do estado depressivo e melancólico, adquirindo conteúdos próprios de observação fenomenológica e biológica, com um *continuum* de sintomas que trafegam nos três vértices de um triân-

17 Ibid., p.21-23.

gulo: o *tédio*, que procuraremos definir nas páginas posteriores, o *luto* e a *melancolia*.

Ao escrever sobre a depressão na contemporaneidade, fazendo uma crítica à medicalização na prática psiquiátrica e pontuando a importância do estado depressivo para a reflexão e a criatividade, Kehl¹⁸ não se preocupa em diferenciar os conceitos de *tédio*, *depressão* e *melancolia*, fundindo conceitos filosóficos, psicanalíticos e psiquiátricos. Em seu texto, publicado no livro *Mutações – ensaios sobre as novas configurações do mundo*,¹⁹ Kehl faz uma clara abordagem da depressão através dos conceitos psicanalíticos utilizados na construção da subjetividade ao afirmar que a “[...] a depressão é uma marca humana, porque remete à experiência inaugural do psiquismo”,²⁰ e descreve o vazio das fases mais primitivas da formação do psiquismo como um núcleo de depressão:

O psiquismo, acontecimento que acompanha toda a vida humana sem se localizar em nenhum lugar do corpo, resulta de um trabalho de representação contra um fundo vazio, que poderíamos chamar, metaforicamente, de um núcleo de depressão. O núcleo de nada, de onde há de emergir um sujeito capaz de simbolizar o objeto que lhe falta.²¹

Nesse mesmo texto, ao fazer uma crítica ao uso de antidepressivos e à indústria farmacêutica, aborda o conceito de *depressão* por meio do conceito de *spleen*:

A depressão, forma contemporânea de *spleen*, tão em voga em nossos dias como foi a histeria nos tempos de Freud, é uma expressão da dor psíquica que desafia todas as pretensões da ciência de programar a vida humana na direção de uma otimização de resultados.²²

18 KEHL apud NOVAES, 2008, p.295-297.

19 Ibid., p.297.

20 Ibid., p.295.

21 Ibid., p.295.

22 Ibid., p.295.

Em outra publicação, a autora define *spleen* como uma aproximação da melancolia renascentista:

A melancolia renascentista, é importante dizer, tem menos parentesco com a melancolia freudiana do que com o *spleen* que nos transmitem certos cães e certas gentes – suspirosos, pensativos, resignados à espera de um afago, de uma ordem ou sabe-se lá o quê. À espera de um sinal do “outro” que lhe indique o desejo a que ele possa responder.²³

Como vimos, Kehl assinala a importância da depressão como núcleo da formação do psiquismo, também correlacionando a depressão contemporânea com o conceito de *spleen*, que seria a *melancolia renascentista*; assim, afasta-se dos conceitos psiquiátricos de *depressão*.

Donald W. Winnicott (1896-1971), médico pediatra e psicanalista britânico que, como podemos ver em seus textos iniciais, começou sua formação psicanalítica com uma forte influência kleiniana, posteriormente distancia-se dessa linguagem e desenvolve uma que lhe seja própria, original, sempre afirmando ser a metapsicologia freudiana a principal inspiradora de seus conceitos. Ele utiliza a palavra *depressão* nos mais variados contextos, com diversos enfoques e, muitas vezes, de maneira contraditória. As definições cobrem um vasto espectro, que vão desde a depressão saudável, como parte do desenvolvimento emocional normal, até a depressão como uma desordem patológica e afetiva, associada à interrupção do desenvolvimento emocional. Esses diferentes e contraditórios enfoques são assinalados por Jam Abram:

[...] exemplo disso é seu trabalho de 1954, *The Depressive Position in Normal Emotional Development*, onde afirma com muita clareza que a expressão *posição depressiva* está incorreta, já que *depressiva* implica que o desenvolvimento saudável relaciona-se a uma “desordem de humor” que não toma parte do desenvolvimento nor-

23 KEHL, M. R. *O tempo e o cão*. São Paulo: Boitempo, 2009. p.17.

mal. [...] Em 1958, no texto *The Family Affect by Depressive Illness in One Both Parents*, Winnicott sustenta que a depressão é normal e experimentada por pessoas “de valor” (ao utilizar a expressão “de valor” passa a estabelecer a importância da depressão).²⁴

Apesar das contradições contidas nas definições de *depressão*, Winnicott está sempre ligando essa expressão às relações de objeto e ao uso do objeto, ou seja, há um objeto de desejo, há a presença do “outro”. Seus trabalhos frequentemente enfocam os estágios mais primitivos do desenvolvimento emocional, principalmente nas relações mãe-bebê – sobretudo no período de desmame, no qual o bebê passa a poder estabelecer as diferenças entre o “eu” e o “não eu”.

O que nos parece essencial para que se possam compreender essas diferentes conceituações da *depressão* e *melancolia* é ter presente, em primeiro lugar, que algumas delas baseiam-se em sintomas ou em manifestações de estados psicológicos ou fisiológicos, ao passo que outras fundamentam-se em funcionamentos ou estruturas psíquicas. Freud, por exemplo, sempre insistiu em que os sintomas propriamente ditos são insuficientes para que se compreendam suas causas ou sua gênese. Analogamente, ele enfatizava que o sentido de um sonho não pode ser decifrado ou compreendido pelo seu *conteúdo manifesto* – o equivalente do *sentido*, na psicopatologia; isso deve ser feito com base no *processo* que lhe deu origem. Assim, o processo psicológico ou a trama psíquica é que define o sentido de uma conduta ou de qualquer ato manifesto, e não a conduta ou ato por si só. Portanto, certo tipo de conduta ou conjunto de comportamentos nada dizem a respeito de como foram produzidos; nada dizem de suas causas e sentidos, até porque condutas semelhantes podem ter causas e sentidos muito diferentes.

Voltando à analogia com a teoria de Freud sobre os processos oníricos, ele salienta que as mesmas imagens ou conteúdos de um sonho manifesto podem ter sentidos diversos ou até opostos, porque tudo depende da trama e dos processos psicológicos que os

24 ABRAM, J. *A linguagem de Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000. p.112.

engendraram; por isso mesmo, não é possível decifrar os sonhos a partir de um código-mestre ou de uma chave de leitura, como fazem muitos manuais de adivinhação populares. A sintomatologia pode ser tomada como um indicador, no entanto, jamais como um diagnóstico que aponte o desenlace de um processo de subjetivação subjacente a um conjunto de condutas manifestas. Nesse sentido, as nosologias geralmente descrevem inúmeras variantes daquilo que seria o objeto central – às vezes, há tantas variantes que a exceção acaba se incorporando à regra.

As descrições dos sintomas da depressão demonstram claramente essa tentativa de enquadrar, na mesma categoria, elementos diversos e heterogêneos. Como se pode notar, nas descrições já arroladas, é comum fazer uso de artifícios de linguagem, como as expressões: *às vezes, frequentemente, a maioria, alguns, pode vir também acompanhado de*, e outras expressões que cobrem uma variedade de condutas, as quais podem ter processos bem distintos em suas esteiras.

A depressão e a melancolia podem ter muitas afinidades de manifestação, mas não são a mesma coisa, sobretudo quando consideramos os processos psicológicos que lhes dão sustentação. É um erro dizer que são simples mudanças de nomenclatura feitas ao sabor de um tempo ou das idiosincrasias de determinado autor. A identificação com o objeto perdido e a presença predominante da culpabilização e da pulsão de morte são os traços distintivos da melancolia em relação à depressão, no tocante aos processos psicológicos subjacentes a ambas.

Outra ponderação a se fazer, talvez essa quanto à Psiquiatria de base biológica, é a seguinte: se no tocante ao corpo é possível falar em doenças e estabelecer padrões de funcionamento normal e patológico, e, conseqüentemente, atribuir às doenças manifestações orgânicas próprias, no caso do psiquismo isso não pode acontecer – pelo menos não na concepção da Psicanálise e de outras teorias contemporâneas. Para Freud, não há diferença substancial entre o funcionamento psicológico normal e o patológico – ambos dispõem de um aparelho e de processos psicológicos comuns. O

que muda é a intensidade ou a predominância de certos processos. A própria depressão e a melancolia podem ser tomadas como exemplos. As duas envolvem processos depressivos e melancólicos. A experiência de perda está em pauta nesses processos: nos primeiros, como a capacidade de sentir perda; nos segundos, como a capacidade de autoacusar-se pela perda. Os processos depressivos e melancólicos são fundamentais e imprescindíveis para a existência humana. Os processos depressivos possibilitam o reconhecimento da separação entre sujeito e objeto, da dependência em relação ao mundo externo e aos outros, a reflexão sobre si mesmo e sobre o mundo, além de tantas outras realizações anímicas valiosas. Os processos subjacentes à melancolia, por sua vez, propiciam um rigoroso autoexame; despertam sentimentos éticos e morais, na medida em que predisõem à avaliação das consequências das ações e dos desejos do sujeito; contribuem para a convivência social ao regular e refrear impulsões desagregadoras e estimular condutas reparadoras.

Por conseguinte, não se trata de procurar uma “doença psíquica” numa presumível deformidade mental, mas de entender como os mesmos processos podem gerar resultados diferentes, sobretudo quando são intensificados e tornam-se hegemônicos. Em outras palavras, poderíamos dizer que, segundo a lógica dialética, é preciso procurar entender como a quantidade se transforma em qualidade.

Não bastasse a confusão criada em torno dos conceitos de *depressão* e *melancolia*, ainda resta uma nuvem maior, que inclui o conceito de *tédio*. À semelhança da depressão e da melancolia, ele também traz consigo manifestações comuns, como a apatia, o cansaço em relação à vida, o desinteresse e outras condutas de retração no que se refere ao mundo. Resta saber se é mais uma peripécia terminológica, uma variante da depressão ou da melancolia, ou, então, um fenômeno que mantém com ambos semelhanças de expressão, mas diferenças substanciais quanto a processos psicológicos e subjetivações de um tempo marcadamente diferente daqueles que fustigaram suas companheiras próximas.

Tédio

*“Não vivo, mal vegeto, duro apenas,
Vazio dos sentidos porque existo;
Não tenho infelizmente sequer penas
E o meu mal é ser alheio (alheio Cristo)
Nestas horas doridas e serenas
Completamente consciente disto.”*

(Fernando Pessoa. “Tédio”)²⁵

Não parece haver uma sintomatologia específica para o sentimento de tédio, por isso é difícil distinguir precisamente entre tantos estados dessa condição, mas poderíamos ressaltar que ele abrange tudo, desde um ligeiro desconforto até uma profunda perda de ânimo e de sentidos para a vida.

É interessante notar o pouco interesse da Psicologia, da Psicanálise e da Psiquiatria no estudo do tédio, talvez por faltar-lhe a gravidade da depressão e da melancolia, que necessitam de uma abordagem terapêutica, seja ela psicoterápica, seja medicamentosa. O interesse fica restrito a outras áreas das Ciências Humanas e Sociais, como a Filosofia e a Sociologia.

Abbagnano,²⁶ ao descrever o tédio, afirma que Giacomo Leopardi via nessa condição a experiência da nulidade de tudo o que existe, uma falta de intensidade. O tédio assim se definiria, para Leopardi:

Nenhum mal, nenhuma dor particular (aliás, a ideia e a natureza do tédio excluem a presença de qualquer mal ou dor particular), mas a simples vida plenamente sentida, experimentada, conhecida, plenamente presente para o indivíduo, e a ocupá-lo.²⁷

25 PESSOA, F. *Novas poesias inéditas*. Lisboa: Ática, 1973. p.465.

26 ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p.1.109.

27 *Ibid.*, p.1.109.

Nesse sentido, segundo Abbagnano,²⁸ o tédio está bem próximo da *náusea* a que se refere Jean-Paul Sartre, que é a indiferença em relação às coisas em sua totalidade.

Svendsen²⁹ destaca que, antes do Romantismo, o tédio não era objeto de reflexão em extensão considerável – parece ter sido um fenômeno marginal, reservado aos monges e à nobreza. Durante muito tempo, foi símbolo de *status*, como prerrogativa dos altos escalões da sociedade, uma vez que esses eram os únicos que possuíam a base material necessária para ele. Com o advento do Romantismo, ele foi, por assim dizer, democratizado e encontrou amplas formas de expressão. À medida que se espalhou por todos os estratos sociais, o fenômeno perdeu sua exclusividade.

Para Svendsen,³⁰ o tédio da modernidade tem amplo efeito e pode ser encarado como um fenômeno relevante para praticamente todos os habitantes do mundo ocidental; segundo ele, o que muitos chamam de *depressão* não é senão um sentimento de tédio em relação à vida cotidiana:

Afirma-se, muitas vezes, que cerca de 10% das pessoas sofrem de depressão no curso da vida. Qual é a diferença entre *tédio profundo* e depressão? Meu palpite é que há considerável superposição. Eu diria também que quase 100% da população sofre de tédio alguma vez ao longo da vida. O tédio não pode ser compreendido simplesmente como idiosincrasia pessoal. É um fenômeno amplo demais para ser satisfatoriamente explicado dessa maneira. Não é apenas um estado mental interior; é também uma característica do mundo, pois participamos de práticas sociais que estão saturadas de tédio.³¹

Ele enfatiza que é perfeitamente possível estar entediado sem ter consciência disso, sem ser capaz de apontar qualquer razão ou

28 Ibid., p.1.109.

29 SVENDSEN, L. *Filosofia do tédio*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2006. p.22.

30 Ibid., p.22.

31 Ibid., p.16.

causa. É um sofrimento sem nome, sem forma, sem objeto. E cita George Bernanos, pároco de uma aldeia, que faz uma excelente descrição da natureza imperceptível do tédio em *Diário de um cura de aldeia*:

Eu me dizia, assim, que os homens são consumidos pelo tédio. Naturalmente, temos que refletir um pouco para perceber isso – não é coisa que se veja de imediato. É uma espécie de poeira. Vamos para cá e para lá sem vê-la, a aspiramos, a comemos, a bebemos, e ela é tão fina que nem sequer range entre nossos dentes. Mas basta pararmos por um momento, e ela assenta como um manto sobre nosso rosto e nossas mãos. Temos de estar a sacudir constantemente de nós essa chuva de cinzas. É por isso que as pessoas são tão agitadas.³²

A agitação decorrente do estado de enfastio perante a vida e a necessidade de quebrar a monotonia da vida cotidiana podem ser observadas na alegria manifesta das multidões eufóricas que enchem as ruas por causa da deflagração de guerras, por mais distantes que estejam, como se celebrassem o fato de que alguma coisa finalmente quebrara a monotonia; ou mesmo na enfurecida população, que sai às ruas em protestos contra crimes hediondos. Contudo, tanto as guerras quanto os crimes hediondos, apesar de mortais, por estarem repetidamente em evidência, em pouco tempo se banalizam e também se tornam mortalmente entediantes.

A banalização pela repetição monótona das situações que, a princípio, promovem a euforia maníaca, paradoxalmente, pode ser vista pelo lado positivo do tédio. Numa tentativa de dizer pelo menos alguma coisa de favorável acerca dessa condição, Svendsen cita o sociólogo Robert Nisbet, para quem “[...] o tédio não pode ser visto apenas como a raiz de muitos males, mas também por ter possivelmente posto fim a muitos males, pela simples razão de que eles se tornaram, pouco a pouco, entediantes demais”.³³ Ele toma como

32 BERNANOS apud SVENDSEN, 2006, p.14.

33 NISBET apud SVENDSEN, 2006, p.17.

exemplo a prática de queimar feitiçeras em fogueiras, sustentando que tal costume não se extinguiu por razões legais, morais ou religiosas, mas simplesmente porque se tornara entediante demais, e as pessoas pensaram: “Quando você viu uma pessoa sendo queimada, já viu todas”.³⁴ Assim como o tédio provavelmente contribuiu para o surgimento da prática da queima das feitiçeras, colaborou para dar-lhe fim. Poderíamos afirmar, portanto, que a sensação subjetiva do sentimento de tédio que impediria a produção de sentidos não se deve apenas à falta de algo, ao vazio, mas também à saturação do mundo em função do excesso.

É o que podemos observar, ainda, nas produções culturais mais próximas de nossa realidade cotidiana, como, por exemplo, a música “Pois é, pra quê?”, composta por Sidney Miller em 1968. Miller despontou como compositor no cenário musical brasileiro na década de 1960 e faleceu precocemente, aos 35 anos de idade. Ele fez uma clara leitura de como a aceleração da vida cotidiana nas décadas de 1960 e 1970 entediava, tornava a vida enfadonha, vazia e monótona – mesmo que tenha sido, como todos sabemos, um período de intensa agitação nos campos político e social do país. Pela cuidadosa construção da composição musical, é importante transcrevê-la na íntegra:

Pois é, pra quê?
(Sidney Miller, 1968)³⁵

O automóvel corre, a lembrança morre
O suor escorre e molha a calçada
Há verdade na rua, há verdade no povo
A mulher toda nua, mais nada de novo
A revolta latente que ninguém vê
E nem sabe se sente, pois é, pra quê?
O imposto, a conta, o bazar barato
O relógio aponta o momento exato

34 Ibid., p.17.

35 MILLER, S. Pois é, pra quê? In: *Brasil, do Guarani ao Guaraná*. [s.l.]: Elenco, 1968. 1LP.

da morte incerta, a gravata enforca
 o sapato aperta, o país exporta
 E na minha porta, ninguém quer ver
 Uma sombra morta, pois é, pra quê?
 Que rapaz é esse, que estranho canto
 Seu rosto é santo, seu canto é tudo
 Saiu do nada, da dor fingida
 desceu a estrada, subiu na vida
 A menina aflita ele não quer ver
 A guitarra excita, pois é, pra quê?
 A fome, a doença, o esporte, a gincana
 A praia compensa o trabalho, a semana
 O chope, o cinema, o amor que atenua
 O tiro no peito, o sangue na rua
 A fome, a doença, não sei mais por que
 Que noite, que lua, meu bem, pra quê?
 O patrão sustenta o café, o almoço
 O jornal comenta, um rapaz tão moço
 O calor aumenta, a família cresce
 O cientista inventa uma flor que parece
 A razão mais segura pra ninguém saber
 De outra flor que tortura, pois é pra quê?
 No fim do mundo há um tesouro
 Quem for primeiro carrega o ouro
 A vida passa no meu cigarro
 Quem tem mais pressa que arranje um carro
 Pra andar ligeiro, sem ter por que
 Sem ter pra onde, pois é, pra quê?

Na composição, Miller contrasta a velocidade e o excesso de estímulos com a lentificação, o vazio, o desinteresse por uma vida despotencializada – enfim, com o tédio –, finalizando as paradoxais frases com a emblemática e entediante pergunta: “Pois é, pra quê?”.

Vimos, desse modo, que o tédio tem certa complexidade e extensão. Se, de um lado, a lentidão, a calma podem incitar a rapidez e a euforia, de outro, a aceleração pode promover a paralisação. Entretanto, uma situação especial de tédio que se faz presente nas

relações afetivas da contemporaneidade é o aborrecimento diante do “outro”, ou seja, um mundo tão facilitador de contatos acaba promovendo um enfastio pelo excesso da presença do “outro”.

O ser humano parece ser traído por aquilo que lhe é mais essencial. Sua constituição singular lhe dá a capacidade de pensar, simbolizar, agir de maneira criativa e transformadora, modificar a si próprio e o ambiente em que vive, enfim, dá-lhe a possibilidade de fazer história. No amplo espectro das possibilidades das realizações humanas está justamente a construção da sociedade, do seu mundo, a edificação do tipo de associatividade, a criação de formas de relacionamento entre os próprios homens – isso tudo é essencial para a sobrevivência da humanidade e para seus destinos.

Se o homem, porém, se diferencia substancialmente dos demais seres vivos por sua capacidade de fazer história, podendo conduzir seu destino, ele continua encontrando sérias dificuldades para concluir uma das principais obras que podem garantir a sustentabilidade de seu mundo e sua sobrevivência: o arranjo do coletivo, a articulação e a sintonia entre os indivíduos.

Embora possua as condições e os recursos necessários para realizar essa tarefa primeira da existência humana – a organização do coletivo –, continua falhando nesse projeto ou encontrando sérias dificuldades para lapidar a convivência e a coexistência em qualquer dimensão, desde os relacionamentos dualistas até aqueles que envolvem contingentes enormes, como o relacionamento entre povos e nações. Paradoxalmente, no caso da humanidade, a associatividade e a convivência passam a significar ameaça e a despertar temor, mais do que proteção, confiança e potência.

No universo humano, a presença do “outro” é problemática, e, pela inexistência de padrões de relacionamento instintivos e herdados, o homem precisa construí-los. O psiquismo se constrói num permanente trabalho de estabelecimento de laços que sustentam o sujeito perante o “outro” e a si mesmo. Não obstante, para a construção desses laços afetivos que alicerçam a construção da subjetividade humana, é fundamental dispor de tempo e espaço. A contração do espaço e a aceleração do tempo, na atualidade, pro-

movem fissuras importantes na constituição do sujeito, levando-o ao encapsulamento narcísico e ao embotamento afetivo, sendo que qualquer situação que venha a promover uma possibilidade de rompimento dessa bolha egossintônica poderá mobilizar defesas mais primitivas. Sob esse viés, a presença do “outro” passa a ser, a princípio, ameaçadora e, posteriormente, entendiante, como já assinalava Simmel,³⁶ ao analisar a nascente cidade moderna depois do século XIX.

Simmel enfatiza as diferenças entre a construção da subjetividade e a produção de sentidos nas grandes cidades, contrastando-as com as das pequenas cidades. Ele afirma ainda que a *intensificação da vida nervosa*, nas grandes cidades, resulta na mudança rápida e ininterrupta de impressões interiores e exteriores. A velocidade e as variedades da vida econômica, profissional e social, a intensidade e a alternância de estímulos, assim como uma vida desmedida de prazeres, levam o indivíduo a assumir um caráter *blasé*:

[...] porque excita os nervos por muito tempo em suas reações mais fortes, até que por fim eles não possuem mais nenhuma reação, também as impressões inofensivas, mediante a rapidez e antagonismo de sua mudança, forçam os nervos a respostas tão violentas, irrompem de modo tão brutal de lá para cá, que extraem dos nervos sua última reserva de forças e, como eles permanecem no mesmo meio, não têm tempo de acumular uma nova. A incapacidade, que assim se origina, de reagir aos novos estímulos com uma energia que lhes seja adequada é precisamente aquele caráter *blasé*, que na verdade se vê em todo filho da cidade grande...³⁷

Simmel sustenta que a essência do caráter *blasé* é o embotamento diante da distinção das coisas, mas não no sentido de que elas não

36 SIMMEL, G. As grandes cidades e a vida de espírito. [Texto original: Die Großstädte und das Geistesleben]. In: *Gesamtausgabe*, v.7. Trad. Leopoldo Waizbort. Frankfurt: M. Suhrkamp, 1995.

37 SIMMEL, 1995, p.581.

sejam percebidas: elas o são, mas seu significado e seus valores são sentidos como nulos. Elas aparecem ao *blasé* com uma tonalidade acinzentada e baça. Podemos entender a atitude *blasé*, incrustada na vida da cidade moderna, como um tédio no que concerne ao coletivo, ao “outro”; como uma diminuição do interesse pelo público, pela política, enfim, como esmaecimento da potência de vida.

Ao procurarmos diferenciar os conceitos de *tédio*, *melancolia* e *depressão*, podemos observar que no estudo da gênese da depressão, do luto e da melancolia estão, em maior ou menor intensidade, o sentimento inconsciente de culpa, o lamento associado à experiência da perda dos objetos psicologicamente significativos, a percepção da importância do objeto e da extrema dependência do sujeito em relação ao mundo, sobretudo quanto aos objetos perdidos e ao desejo de reavê-los, assim como à consequente incriminalização, à culpabilização ligada à perda.

À semelhança da depressão e da melancolia, o tédio traz consigo manifestações comuns, como a apatia, o cansaço em relação à vida, o desinteresse e outras condutas de retração no que se refere ao mundo, mas se diferencia da depressão e da melancolia pelo vazio dos sentidos, pela ausência de qualquer mal ou dor associada com a perda de um objeto amoroso ou de um ideal.

Coran escreve sobre a diferença entre o tédio e a depressão: “[...] na depressão, a dor é localizada, enquanto o tédio evoca um mal sem nenhuma localização, sem nenhuma base, sem nada, exceto esse nada inidentificável que nos corrói”.³⁸ A questão do tédio, portanto, é a falta de sentido, do vazio, da temporalidade, que não possibilita a produção de vínculos. É importante ressaltar que no tédio não há uma positividade no sofrimento. É um estado de espírito tipificado pela falta de qualidade, pela despotencialização do sujeito diante do mundo e dele mesmo, seja pela falta de estímulos, seja pelo excesso.

38 CORAN apud SVENDSEN, 2006, p.45.

2

Mutações e o pós-humano: a construção da subjetividade do sujeito contemporâneo

Nesse período em que a sociedade e a cultura sofrem intensas mudanças e transformações de paradigmas e valores, a ciência é um dos grandes palcos nos quais se travam as lutas e as transformações do mundo e do homem.

Em seus trabalhos seminais sobre a história da ciência, Thomas Kuhn¹ toma como base o conceito de *paradigma*, entendendo-o como as realizações científicas que geram modelos que, por períodos mais ou menos longos e de modo mais ou menos explícito, orientam o desenvolvimento posterior das pesquisas. Esses modelos possuem uma série de elementos sociais, econômicos e culturais que permanecem estáveis por um longo tempo, até que um período de desequilíbrio, incertezas e instabilidade começa a surgir, delineando, então, outros modelos e levando a um período de transição e ruptura com o antigo, antes que haja nova acomodação e estabilidade.

Dessa forma, a ciência moderna assentou-se sobre o modelo de racionalidade que emergiu da revolução científica do século XVI, com a crise do feudalismo e o início do modo de produção capitalista, época marcada pela ascensão da burguesia ao poder econômico

1 KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998. p.67.

e político. Nos séculos XVII e XVIII, tal mudança foi acompanhada pelo advento da ciência e da filosofia modernas, que tiveram Newton e Descartes como figuras mestras. Configuraram-se, nesse período, os ideários da Revolução Francesa de 1779 e o pensamento Iluminista, com Spinoza, Descartes, Kant e Comte, em oposição ao pensamento teológico da Idade Média. Esgotaram-se as concepções teocentristas características da época medieval, que foram substituídas por uma nova visão antropocêntrica de mundo. Isso corresponde à vigência das concepções de *tempo* e *história* como progressão linear, que nega o caráter racional a todas as formas de conhecimento que não são pautadas por seus princípios epistemológicos e suas regras metodológicas.

Esses princípios foram desenvolvidos, inicialmente, no domínio das ciências naturais, e, no século XIX, estenderam-se para as demais ciências, sob a influência do positivismo de Augusto Comte. A partir de então, pode-se falar de um modelo global de racionalidade científica em que só há duas formas de conhecimento científico: as disciplinas formais da lógica e da matemática e as ciências empíricas. De acordo com o modelo mecanicista das ciências naturais, as ciências humanas e sociais nasceram para ser empíricas.

No paradigma moderno, a verdade somente pode ser confirmada pelos olhos da razão – ela precisa ser vista, palpada, medida. O rigor científico afere-se pelo rigor das medições. As ideias que presidem à observação e à experimentação são claras e simples, e por meio delas pode-se ascender a um conhecimento mais profundo e mais rigoroso da natureza. Trata-se do mecanicismo da física newtoniana, em que o mundo é matéria e o passado repete-se no futuro. São ideias de ordem e de estabilidade, em que tudo se pode comprovar por meio das leis da Física e da Matemática.

Desse lugar central da Matemática, Santos² assinala duas consequências principais: 1) *conhecer* significa *quantificar*, e o rigor científico afere-se pelo rigor das medições, desqualificando as qua-

2 SANTOS, B. S. *Um discurso sobre as ciências*. 12. ed. Porto: Afrontamento, 1987, p.142.

lidades intrínsecas do objeto e relegando tudo o que não possa ser quantificável, considerando-o irrelevante; 2) o método científico assenta-se na redução da complexidade. *Conhecer* significa *dividir* e *classificar*, para depois poder *determinar* relações sistemáticas entre o que se separou.

Todavia, conforme Kuhn,³ se a ciência é a reunião de fatos, teorias e métodos sintetizados nos textos atuais, logo, os cientistas são homens que, com ou sem sucesso, empenharam-se para contribuir com um ou outro elemento para essa constelação específica. Entende, por conseguinte, que a ciência moderna não se desenvolveu por acumulação de conhecimentos, mas por meio de um processo de adição de conhecimento e técnica adequados aos paradigmas dominantes, e inibição e supressão daquilo que os cientistas consideraram erro ou superstição.

As teorias obsoletas não são acientíficas, em princípio, somente porque foram descartadas. O estudo atual da ciência exige o registro tanto do acúmulo de conhecimentos adquiridos pela ciência moderna como dos obstáculos que inibiram seu desenvolvimento. É a isso que Kuhn denomina “revoluções científicas”, que são

[...] os episódios extraordinários nos quais ocorre uma alteração de compromissos profissionais. As revoluções científicas são os complementos desintegradores da tradição à qual a atividade da ciência normal está ligada.⁴

Cada revolução científica altera a estrutura histórica da comunidade que a experimenta, de sorte que essa mudança de perspectiva afeta a estrutura das publicações de pesquisa e dos manuais do período pós-revolucionário. A ciência não se limita a crescer; ela se transforma.

A ciência não só evolui progressiva e seletivamente, mas também revolucionariamente nos níveis dos princípios de explicação ou

3 KUHN, 1998, p.20.

4 Ibid., p.20.

paradigmas que comandam nossa visão do mundo; não é a visão do mundo que se alarga mais, mas a própria estrutura da visão do mundo que se transforma.⁵

A crise do modelo de racionalidade, inserido no paradigma moderno, iniciou-se justamente nas áreas do conhecimento que mais a solidificavam: as ciências naturais. A revolução científica na Física, com Einstein e a teoria da relatividade e da simultaneidade; na Mecânica Quântica, com o princípio da incerteza de Heisenberg, que demonstra a interferência estrutural do sujeito no objeto observado; as transformações que estão se operando na Biociência, na Neurociência e na Engenharia Genética; as reviravoltas nos procedimentos metodológicos e nos processos de legitimação da ciência; a velocidade das mutações econômicas e políticas; as mudanças de paradigmas na produção de imagens e sons por meio da informática; as profundas mudanças sociais e culturais – tudo isso nos mostra a fragilidade, a crise e até mesmo a superação do paradigma moderno.

No entanto, apesar das evidências de transformações profundas nas matrizes econômicas, sociopolíticas, culturais e psicológicas da modernidade, ainda restam dúvidas e grandes divergências sobre a avaliação da extensão de tais transformações, sobretudo no que diz respeito a tomá-las como sinal do advento de uma nova era.

É possível que estejamos vivendo um novo tempo, em que se mudam paradigmas e conceitos tanto da ciência quanto de outras esferas da vida, uma época de esgotamento de tudo o que significava *moderno*, ou seja, a crença no valor do novo, no positivismo científico, nas utopias idealistas. A essa nova época alguns filósofos e sociólogos, como Baudrillard, Bauman, Giddens, Harvey, Lyotard, Jameson, Huyssens, entre outros, chamam de *pós-moderna* e *pós-modernidade*. Não obstante, há também os que preferem não utilizar essa designação, como Edgar Morin, que, de um lado, concorda em que há uma crise nos paradigmas da modernidade, de

5 KUHN apud MORIN, E. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. p.149.

outro, acredita que os termos *pós* e *neo* implicam uma “[...] simplificação semântica, uma homogeneização cultural, pois ainda não vimos a cara do que está para emergir”.⁶

Para Santaella,⁷ a despeito de o termo *pós-moderno* ter sido empregado pela primeira vez em 1934, foi somente no início dos anos 1970 que o conceito de *pós-modernidade* se inseriu fortemente nas diversas formas de manifestação cultural. No final da década de 1970, o pós-moderno já se instalava igualmente na Europa, a partir de Paris e Frankfurt, e tiveram início os debates entre aqueles que defendiam o pós-moderno como movimento revolucionário de mudança e aqueles que acreditavam que era apenas a continuação de um projeto inacabado da modernidade.

Para melhor orientação, Santaella⁸ faz uma divisão, em que procura demarcar linearmente três momentos: a *Idade Moderna*, que vai do Renascimento até o século XIX; a fase de transição e demolição dos valores modernos, que corresponde àquilo que foi batizado de *Modernismo*, vigente até por volta dos anos 1960 e 1970; e, desse tempo em diante, a *idade pós-moderna*, que também é chamada de *pós-industrial*, *pós-histórica*, *era da comunicação*, *informática*, *telemática*, abrindo as portas para uma nova *idade pós-mídia-intermídia*. Nas artes, a referida autora procura usar os termos *modernismo* e *pós-modernismo*, ao passo que, na teoria social, adota a denominação *modernidade* e *pós-modernidade*.

Jamenson,⁹ em 1984, destacou quatro posições gerais assumidas no discurso pós-moderno:

Há os defensores do pós-moderno a partir do ponto de vista antitmodernista – esta expressão crítica aparece com mais força na arquitetura, que procura um novo sentido do universo urbano oposto à ortodoxia do modernismo que, “[...] na proliferação

6 MORIN apud SCHNITMAN, D. et al. *Novos paradigmas: cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p.289.

7 SANTAELLA, L. *Cultura de mídias*. 2. ed. São Paulo: Experimento, 2000. p.69.

8 Ibid.

9 JAMENSON apud SANTAELLA, 2000, p.70.

desmesurada de arrogantes e monumentais caixas de vidro, transformou a cidade em gigantescos emblemas dos poderosos”. Há os que defendem uma posição pró-modernismo/anti-pós-modernista. O maior representante dessa posição é Habermas, que coloca a modernidade como um projeto ainda inacabado e propõe o resgate do poder emancipatório, utópico, crítico, subvertor e opositivo do projeto modernista. Repudia as práticas pós-modernas considerando-as reacionárias por considerá-las uma revolta contra a falência da razão e por se aliarem a forças políticas neoconservadoras.

Uma terceira posição tem como representante Lyotard, que utiliza o conceito de *pós-moderno* como uma promessa de retorno e reinvenção do poder subvertor do modernismo. “É uma espécie de fé nas possibilidades inscritas em novas formas sociais que um período pós-industrial estaria colocando em plena emergência.” Uma quarta posição é dos neolukacsianos, que veem o pós-moderno como “[...] mera degeneração dos impulsos já estigmatizados do próprio modernismo” e tem como representante central o arquiteto M. Tafuri. Com uma visão marxista clássica, os defensores dessa posição acreditam que, para haver uma transformação radical da cultura, antes tem que haver uma revolução radical das relações sociais.¹⁰

No fervor das controvérsias, a autora apresenta uma síntese das marcas do pensamento pós-moderno:

O privilégio da heterogeneidade e da diferença como forças libertadoras, a fragmentação, a indeterminação e a intensa desconfiância em relação a todos os discursos universais ou totalizantes; a redescoberta do pragmatismo na filosofia, a mudança de ideia sobre a filosofia da ciência, promovida por Kuhn e Feyerabend; a ênfase foucaultiana na descontinuidade e na diferença na história e na primazia dada por ele a “correlações polimorfias em vez da causalidade simples ou complexa”; novas descobertas na Matemática – acentuando a indeterminação (a teoria da catástrofe e do

10 SANTAELLA, 2000, p.71-72.

caos, a geometria dos fractais); o ressurgimento de preocupação na ética, na política e antropologia, com a validade e a dignidade do outro.¹¹

A exaltação da diferença, a promoção da mixagem e a renúncia à postura de controle absoluto do ideário pós-moderno confrontaram-se com o ideário moderno de ordem e pureza, que influenciou profundamente a ciência, a política e o cotidiano. Ordem e pureza, segundo Bauman,¹² foram dois valores-chave da modernidade, amplamente espalhados e sustentadores das grandes realizações e utopias desse tempo. Ainda que a modernidade tenha surgido apreendendo a revolução, a ruptura com o antigo e a exaltação do novo, visando soterrar as estruturas econômicas, políticas e ideológicas anteriores, acabou impondo uma nova ordem autoproclamada como solução final para os problemas do mundo e da humanidade. Enfim, a “liberdade, a ordem e o progresso”, alavancados pela ciência, realizariam o sonho de felicidade.

Tratava-se, portanto, de reorganizar o mundo, colocando tudo no seu devido lugar, com mapeamentos precisos de tempo e espaço. A cronometria e a geometria passaram a imperar, delimitando fronteiras rígidas e criando lugares específicos e momentos apropriados, sem deixar escapar de categorizações e classificações qualquer elemento da natureza ou da mundaneidade. Foi o período áureo das instituições (hospitais, presídios, manicômios, escolas, família nuclear, fábricas, sindicatos e tantas outras), cujo propósito era encaixar cada coisa em seu lugar e obter o controle e a eficiência do funcionamento da nova ordem. A obsessão pela ordem trouxe como correlativo o expurgo da sujeira. O que não estivesse encaixado em algum lugar, manchando a pureza pretendida, deveria ser varrido para algum canto, para evitar qualquer possibilidade de desarranjo ou produção de desordem. As medidas higienistas e profiláticas afloraram nesse período e foram amplamente aplicadas no campo

11 Ibid., p.123.

12 BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.15.

da saúde, da educação e da política. Grandes utopias sociais desse período, como o nazismo e o comunismo, cada qual a seu modo, alimentaram-se desse sonho de pureza, imaginando uma sociedade livre das pragas que julgavam corroer o mundo.

A ciência moderna, invadida pelo ideário de ordem e pureza, não poupou esforços no sentido de procurar medir, classificar, ordenar, isolar elementos perturbadores, desfazer o caos, “descobrir” leis e princípios de funcionamento das coisas, mapear toda a cadeia causal que regeria o mundo, e assim por diante. Ela própria seguiu os preceitos desse tempo, organizando-se rigidamente em áreas de conhecimento, disciplinas, especialidades, correntes teóricas, escolas e muitas outras segmentações. O purismo científico, dentre outras tantas manifestações, fez-se presente – como ainda ocorre – na rígida adesão a uma escola de pensamento ou teoria, não comportando desvios ou heresias. Por exemplo, a própria Psicanálise e Freud levaram às últimas consequências o ideal de *pureza*. Freud expulsava da Psicanálise todos os que via como hereges – os impuros.

O sonho messiânico de ordem, pureza e racionalidade técnica, como caminho seguro da humanidade rumo à felicidade, porém, está mostrando sua inviabilidade. A realidade está se revelando mais emaranhada, instável, caótica e embrenhada no próprio homem do que previam o reducionismo e o objetivismo da ciência moderna. A acumulação flexível do capitalismo atual e a compressão tempo-espço, conforme Harvey,¹³ forçam processos de mobilidade cada vez maiores, inviabilizando práticas concentradoras, verticalizadas, sedentárias e segregadoras típicas da modernidade clássica.

De acordo com Justo,¹⁴ o próprio debate sobre se há ou não novos paradigmas despontando – ou seja, se há ou não mudanças significativas que possam delimitar outra fase da história – é uma prova dessa dificuldade de compreender os acontecimentos, o funcionamento do mundo atual e suas feições:

13 HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. 17 ed. São Paulo: Loyola, 2008.

14 JUSTO, J. S. Criatividade no mundo contemporâneo. In: VASCONCELOS, M. S. (Org.). *Criatividade*. São Paulo: Moderna, 2001. p.61.

Surgem conceitos e denominações diferentes para designar períodos da história recente. Modernidade, Pós-modernidade, Sociedade Pós-Industrial, Sociedade de Controle, Sociedade do Espetáculo, Sociedade Pós-histórica, e assim por diante. O que exatamente designaria cada uma dessas nomeações? Elas demarcariam períodos distintos da economia, da organização social, da cultura ou simplesmente seriam modismos passageiros ou expressões de diferentes estágios do capitalismo? Essas são algumas questões que alimentam a polêmica, tão candente, que faz muitos fugirem até mesmo do emprego desses termos.¹⁵

Para o autor, a questão principal não é apenas o conjunto de transformações ou mutações que caracteriza a contemporaneidade, pois, há muito tempo, o homem descobriu que o Universo, seu mundo e ele mesmo encontram-se em constante mutação. A questão principal é a velocidade com que as mudanças se processam:

Nada está inerte, paralisado e eternizado; ao contrário, tudo existe em movimento, em processo de mudança. Portanto, a constatação de que o mundo atual encontra-se em estado de metamorfose não traz nenhuma novidade. Porém, é difícil não se deixar tomar por alguma perplexidade diante da velocidade com a qual as mudanças se processam na atualidade.¹⁶

Pela velocidade das transformações, Justo salienta que se torna difícil compreender o que se passa no nosso tempo: “[...] e mais difícil ainda é vislumbrar as possibilidades do presente e as perspectivas do futuro. Com efeito, nunca é fácil elaborar uma avaliação crítica de uma situação avassaladoramente presente”.¹⁷ As dificuldades assinaladas por Justo no tocante às definições para estabelecimento de novos conceitos talvez estejam na tendência de ainda encararmos a ciência sob o prisma da ciência

15 Ibid., p.60.

16 Ibid., p.59.

17 HARVEY apud JUSTO, 2001, p.60.

moderna, iluminista, de tentar qualificar, quantificar e compartimentalizar os saberes. Quanto mais tentamos nos libertar das amarras dos paradigmas que caracterizaram a visão cartesiana de mundo, mais nos vemos atraídos por ela, já que a reflexão simplista gera menos angústias e polêmicas.

Mas não há como se esquivar e negar as velozes mudanças. Assim como a velocidade das mudanças incide poderosamente sobre a sociedade, também velozes são as mudanças conceituais, não por beleza estética, mas por necessidade. A velocidade, a aceleração do tempo e a ampliação do espaço são fatos; por conseguinte, é “melhor correr para não ser atropelado”. Assim, de acordo com Justo e Rocha,¹⁸ depois de ter assimilado a noção de *pós-moderno* em seu livro *O mal-estar da pós-modernidade*, Bauman,¹⁹ recuou e passou a usar e abusar da metáfora dos líquidos para caracterizar a atualidade como uma “modernidade líquida”.²⁰

A modernidade líquida²¹ caracteriza-se pelas amplas cineses e pela mobilidade que colocam o sujeito em constante movimento. A solidez dos territórios psicossociais, resistentes, estáveis e seguros, está sendo substituída pela fluidez e pela maleabilidade própria dos líquidos:

Tal como a água que escoo do degelo, o derretimento da solidez psicossocial põe subjetividades em movimento, fazendo-as sulcar caminhos, encontrar direções, modelar-se ao formato e às pressões das superfícies que direcionam sua movimentação. Premido pela aceleração do tempo e pela ampliação do espaço, surge o flandador equilibrando-se sobre superfícies móveis e instáveis.²²

18 JUSTO, J. S.; ROCHA, L. C. Dromologia e trabalho na contemporaneidade: o caso dos andarilhos. In: Encontros de Psicologia Unesp, XIX. *Anais...* Assis, 2006. Disponível em: <www.assis.unesp.br/encontrosdepsicologia>. Acesso em: 14 fev. 2009.

19 BAUMAN, 1998.

20 BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

21 JUSTO; ROCHA, 2006.

22 *Ibid.*, p.1.

De forma ainda mais ousada nas propostas de novas definições que podem explicar com alguma clareza as transformações e mutações operantes na contemporaneidade, Justo avança nos conceitos e define a *pós-modernidade* como um estado gasoso da subjetividade.²³ Procurando radicalizar a metáfora dos líquidos utilizada por Bauman para situar os tempos atuais, ele enfatiza que, nos dias de hoje, o estado da matéria que corresponderia à maneira como o homem vive o mundo já não seria nem o sólido, típico da Antiguidade, nem o líquido, típico da modernidade, mas o gasoso, bem mais volátil, maleável, expansível, flutuante e trajetivo.

Sabemos que os diferentes estados de agregação da matéria correspondem ao maior ou ao menor grau de liberdade das partículas, ou seja, de sua velocidade. Assim, no estado sólido, essas partículas encontram-se muito próximas umas das outras e formam, com frequência, estruturas ordenadas ou redes cristalinas. Nesse caso, as forças entre as partículas são de tal modo intensas que pouco se afastam da posição de equilíbrio. As oscilações à volta dessa posição de equilíbrio estão relacionadas com a temperatura do sólido e serão tanto maiores quanto mais alta for a temperatura. Com o aumento da temperatura, ocorre o aumento da velocidade; assim, as partículas podem afastar-se completamente das posições fixas, destruindo-se a estrutura sólida. Quando, porém, forças de coesão se mantêm entre elas, diz-se que a substância encontra-se no estado líquido. Elevando-se ainda mais a temperatura, as partículas podem adquirir energia cinética (velocidade) suficiente para abandonar a superfície do líquido, passando ao estado gasoso. No estado gasoso, as forças entre as partículas são mais fracas, e tornam-se mais importantes as interações por meio de colisões.

A subjetividade, na Antiguidade ou mesmo na modernidade clássica, estaria num suposto estado sólido, caracterizado pelo sujeito racional, estabilizado, solidificado numa estrutura psicossocial e político-cultural aparentemente densa, contrapondo-se à cons-

23 A expressão *sociedade gasosa* foi empregada por Justo na mesa-redonda “Adolescência, modernidade e pós-modernidade”. Unesp Assis, 2/12/2005, que contou com a presença de José Ottoni Outeiral.

trução da subjetividade na modernidade gasosa ou na pós-modernidade, com a vaporização de vínculos decorrentes da aceleração do tempo e da ampliação dos espaços.

É preciso aqui fazer novamente alguns esclarecimentos quanto à periodização da História, sempre sujeita a contestações e polêmicas. Quanto à diferenciação de períodos distintos dentro da chamada *modernidade*, estou me pautando pela proposição de Berman,²⁴ que a divide em três momentos. Um primeiro, que iria do século XVI até meados do século XVIII, que ele caracteriza como um período no qual há uma percepção e um sentimento de que grandes mudanças estão em curso nos planos econômico, político, social e na subjetividade, mas tais mudanças ainda não teriam mostrado plenamente suas feições. Já a segunda metade do século XVIII e o século XIX, período chamado por ele de *Modernismo*, teria marcado um momento de grande ebulição, no qual o homem teria vivido uma experiência de “desmanche”, de derretimento dos sólidos que caracterizavam seu mundo; e, na sequência, a partir do século XX, período denominado *modernização*, o homem teria vivido a experiência da *modernização* do mundo, isto é, uma época de expansão e assentamento dos ideários da modernidade e suas instituições.

Dessa forma, a modernidade teria desmanchado os sólidos do antigo regime, sobretudo no período do Modernismo, para depois instituir seus próprios sólidos. Por isso, Bauman,²⁵ abdicando do conceito de *pós-modernidade*, enfatizou o retorno ao estado de liquidação na modernidade atual, considerando-o um estado que lhe é típico, mesmo tendo ocorrido um período solidificador, não havendo, por conseguinte, necessidade de cunhar outra denominação para o momento atual vivido pelo homem.

De minha parte, não vejo problema na utilização do conceito de *pós-modernidade* para designar uma diferença substancial dos tempos atuais para o tempo da modernidade clássica, especialmente em

24 BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.85.

25 BAUMAN, 2001, p.9.

sua fase de modernização. Ainda que a modernidade, depois de um soluço solidificador, tenha retomado sua verve liquidificadora, é mister reconhecer que os tempos atuais propiciam uma experiência da fluidez e do desmanche do próprio sujeito e do mundo diferente daquela do período do modernismo. Como enfatiza Harvey:

Começo com o que parece ser o fato mais espantoso sobre o pós-modernismo: sua total aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico que formavam uma metade do conceito baudelairiano de modernidade. Mas o pós-modernismo responde a isso de uma maneira bem particular; ele não tenta transcendê-lo, opor-se a ele e sequer definir os elementos “eternos e imutáveis” que poderiam estar contidos nele. O pós-modernismo nada, e até se espoja, nas fragmentárias e caóticas correntes da mudança, como se isso fosse tudo o que existisse.²⁶

Assim, o fato primordial do contemporâneo não é tão somente a compressão tempo-espço ou a aceleração da vida, mas a incorporação ou a naturalização dessa experiência. Não se trata mais, como sublinha Harvey, de se posicionar diante um acontecimento espantoso, até porque ele já não causa qualquer sentimento de estranhamento ou de perplexidade. É tratado como um fato, como algo dado e, além disso, como algo precioso que precisa ser cultivado e potencializado. Se as imagens de aceleração, como a célebre cena de um trem projetando-se sobre o público nas primeiras exibições cinematográficas em Paris, em 1895, causavam preocupação, temor, desconfiança e reações de susto e vertigem, hoje são rotineiras e levadas ao extremo como experiência de gozo. Os chamados *esportes radicais* mostram bem essa atração pela velocidade, pelo risco, pelo imprevisto, pela incerteza, enfim, pela volatilidade – propriedade dos gasosos. O volúvel é caracterizado pela inconstância, bem à feição da vida hoje – vida que ultrapassa a plasticidade e a mobilidade do líquido, que, embora seja capaz de escoar, de abandonar posições estáveis e pontos de fixação, mantém o grau de coesão das

26 HARVEY, 2008. p.49.

partículas que o compõem, preservando marcas identitárias e certos assentamentos. A vida gasosa é muito mais etérea, elevada, descolada de superfícies, desprendida de ancoragens. Nem poderia ser de outra forma, ou melhor, não poderia proceder de outro estado da matéria, que não o gasoso, uma vida cuja aceleração a desprende cada vez mais de espaços determinados, de *lugares* tais como são definidos por Augé:

Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar. A hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade é produtora de não lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram os lugares antigos: estes, repertoriados, classificados e promovidos a “lugares de memória”, ocupam aí um lugar circunscrito e específico. Um mundo onde se nasce numa clínica e se morre num hospital, onde se multiplicam os pontos de trânsito e as ocupações provisórias (as cadeias de hotéis e os terrenos invadidos, os clubes de férias, os acampamentos de refugiados ou a perenidade que aparece), onde se desenvolve uma rede de transportes que são também espaços habitados, um mundo assim prometido à individualidade solitária, à passagem, ao provisório e ao efêmero, propõe ao antropólogo, como aos outros, um objeto novo cujas dimensões inéditas convém calcular antes de se perguntar a que olhar ele está sujeito.²⁷

A vida produzida nos “não lugares” da atualidade é aquela evaporada, à moda da transformação do estado líquido em gasoso. É uma vida em estado de suspensão, que se desprende de territórios, de lugares identitários, se eleva da crosta terrestre e se movimenta como se estivesse flutuando no ar. Uma vida “livre, leve e solta”, como se diz quando se quer falar de algo à deriva.

27 AUGÉ, M. *Não lugares*: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994. p.73-74.

À semelhança do que acontece com as partículas da matéria, a vida gasosa, nos não lugares, também cria dispersão e colisão entre suas partículas (os indivíduos), fazendo que sejam capazes de se distanciar, de se agitar cineticamente e percorrer rotas diversas – às vezes em sincronia, outras em dessintonia –, gerando colisões. A imagem do sujeito contemporâneo é a do flanador, aquele que paira no ar, vagando de um ponto a outro, de um lugar a outro, sempre de passagem, em constante trânsito por um espaço vazio e amplamente aberto à circulação.

O tempo, conforme ressalta Harvey,²⁸ conspira contra o espaço transformado em lugar, em solo identitário de fixação e produção de enraizamentos. Sua aceleração impede permanências e durabilidade, imprescindíveis para a criação de lugares. Quanto maior a velocidade, mais as espacialidades tornam-se lisas, planas e superficiais; eliminam-se eventuais atritos ou eles são bastante suavizados para facilitar a mobilidade. Tal como ocorre inevitavelmente com um viajante, quanto mais rapidamente se passa pelos lugares, mais achatada e homogênea é sua experiência, e tanto mais isso vai nivelar superfícies e torná-las lisas. Também poderíamos enfatizar, dando continuidade à metáfora da evaporação, que quanto maior a velocidade do sujeito, maior sua tendência a desprender-se do solo e alçar voo, diluindo-se no ar. Essa parece ser a condição do sujeito na atualidade: mais do que simples fraturas ou fragmentações, como assinalam muitos autores, trata-se de uma poeira flinando no ar.

Entretanto, a polêmica que circunda a possibilidade de uma transição paradigmática em curso, no bojo da qual o modelo da modernidade estaria cedendo lugar para outro modelo, o *pós-moderno*, capaz de demarcar um novo período na história da humanidade, está longe de especulações ainda mais arrojadas. Há quem visualize nas transformações da atualidade não apenas um processo de mudança, mas uma verdadeira mutação – tão radical que o próprio homem deixaria de ser o elo de continuidade entre um período e outro da História.

28 HARVEY, 2008, p.185.

Na própria ciência, seria possível visualizar o deslocamento do homem ou a constituição de um homem pós-orgânico, conforme apontam alguns autores.²⁹ A ciência moderna, inspirada no mito de Prometeu, que tinha o homem como destinatário da chama do conhecimento roubada dos deuses, estaria sendo substituída por uma ciência fáustica, que teria como destinatário o próprio avanço técnico, independentemente de suas consequências para a humanidade.

Mutação e o mundo pós-humano

A vertiginosa velocidade das transformações que assolam a sociedade e a cultura está intimamente associada aos avanços tecnológicos. De acordo com Santaella,³⁰ na pós-modernidade, a mudança tecnológica acelerada altera a própria evolução do ser humano; como exemplo, cita a expansão da rede neuronal. Se nos conceitos clássicos da ciência moderna a evolução do cérebro humano tinha como paradigma de desenvolvimento o *biológico*, representado pelo neurônio e por suas conexões, cuja expansão teria como limite a caixa óssea craniana, para Santaella,³¹ funcionalmente, essa expansão se processa para além dos limites mecânicos do corpo humano. Quando nos conectamos à internet, a expansão neuronal ultrapassa os limites físicos e se conecta a uma rede de informações globalizadas. Se antes os limites eram dados pela anatomia, hoje a neurociência mostra-nos que o cérebro humano, assim como já se dava com outras partes do corpo, pode ser prolongado nas máquinas, que passariam a funcionar como próteses cerebrais. Temos como exemplo a fusão da Medicina com a Mecatrônica: é admirável como médicos cirurgiões, após um treinamento motor, realizam cirurgias e até mesmo microcirurgias robotizadas a longas distâncias, com o cérebro

29 MARTINS, H., 1996; SIBILIA, P. *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

30 SANTAELLA, 2000.

31 Ibid.

desse cirurgiões reconhecendo como parte de seu corpo os braços mecânicos ligados a um computador conectado à internet.

Em edição especial, a revista *Caros Amigos*³² trata de um tema no mínimo instigante: “Pós-humano – O desconcertante mundo novo”. Já no editorial, a revista cita um texto de Max More escrito em 1997:

Nos próximos cinquenta anos, a inteligência artificial, a nanotecnologia, a engenharia genética e outras tecnologias permitirão aos seres humanos transcender as limitações do corpo. O ciclo da vida ultrapassará um século. Nossos sentidos e nossa cognição serão ampliados. Ganharemos maior controle sobre nossas emoções e memória. Nossos corpos e cérebros serão envolvidos e se fundirão com o poderio computacional. Usaremos essas tecnologias para redesenhar a nós e nossos filhos em diversas formas de pós-humanidade.³³

Fundador do Extropy Institute, uma entidade que defende “[...] o uso da tecnologia para melhorar a saúde do homem, aumentar sua inteligência e aperfeiçoar sistemas sociais”,³⁴ Max More não estaria otimista demais quanto ao futuro do ser humano? Será que realmente uma nova geração, que se caracterizaria pela velocidade de ação, por meio da ampliação dos sentidos e da cognição, estaria em um desenvolvimento desenfreado? Seria uma evolução necessária para que se possam manipular e controlar máquinas altamente sofisticadas com uma rapidez não somente motora, mas também cognitiva? Se olharmos para o comando de direção de um carro de Fórmula 1, é quase impossível imaginarmos como um jovem piloto pode comandar, ao mesmo tempo, com extrema rapidez e eficiência, uma parafernália de botões, luzes de alerta e comunicações com engenheiros nos boxes. Estaríamos diante da formação de uma ge-

32 MANERA, R. Máquinas como nós? *Revista Caros Amigos* – Edição Especial: pós-humano, o desconcertante mundo novo. São Paulo: Casa Amarela, n.36, p.5, ano XI, 2007. p.3.

33 *Ibid.*, p.3.

34 MANERA, R. Onde vamos parar? *Revista Caros Amigos* – Edição Especial: pós-humano, o desconcertante mundo novo. São Paulo: Casa Amarela, n.36, p.3, ano XI, 2007.

ração apta a pilotar naves espaciais e a viver em estações espaciais? Seria Max More um visionário?

Não há dúvidas de que o tempo vem ganhando velocidade crescente. Como destacamos, Raymond Kurzweil³⁵ afirma que o computador atingirá um estágio de desenvolvimento “mental” igual ao de seu criador e será funcionalmente mais capaz do que o próprio homem, a ponto de torná-lo obsoleto. Ao fazer a estimativa de que os *chips* de computadores poderão ser milhões de vezes mais poderosos que os atuais, Oliveira³⁶ salienta também uma artificialização generalizada, produzida pelas três grandes promessas de inovação tecnológica: a *robótica* (produção de sistemas capazes de comportamentos autônomos), a *biotecnologia* (manipulação de componentes dos seres vivos, incluindo o código genético) e a *nanotecnologia* (fabricação de dispositivos moleculares), que seriam capazes de produzir híbridos de humano e inumano.³⁷

À medida que aumenta o poder de manipular objetos em escala molecular, a tendência é de haver uma crescente integração entre componentes orgânicos, gerados biologicamente, e componentes eletrônicos, fabricados artificialmente. Sínteses de carbono e de silício, essa fusão se daria por uma real mescla de formas, pela interpenetração entre terminais nervosos orgânicos e semicondutores; a perspectiva, por conseguinte, é a de que nosso devir seja nos tornar *cyborgs*, híbridos de células e *chips*.

Jair Ferreira dos Santos, autor do livro *Breve, o pós-humano*,³⁸ concorda que vivemos hoje uma revolução artificial em que as tecnologias de informação estão redefinindo a natureza humana. “Acabou a revolução natural do homem. A interação maior do ser humano

35 Ibid., p.5.

36 OLIVEIRA, L. A. O tempo é de caos? *Revista Caros Amigos* – Edição Especial: pós-humano, o desconcertante mundo novo. São Paulo: Casa Amarela, n.36, p.17-18, ano XI, 2007. p.17.

37 Ibid., p.17.

38 SANTOS, J. F. *Breve, o pós-humano*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2003. p.19.

não é mais com a natureza e sim com as máquinas inteligentes. O que vivemos agora é a revolução artificial do homem [...]”.³⁹

Apesar de afirmar que as linhas de força estão orientando para uma nova era – a era *pós-humana* –, Santos acredita que a ecologia vá chegar primeiro: “Trata-se do que defino como a ‘reanimização’ do homem, que é o contrário do pós-humano. Se o homem não voltar a ser animal, não haverá saída”.⁴⁰

Para Santos,⁴¹ vivemos num tempo em que a ficção científica deixou de ser um sinônimo de fantasia para tornar-se cifra de uma nova era: “[...] é a expressão de uma realidade potencial, que é parte de nossa realidade e que se manifesta ao mesmo tempo como ficção da ciência e ciência da ficção”. Para sustentar sua afirmação, cita John More:

A ficção científica é o presente. Nós vivemos numa sociedade de ficção científica, e não me refiro apenas à tendência da sociedade de se cercar de aparelhos de alta tecnologia. O que quero dizer é que a projeção no futuro, outrora o território do escritor de ficção científica, se transformou na modalidade dominante de pensamento. Esta é a influência da ficção científica no pensamento moderno.⁴²

A aceleração econômica global e, conseqüentemente, a aceleração tecnocientífica promovem uma intensa tecnologização da vida humana e social.

Com efeito, vem crescendo nas últimas décadas a percepção de que estamos no limiar de uma nova era, no que concerne ao indivíduo e à espécie, em virtude do modo como a aceleração econômica do capitalismo global engatou na aceleração tecnocientífica,

39 SANTOS, J. F. Ciência e ficção. *Revista Caros Amigos* – Edição Especial: pós-humano, o desconcertante mundo novo. São Paulo: Casa Amarela, n.36, p.19, ano XI, 2007. p.19.

40 *Ibid.*, p.20.

41 SANTOS apud NOVAES, 2008, p.45.

42 *Ibid.*, p.45.

a ponto de construir o que o poeta Heiner Müller designou como “estratégia de aceleração total”, que, em seu entender, vai conduzir ao desaparecimento do humano no vetor da tecnologia.⁴³

Continuando a reflexão sobre quais seriam as consequências do impacto da vertiginosa aceleração tecnocientífica sobre o ser humano, Santos ressalta que, ironicamente, “[...] estamos nos tornando seres primitivos dentro de nossa própria cultura”.⁴⁴

Ao tratar da “obsolescência do ser humano”, Santos⁴⁵ faz referência ao escritor de ficção científica Vernor Vinge, que publicou, em 1993, um artigo acadêmico intitulado “The Technological Singularity”. Nesse artigo, Vinge introduziu uma ideia polêmica, argumentando que “[...] estamos no limiar de uma mudança comparável ao surgimento da vida humana na Terra. A causa precisa dessa mudança é a iminente criação, pela tecnologia, de entidades com inteligência superior à humana”.⁴⁶ O autor chamou esse acontecimento de *singularidade tecnológica*, inspirando-se no termo *singularidade*, empregado por John von Neumann,⁴⁷ nos anos 1950, para designar o momento em que o progresso tecnológico, cada vez mais acelerado, ocasionaria importantes transformações na vida humana, criando um “[...] ponto de mutação na história do homem, a partir do qual nada mais seria como dantes, e nossos velhos modelos precisariam ser descartados”.⁴⁸

Vernor Vinge⁴⁹ estabelece uma analogia entre esse acontecimento e o surgimento do homem, na perspectiva da evolução das espécies, sustentando que estamos entrando num regime tão radicalmente diferente do nosso passado humano quanto foi o dos ho-

43 Ibid., p.47.

44 Ibid., p.50.

45 Ibid., p.50.

46 VINGE apud NOVAES, 2008, p.50.

47 NEUMANN apud NOVAES, 2008, p.50.

48 NOVAES, 2008, p.51.

49 VINGE apud NOVAES, 2008.

mens com relação aos animais inferiores. “Assim, tal analogia, ao mesmo tempo que anunciava a ‘superação’ da espécie, consagrava o advento da era pós-humana”.⁵⁰

Ray Kurzweil, em seu livro *A era das máquinas espirituais*,⁵¹ aposta na aceleração como fator de superação do humano com a convergência de três revoluções tecnológicas – *biotecnologia*, *nanotecnologia* e *robótica* –, todas elas baseadas na cibernetização da ciência e nas tecnologias da informação digital e/ou genética:

A evolução tem sido vista como um drama de um bilhão de anos que levou inexoravelmente a sua maior criação: a inteligência humana. Nas primeiras décadas do século XXI, a emergência de uma nova forma de inteligência na terra, que *possa competir com a inteligência humana*, e no fim das contas *superá-la* de modo significativo, será um desenvolvimento de maior importância do que a criação da inteligência que a criou e terá profundas implicações em todos os aspectos do esforço humano, incluindo a natureza do trabalho, o aprendizado humano, os governos, a guerra, as artes e nosso conceito de nós mesmos.⁵²

No entanto, a mutação engendrada por esse desenvolvimento não se limita ao biológico. Há uma mutação do tempo no mundo contemporâneo, sobre o que Olgária Matos afirma que:

No mundo contemporâneo, a impressão que se dá é que existe um “não tempo”, uma experiência de tempo que não passa, porque ele não se faz mais com experiências. Na verdade, experiência supõe uma relação de conhecimento com valores e acontecimentos do passado que são transmitidos das formas mais diversas... Hoje não temos mais tempo para essa tessitura coletiva das experiências dos sonhos, das expectativas.⁵³

50 NOVAES, 2008, p.51.

51 KURZWEIL, 2007.

52 Ibid., p.52.

53 MATOS, 2007, p.12.

Para Olgária Matos,⁵⁴ desde os séculos XVI e XVII, com o advento da crença moderna num universo infinito, prenuncia-se o fim do cosmos fechado grego e da transcendência medieval. Dissipa-se a ideia de mundo perfeito de universo finito, proveniente do mundo grego com o conceito de *cosmos*, limitado em um espaço e tempo fechados, em que cada coisa ocuparia seu lugar, assim como se esvai a ideia – originada na Idade Média – do tempo regido por uma criação divina. Entra em cena o universo infinito, e o limite passa a ser entendido como barreira, como privação. *Modernização* significa, assim, a passagem de um mundo com regras conhecidas para um mundo instável e incerto. De acordo com Matos,⁵⁵ o tédio é contemporâneo da filosofia do progresso, do pensamento que banuiu os milagres da Bíblia e das transformações culturais, e da visão de mundo mecanicista de estilo cartesiano:

Se a compreensão religiosa grega e escatológica cristã dos fins últimos da vida e do Universo, em que são limitados os horizontes de expectativas – o futuro vinculando-se ao passado –, não previnem essas sociedades de disfunções e conflitos, elas não apresentam, porém, um mal-estar próprio à modernidade: o tédio e o vazio de sentido não parecem ter sido um problema maior para essas sociedades.⁵⁶

Como já pontuamos anteriormente, para Olgária Matos, o capitalismo produz carência, cria necessidades infinitas e valoriza os excessos. O tempo de consumo, o tempo concreto, objetivo, é que determina o tempo interno. É um tempo de satisfação imediata dos desejos; não pode haver frustrações nem adiamentos. Como consequência, não há tempo para a elaboração do pensamento. O tempo da subjetividade, necessário para qualquer tipo de mediação, é abolido pela busca do gozo instantâneo, e “[...] todas as experiências humanas que necessitam de tempo, da longa duração, ficam com-

54 Ibid., p.12.

55 Ibid., p.13.

56 Ibid., p.236.

prometidas: amizades, relação entre pais e filhos, amor”.⁵⁷ A ideia de futuro não é mais a de um tempo longo e que vai acontecer. O imediatismo da gratificação compromete essa ideia, impondo a ação direta, principalmente sobre a juventude, cujo psiquismo ainda em formação a torna mais maleável às influências da celeridade do mundo, embora sejam exatamente os jovens que mais precisam de tempo para a edificação de sua já precária identidade psíquica, social e cultural. Eles necessitam de tempo para desejar um futuro, construir um projeto, o que gera insegurança e medo, abrindo caminho para um sentimento de vazio, para a falta de um “ideal de espírito”:

Então, quando se fala “os jovens não tem expectativas de futuro” – não têm um monte de coisa porque não têm expectativas de futuro e não sabem o que fazer com o tempo. Porque esse capitalismo produz uma cultura e uma educação cuja atividade cerebral é próxima de zero... Aí quer que a juventude faça o quê? Vira delinquente ou vira entediado. Porque o tempo que lhe é imposto como forma por excelência da vida é o consumo de bens materiais. Sem nenhum ideal de espírito.⁵⁸

Com a aceleração do tempo, o excesso de informações não possibilita uma vida intelectual e afetiva, pois, segundo Matos, “[...] se cada vez mais se dispõe de informações, isso não significa ter informações a mais, porque o tempo para transformá-las em compreensão e experiência não aumenta proporcionalmente”.⁵⁹ Quando tomamos nosso mundo como sendo essencialmente hipercinético, não temos dúvida quanto a situá-lo como um mundo traumático por excelência, conforme a acepção de *trauma* que o entende como a incidência de uma profusão de estimulações sobre o psíquico. Paradoxalmente, o mundo atual tende ao esmaecimento do trauma e seu deslocamento como experiência fundante do sujeito e do mundo. A remoção ou o abrandamento de barreiras e filtros para a passagem

57 Ibid., p.14.

58 Ibid., p.14.

59 Ibid., p.245.

das superestimulações do mundo geram atitudes de recepção, baixa resistência e assentimento passivo, necessárias para os propósitos da sociedade imediatista e consumista. Evitar confrontos é uma tendência atual, pós-moderna e pós-humana. Não se concebe mais a construção do mundo como feita por embates, por experiências fortes e contundentes, como se concebia e se fez a modernização do mundo. Sequer se compreende, hoje, a relação do homem com a natureza como um relacionamento áspero e beligerante, destinado a torná-lo soberano e autônomo com a criação de um mundo artificial.

Isso posto, seria o mundo contemporâneo um mundo pós-traumático, produtor de uma geração de indivíduos que se despotencializam, se tornam vazios e obsoletos ao se fundirem com a máquina? A fusão carbono/silício, na concepção pós-humana, representaria o fim do homem tal como o conhecemos hoje? Se aceitássemos essa afirmação, o tédio apareceria como um sentimento humano derradeiro, renunciando o advento de um mundo pós-humano e pós-traumático?

3

Trauma contemporâneo: velocidade e tédio

As raízes da traumatologia psíquica

Freud foi um exímio intérprete de seu tempo ao enfatizar o papel do trauma na constituição psíquica do sujeito. A noção de *trauma* surgiu muito cedo em sua teoria. Já nos *Estudos sobre a histeria*¹ ela comparece no bojo da convicção de Freud de que os sintomas histéricos tinham uma origem bem definida, embora difícil de ser determinada, por ser inconsciente: era uma experiência afetivo-emocional impactante, vivida de maneira conflitiva e com bastante constrangimento ou sofrimento. Por isso mesmo, na época, seus esforços terapêuticos concentravam-se na busca das experiências traumáticas que retinham os afetos a elas associados – segundo o autor, justamente por não serem descarregados, esses afetos acabavam transformando-se em sintomas por associação. A *ab-reação* era a peça-chave para a liberação do afeto retido no trauma, e podia ser obtida pela recordação da cena traumática. A evocação da experiência conflituosa, por meio de uma imagem apropriada capaz de desfazer as distorções

1 FREUD, S. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Edição *standard* das obras completas de Sigmund Freud, v.XXII.

das imagens geradas pelo sintoma, seria suficiente para descarregar o afeto e desfazer ou minimizar o trauma.

Nessas concepções embrionárias, o trauma apresenta-se com propriedades fundamentais, que serão mantidas em teorizações posteriores: trata-se de uma experiência forte, impactante e chocante, capaz de produzir uma marca profunda, uma fixação, um fantasma que rondará a mente vida afora se não for re-escavado, desvelado e posto à mostra, com a conseqüente descarga do afeto ligado a ele.

O perigo ansiogênico não se resume ao fato de as estimulações que assaltam o Ego serem diversificadas (complexas) ou intensas. Decorre também da natureza dos conteúdos psíquicos (pulsionais), que podem representar ameaças e gerar temores, até mesmo pelas recriminações e censuras que pesam sobre eles. Conforme destaca o próprio Freud,² uma vez formado o Super-Ego, ele passa a ser a grande fonte de ameaça e temor, e, por conseguinte, o disparador de reações ansiosas do Ego e fonte de forças traumáticas. É importante levar em consideração o conteúdo ou o sentido da experiência na constituição do trauma, porque lhe dá um caráter dinâmico e não estático.

O sentido de uma experiência muda com o tempo, ao se conectar com outras experiências advindas de novas relações e vínculos. As conexões das experiências do passado com as experiências do presente produzem influências mútuas, transformações recíprocas dos sentidos que as estampam. Dessa forma, é necessário considerar que uma experiência passada pode ser ressignificada, ganhar nova luz e inteligibilidade, conectar-se a novos afetos e coloridos emocionais quando recuperada posteriormente ou quando infiltrada nas experiências atuais do sujeito. A experiência pode ser *pró-ativa*, quando age no direcionamento das experiências posteriores, ou *retroativa*, quando retorna para modificar as anteriores. Os traumas da guerra, por exemplo, ilustram bem tanto as vivências de um desarranjo brutal do cotidiano, repentinamente invadido por violência, morte, pânico, escassez e outras mazelas, quanto os desarranjos

2 FREUD, 2006, p.85.

e as perturbações que tais vivências deflagraram posteriormente, quando evocadas ou revividas em outros cenários.

Ainda que consideremos as experiências traumáticas formadoras de núcleos imantados que atuam como uma grande força de gravidade sobre os demais conteúdos psíquicos, eles ficam sujeitos a receber contragolpes capazes de produzir neles alguma modificação. O trauma não é estático – ele se encontra em movimento, realizando catálises espaçotemporais e se modificando com elas, incorporando outros sentidos e ganhando novas traduções. Pode se enrijecer, quando as catálises reforçam seus núcleos mais duros, ou se flexibilizar, quando os novos conteúdos amolecem os registros mais sólidos.

O fundamental, aqui, é ter presente que o trauma não se define apenas por quantidades, mas também por qualidades. Quando Freud refere-se ao trauma como resultado de uma forte estimulação ou de uma variedade de estimulações que o Ego não consegue dominar, está enfatizando um critério *quantitativo*. Porém, quando ressalta a importância do conteúdo ou do sentido da estimulação (ameaçadora, assustadora, invasiva, e assim por diante), está destacando um critério *qualitativo*. Evidentemente, teríamos que levar em consideração ambos os critérios e entender que o trauma depende tanto da força ou da diversificação dos estímulos, quanto do sentido que eles adquirem quando afetam o sujeito. Aliás, a propriedade de um afeto ser intenso ou diverso não lhe é intrínseca, mas depende da maneira como o sujeito o apreende. A intensidade e a variedade dos afetos não são fatos objetivos, mas subjetivos, subordinados à linguagem, da maneira como o sujeito os apreende, reage a eles e os registra. O fenômeno da “banalização”, comum na atualidade e enfatizado por muitos autores, é um bom exemplo de como acontecimentos acompanhados de fortes intensidades objetivas podem ser apreendidos com baixas intensidades subjetivas, isto é, podem não afetar o sujeito e ser incapazes de gerar algum trauma ou evocar outros já estabelecidos.

A noção de *trauma* pode ser compreendida dentro da lógica de um tempo no qual o mundo, o homem, a natureza e tudo o mais

eram concebidos como estando imersos num universo de conflitos e contradições. A modernidade, sobretudo no seu período áureo, como foram o século XIX e o início do século XX, cravou fortemente a ideia de conflito – tudo era percebido como sendo constituído por contradições. Não foi à toa que a própria lógica dialética frutificou nesse período. O mundo moderno, ele próprio em profundo embate com o antigo regime, teve como um de seus principais signos a destruição do antigo para a criação do novo.³ Tratava-se de pôr abaixo as antigas estruturas sociais, políticas, econômicas e o próprio modelo de homem antigo para colocar no lugar um novo mundo e um novo homem.

A modernidade carrega consigo um espírito belicista, guerreiro, que marcará profundamente a subjetividade. O homem moderno é o homem determinado, empreendedor, corajoso, disposto a enfrentar até Deus para se colocar como sujeito de si e de seu mundo. Freud foi sensível a esse espírito moderno ao conceber a subjetividade, o aparelho psíquico e seu funcionamento como sendo caracterizados por conflitos.

Um rápido olhar sobre as concepções de Freud revelam um homem psicológico constituído por conflitos e contradições. Ao inconsciente opõe-se a consciência; ao processo primário opõe-se o processo secundário; ao princípio do prazer opõe-se o princípio da realidade; ao Ego opõem-se o Id e o Super-Ego; às pulsões de vida opõem-se as pulsões de morte, e assim por diante. O sujeito freudiano é o sujeito do conflito – e não poderia ser de outra forma esse sujeito nascido da histeria.

O trauma insere-se nessa concepção mais ampla do psiquismo como sendo formado por conflitos e contradições, por forças opostas, contrastantes e em rota de colisão. A traumatologia da nascente modernidade alojou-se no centro do mundo e do sujeito e foi exatamente isso o que Freud captou ao conceber o psíquico como um campo de forças em conflito e a relação entre indivíduo e sociedade como uma relação de embates, confrontos, lutas e renúncias.

3 HARVEY, 2008, p.26.

A noção de *trauma* fez bastante sucesso na época de Freud, e não somente no campo da Psicologia. A própria sociedade e a natureza eram vistas como constituídas por conflitos. Marx e Darwin são dois ilustres representantes desse tipo de visão da realidade. Todavia, ainda que possamos reconhecer nosso tempo como um estágio avançado da modernidade, cabe a pergunta: Ainda vivemos sob o signo do trauma? Sob o signo do conflito? Sob o signo do embate?

Desaceleração subjetiva e despotencialização do trauma na contemporaneidade

Quando tomamos nosso mundo como sendo essencialmente hipercinético, não temos dúvida quanto a situá-lo como um mundo traumático por excelência, segundo a acepção de *trauma* que o entende como a incidência de uma profusão de estimulações sobre o psíquico. No entanto, num olhar amplo sobre nosso tempo, não são aquelas imagens modernas de um mundo em ebulição e “guerra” que se realçam, mas as de um mundo em harmonia ou, pelo menos, de um mundo não tomado por embates constantes. É certo que a violência e a guerra continuam existindo, mas, no plano dos valores, não é isso que se deseja.

Além do enfraquecimento das imagens de colisão, o mundo atual não se afigura por imagens de concretude, sendo experimentado predominantemente de forma abstrata ou imaterial. A experiência da imaterialidade se realiza, especialmente, pela substituição da coisa por sua imagem, a saber, uma imagem que se impõe por si mesma, rompendo radicalmente com a referência exterior a ela, com qualquer princípio de representação, o que Debord⁴ aponta como sendo o pilar-mestre da sociedade do espetáculo.

A linguagem assume uma importância fundamental no processo de desprendimento do homem da experiência direta e automática da materialidade do mundo. Pela linguagem, as materialidades são

4 DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. São Paulo: Contraponto, 1997. p.28.

postas na relação com o homem e assumem significação, tornando-se orientadoras das ações. As tecnologias de produção e difusão de informação, na atualidade, tornam o mundo e a vida impregnados de signos, de mensagens que circulam em tal velocidade que produzem a sensação do chamado “tempo real”. Virilio⁵ caracteriza a profusão de informações nos diferentes meios e circuitos de comunicação como um estado de “poluição dromosférica”:

Ao lado dos fenômenos das poluições atmosférica, hidrosférica e de outros tipos, existe um fenômeno despercebido de poluição da extensão, que proponho designar como “poluição dromosférica”, de *dromos*, “corrida”. De fato, a contaminação atinge não somente os elementos, as substâncias naturais, o ar, a água, a fauna ou a flora, mas ainda o espaço-tempo de nosso planeta.⁶

Um pouco mais adiante, em seu texto, Virilio arremata sua denúncia da poluição dromosférica, quer dizer, do excesso de velocidade, com a conseqüente saturação dos espaços:

Quando haverá sanções jurídicas (para a poluição dromosférica)? Uma “limitação de velocidade”, causada não por um provável acidente de trânsito, mas em virtude dos riscos provenientes do esgotamento das distâncias de tempo e, portanto, da ameaça de inércia, ou seja, de acidentes do estacionamento. “De que serve ao homem ganhar o mundo inteiro se ele termina por perder sua alma? [...] Perder sua alma, ou seja, *anima* o próprio ser do movimento”.⁷

Entretanto, a saturação do tempo e do espaço, por si, não são capazes de produzir colisões traumatizantes de estímulos no sujeito. As intensidades ou variedades que dão aos estímulos o poder de traumatizar são aquelas decorrentes do sentido. Numa sociedade

5 VIRILIO, P. *Espaço crítico*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. p.105.

6 *Ibid.*, p.105.

7 *Ibid.*, p.108.

da informação, os estímulos são, especialmente, signos que rondam e bombardeiam o sujeito, deixando-o estonteado com o excesso. A velocidade do mundo é a mesma da linguagem, da informação, da comunicação, que traz mais rapidamente o mundo para o sujeito. O consumidor é, sobretudo, um consumidor de signos calcados nos objetos, nos produtos físicos. Isso é o que torna a marca, por exemplo, mais importante ou mais valiosa do que o produto fisicamente constituído. Sem isso, as grifes não se estabeleceriam como mercadoria.

Esse desprendimento da marca do produto remete a algo ainda maior, que diz respeito ao distanciamento do representante em relação a seu representado, ao distanciamento do signo em relação à coisa a que se refere. No mundo atual, esse distanciamento gera uma abstração radical, afastando cada vez mais o sujeito do contato direto com as coisas de seu mundo, inclusive de seu mundo pulsional. As relações do sujeito com seu mundo passam a ser cada vez mais indiretas, mediadas por sistemas de conhecimento, de ação, de sentimentos e afetos que o substituem, que fazem por ele aquilo que os desejos – eles também alienados e administrados – demandam. A publicidade encarrega-se do que desejar, o mercado encarrega-se de prover os objetos e meios de satisfação, os sistemas peritos formados pelo conhecimento técnico-científico encarregam-se de resolver os eventuais problemas e sofrimentos.

A onipresença dos sistemas abstrato-peritos⁸ na vida do homem, na mediação de suas experiências, funciona como um poderoso anteparo em relação ao trauma. A vida *light*, politicamente correta, regrada e administrada pela racionalidade perita, procura afastar as experiências mais virulentas, mais traumáticas. Assim, a Pediatria e a Ginecologia, por exemplo, cuidam de minimizar a dor do parto e o impacto do nascimento para o bebê, tentando prevenir situações traumáticas. O célebre “trauma do nascimento”, que fez tanto sucesso na Psicologia, tomado como marcador de psicopatologias futuras, foi substancialmente despotencializado pelas tecnologias médico-

8 GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991. p.87.

-psicológicas desenvolvidas para instrumentalizar e administrar a experiência do nascimento, suavizando sua tragicidade.

O mundo atual tende para o esmaecimento do trauma, para seu deslocamento como experiência fundante do sujeito e do mundo. Não se concebe mais a construção do mundo como feita por embates, por experiências fortes e contundentes, como se entendia e se fez a modernização do mundo. Sequer se entende, hoje, a relação do homem com a natureza como algo áspero e beligerante, destinado a tornar o homem soberano e autônomo com a criação de um mundo artificial. O pensamento ecológico expressa bem essa busca de harmonização e evitação de confrontos como uma tendência atual ou pós-moderna. Aquilo que antes, na modernidade clássica, era visto como o motor da vida, do mundo e da história caiu em descrédito, como a luta de classes, o conflito entre as gerações, a dominação da natureza, as disputas territoriais, as guerras, e assim por diante.

Resta saber se as célebres oposições entre consciência e inconsciente, entre desejo e interdição, processo primário e processo secundário, princípio do prazer e princípio da realidade também estão ajustadas ou contemporizadas, de forma a não representar mais fonte de preocupações ou de ocorrências traumáticas. Estará o trauma, regido pelo princípio do conflito, norteador da modernidade clássica do século XIX, em franco declínio na pós-modernidade? Estaríamos vivendo uma sociedade ou um mundo pós-traumático? Seria o sujeito contemporâneo um sujeito pós-traumático, compreendendo, por isso, um sujeito que não tem mais o conflito, o sofrimento, os choques, os embates como cerne de sua constituição? Será que a edificação do pós-humano tira de cena o principal fator de discórdias e conflitos: o próprio homem?

A propósito, uma leitura mais ampla do trauma permite situá-lo tanto como força de paralisação e imobilização do sujeito, quanto como força de impulsão, de mobilização do ser humano, por conseguinte, como elemento constituinte fundamental do sujeito e do processo de produção de subjetividade. O trauma instiga, põe o aparelho psíquico em funcionamento, mesmo que o perturbe e o amedronte. Funciona, além disso, como um código de leitura das experiências,

mediante o qual elas ganham significação, ainda que estigmatizadoras e monossêmicas. O trauma remete a enfrentamentos, a uma vida virulenta e intensa, mesmo que o resultado seja desfavorável ao sujeito.

Junto à velocidade paralisante, tem-se o sentido despotencializado, *light*, sem propriedades fundamentais ou capazes de gerar impactos fortes, assim como os alimentos dietéticos. A vida vai assumindo sabores atenuados, estímulos domesticados, amortizados, que acabam gerando pouco impacto. A noção de *trauma* se enfraquece ao mesmo tempo que se dá o enfraquecimento do sujeito, da subjetividade terceirizada para os sistemas abstrato-peritos que estabelecem o que sentir e como agir. Mais uma vez, os saberes e práticas que instruem as experiências iniciais da vida – mas não só elas, evidentemente – podem ser tomados como grandes exemplos. Profissionais especializados preservem os cuidados com a gestação, o parto e as experiências iniciais em detalhes. Chegam ao requinte de recomendar às mães que olhem carinhosamente para seus bebês enquanto os amamentam. Pesquisas várias encarregam-se de demonstrar cientificamente como tal prática é saudável para a criança e importante para seu futuro.

Com tanto cuidado e sofisticação tecnológica, os traumas estariam condenados, não fosse a presença do inconsciente, sempre ar-redio aos ditames da racionalidade e disposto a aplicar seus golpes de rebeldia. Novamente, a produção de sentido entra em cena como elemento fundamental da subjetividade.

A velocidade do mundo contemporâneo, que *a priori* é vista como um impulso, um estímulo para levar o ser humano ao crescimento, paradoxalmente, torna-se paralisante, como num estupor psicótico, comportando-se como um dos agentes do antitrauma. Um bombardeio tão intenso e dirigido a um sujeito deveras despotencializado e desguarnecido, que ultrapassa o limiar de percepção ou, como salienta Virilio,⁹ gera a inércia pelo extremo esgotamento do tempo.

Simmel em 1903¹⁰ e Baudelaire em 1896¹¹ já visualizam, na modernidade do século XIX, o efeito paralisante, entediante e des-

9 VIRILIO, 1993, p.108.

10 SIMMEL, 1995, p.116-131.

11 BAUDELAIRE, C. *O spleen de Paris*. Rio de Janeiro: Relógio d'Água, 2007.

mobilizador das superexcitações produzidas pelas urbes em estado de crescimento e ebulição. Tal efeito torna-se ainda mais intenso quando a superexcitação incide sobre um sujeito despotencializado, como acontece na atualidade.

Diante das situações descritas, o refúgio à solidão, o desinteresse pelo coletivo, o despreço pelo “outro” tornam-se manifestações várias de condutas antissociais, as quais são indicativas do fracasso do homem em edificar uma associatividade ampla e irresistivelmente atraente e vantajosa para seus partícipes.

Poderíamos, então, inferir que um dos principais sintomas decorrentes da *destraumatização* do contemporâneo é o tédio, que pode ser traduzido como a apatia e o desinteresse pelo “outro”, como uma dificuldade de constituir vínculos fortes e duradouros. Trata-se de forma de subjetivação mais corrosiva do que a delinquência e a agressividade, porque a indiferença, como sublinhava Freud,¹² é o verdadeiro oposto da atração, seja ela amorosa ou destrutiva, e é ela que revela a desesperança, diferentemente da agressividade, que revela esperança, a busca de algo, o desejo do “outro”, ainda que concretizado em formas sádicas.

12 FREUD, 2006, p.139-143

4

Adolescência da modernidade à pós-modernidade

A adolescência é um momento privilegiado na transição entre passado e futuro, uma travessia em que o tempo não é linear. É uma vivência subjetiva complexa, em que há momentos de transgressão, numa busca desesperada pelo futuro, e momentos regressivos, com uma volta e fixação ao passado.

As idades da vida são construções sociais que se utilizam do tempo para segmentar e diferenciar características biopsicológicas. Portanto, cada época e cada cultura criam cronologias diferentes para classificar e tipificar a trajetória de vida, a *ontogenia*, pontuando mudanças orgânicas e psicológicas e estabelecendo fases do processo de desenvolvimento. *Infância, adolescência e idade adulta* não são categorias universais nem absolutas, devendo ser apreendidas no contexto no qual são edificadas. Mesmo dentro de um dado tempo e lugar encontramos diferenciações significativas na vivência concreta das fases da vida, posto que as desigualdades econômicas e sociais, além das singularidades da experiência e da história do sujeito, impedem que haja um padrão comum e invariável de existência ao longo da história de vida.

Os influxos socioeconômicos evidenciam-se nas classes sociais, fazendo que haja diferenças substanciais entre pobres e ricos quanto à vivência da adolescência. Nas camadas populares, agredidas

pela atual estrutura econômica pós-industrial,¹ a infância e a adolescência são vivenciadas de forma muito diferente daquela apreendida culturalmente como ideal e desejada. O trabalho precoce, a pobreza, a violência, o desamparo familiar e social, além de tantos outros problemas, abatem de forma cruel a adolescência dos mais pobres. Nesses grupos, podemos observar um desaparecimento da infância e da adolescência e uma entrada prematura na vida adulta. Em grupos sociais mais privilegiados, a adolescência prolonga-se por mais de vinte anos, em razão da dependência econômica dos pais e da ampliação da formação educacional, tendo em vista as aspirações profissionais.

Segundo o último censo do IBGE,² a faixa etária entre 10 e 24 anos corresponde, aproximadamente, a 26,9% da população nacional, tendo grande expressividade populacional. A Organização Mundial de Saúde (OMS) delimita a adolescência como a segunda década de vida, período compreendido entre os 10 e os 19 anos, 11 meses e 29 dias. A adolescência é definida como um processo fundamentalmente biológico de vivências orgânicas, no qual aceleram-se o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade, e a juventude é definida como o período que vai dos 15 aos 24 anos. Há, portanto, uma intersecção entre a segunda metade da adolescência e os primeiros anos da juventude. O Ministério da Saúde toma por base a definição da OMS e recorre às expressões *população jovem* ou *peças jovens* para referir-se ao conjunto de adolescentes e jovens, ou seja, a abrangente faixa compreendida entre 10 e 24 anos.

1 A sociedade pós-industrial nasceu com a Segunda Guerra Mundial, a partir do aumento da comunicação entre os povos, com a difusão de novas tecnologias e a mudança da base econômica. Trata-se de um tipo de sociedade já não baseada na produção agrícola, nem na indústria, mas na produção de informação, serviços, símbolos (semiótica) e estética. A era pós-industrial também é conhecida como a era da informação e do conhecimento.

2 IBGE. Instituto Nacional de Geografia e Política. *Sinopse dos resultados do censo 2010*. Disponível em: <www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/>. Acesso em: 23 jan. 2013.

Alguns autores contemporâneos, como Jurandir Freire Costa³ e Joel Birman,⁴ tendem a utilizar o termo *juventude* para referir-se a uma fase da vida constituída num processo sociocultural que visa à preparação dos indivíduos para assumir o papel de adultos na sociedade, no plano familiar e no plano profissional. Já o termo *adolescência* é usado de acordo com o que estabelece a OMS, que tem como principal referencial os conceitos médicos e as teorias psicanalíticas clássicas, como as definições de Arminda Aberastury.⁵ Existem, ainda, autores que criticam radicalmente qualquer critério cronológico, advogando que a *juventude* é um estado de espírito ou um modo de vida que pode estar presente em qualquer idade. Em razão disso, neste livro empregarei o termo *adolescência* como sinônimo de *juventude*, entendendo-o, porém, como um período de mudanças com forte presença das chamadas “influências sociais” no funcionamento psicológico e na constituição do sujeito.

A experiência do tempo e do espaço percorre, evidentemente, todas as fases da vida, mas é na adolescência que ela se constitui de forma mais contundente. É um período no qual nossa cultura reserva para o jovem o descortinamento do mundo, abrindo-lhe espaços vários à frente, permitindo, e até estimulando, a experimentação de relações emocionais e sociais diversas. O tempo é outra experiência marcante da nossa juventude, tanto por ser colocada num ritmo de vida acelerado, quanto por ser posicionada entre o passado e o futuro. Talvez não exista melhor forma de caracterizar essa posição do adolescente no tempo do que aquela utilizada por Arendt⁶ para abordar a historicidade do homem, emprestando uma parábola de Kafka, para dizer que ele, o homem, é acossado por duas forças: uma que o empurra para a frente (o passado) e outra que o empurra

3 COSTA, J. F. Entrevista com Jurandir Freire Costa: Marta Rezende Cardoso (Org.). In: CARDOSO, M. R. et al. *Adolescentes*. São Paulo: Escuta, 2006.

4 BIRMAN, J. Tatuando o desamparo: a juventude na atualidade. In: CARDOSO, M. R. et al. *Adolescentes*. São Paulo: Escuta, 2006.

5 ABERASTURY, A. *Adolescência*. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. p.15.

6 ARENDT, H. *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. A. Abranches, C. Augusto, H. Martins (trads.). Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002. p.153.

para trás (o futuro). Complementa seu raciocínio afirmando que ele tem que lutar contra essas duas forças para construir seu próprio caminho, como uma linha diagonal criada a partir do ponto de atrito entre as forças oposta advindas do passado e do presente.

De acordo com Jurandir Freire Costa,⁷ o adolescente começa a imaginar o futuro como um horizonte no qual os ideais dos pais são apenas uma entre muitas outras formas de realização possíveis:

É importante, portanto, que eles tenham à disposição um acervo de experiências históricas que os ajudem a seguir em frente com segurança, mesmo quando aspiram a mudar as visões de mundo e os padrões de condutas dominantes.⁸

As transformações sociais, quando revolucionárias, com quebras de padrões dominantes de mundo, deveriam proporcionar o crescimento e aperfeiçoamento da sociedade, tendo o jovem e o adolescente como agentes transformadores, por meio da transgressão e da não aceitação de um mundo preestabelecido, como assinala Becker:

[...] o jovem que se rebela contra determinados valores, estigmas, preconceitos e (con)tradições que lhe tentam impor não significa necessariamente que ele está doente ou atravessando uma crise psicológica normal. Podemos explicar esse fenômeno como a passagem de uma atitude de simples espectador para uma outra ativa questionadora que vai gerar revisão, autocrítica e transformação que será fundamental tanto para o desenvolvimento da sua própria personalidade como para o aperfeiçoamento da sociedade em que ele vive.⁹

Durante muito tempo, vivemos amparados na ilusão de que, com o avanço da ciência e da razão, o futuro do homem se ergueria. A identidade cultural, promovida pelas experiências históricas, seria

7 COSTA, 2006, p.17.

8 Ibid., p.17.

9 BECKER, D. *O que é adolescência*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.9.

a garantia de uma transgressão adolescente com limites bem estabelecidos. É a célebre frase de Che Guevara que norteia a educação dos filhos: “*Hay que endurecer, pero sin perder la ternura jamás*”, ou seja, flexibilidade com regras e limites. Entram em cena as concepções de adolescência da modernidade, sendo o jovem potencializado, viril, transgressor, mas que, de certa forma, teria a segurança da identidade paterna/familiar, para a qual poderia retornar. A música “Como nossos pais”, de Belchior,¹⁰ retrata bem essas afirmações:

Não quero lhe falar,
 Meu grande amor,
 Das coisas que aprendi
 Nos discos...
 Quero lhe contar como eu vivi
 E tudo o que aconteceu comigo
 Viver é melhor que sonhar
 Eu sei que o amor
 É uma coisa boa
 Mas também sei
 Que qualquer canto
 É menor do que a vida
 De qualquer pessoa...
 Por isso cuidado meu bem
 Há perigo na esquina
 Eles venceram e o sinal
 Está fechado pra nós
 Que somos jovens...
 Para abraçar seu irmão
 E beijar sua menina na rua
 É que se fez o seu braço,
 O seu lábio e a sua voz...
 Você me pergunta
 Pela minha paixão

10 Antônio Carlos Gomes Belchior Fontenelle Fernandes, compositor e cantor brasileiro. BELCHIOR. Como nossos pais. In: *Alucinação*. [s.l.]: Polygram, 1976. 1LP.

Digo que estou encantada
Como uma nova invenção
Eu vou ficar nesta cidade
Não vou voltar pro sertão
Pois vejo vir vindo no vento
Cheiro de nova estação
Eu sei de tudo na ferida viva
Do meu coração...
Já faz tempo
Eu vi você na rua
Cabelo ao vento
Gente jovem reunida
Na parede da memória
Essa lembrança
É o quadro que dói mais...
Minha dor é perceber
Que apesar de termos
Feito tudo o que fizemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos
Como os nossos pais...
Nossos ídolos
Ainda são os mesmos
E as aparências
Não enganam não
Você diz que depois deles
Não apareceu mais ninguém
Você pode até dizer
Que eu tô por fora
Ou então
Que eu tô inventando...
Mas é você
Que ama o passado
E que não vê
É você
Que ama o passado

E que não vê
 Que o novo sempre vem...
 Hoje eu sei
 Que quem me deu a ideia
 De uma nova consciência
 E juventude
 Tá em casa
 Guardado por Deus
 Contando vil metal...
 Minha dor é perceber
 Que apesar de termos
 Feito tudo, tudo,
 Tudo o que fizemos
 Nós ainda somos
 Os mesmos e vivemos
 Ainda somos
 Os mesmos e vivemos
 Ainda somos
 Os mesmos e vivemos
 Como os nossos pais...

São infundáveis os exemplos da atitude potencializada, opo-
 tora da juventude que tinha uma esperança, uma utopia. Quando
 citamos as organizações políticas contestadoras, não podemos dei-
 xar de lembrar os embates armados contra a Ditadura Militar de
 1968, tendo o jovem como principal ator. Um caso bem próximo
 de nós foi a participação contundente da jovem Helenira Resende de
 Souza Nazareth, dada como desaparecida aos 28 anos de idade,
 num confronto armado. Helenira era filha de um médico negro co-
 munista que atendia na cidade de Assis (SP) e que deixou, como
 única herança, seu nome em uma das ruas da cidade. A publicação
 do Ministério da Justiça – “Direito à memória e à verdade”¹¹ – faz
 referência à jovem revolucionária:

11 Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/sedh/biblioteca/livro_catalogo_negros/catalogo_negros_sem_a_marca.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2013.

Helenira Resende de Souza Nazareth, codinome Fátima na guerrilha do Araguaia, era militante do PCdoB e morreu entre 28 e 29/9/1972.

Foi metralhada nas pernas e torturada até a morte, segundo depoimento da ex-presa política Elza de Lima Monnerat.

O jornal *A Voz da Terra*, da cidade paulista de Assis – onde ela cresceu –, publicou extensa reportagem a seu respeito na edição de 8/2/1979, contando que a coragem da jovem irritou a tropa. No livro *A lei da selva*, Hugo Studart relata sua morte como ocorrendo na localidade Remanso dos Botos (Manaus, AM), em choque com uma patrulha de fuzileiros navais. Ao ser questionada sobre o paradeiro dos companheiros, Helenira teria respondido que poderiam matá-la, pois nada diria. Nascida em Cerqueira César, no interior paulista, era filha de um médico conhecido e respeitado por suas tendências humanistas. Aos quatro anos, mudou-se para Assis, onde cresceu. Já residente na capital paulista, cursou Letras na Faculdade de Filosofia da USP, sendo eleita presidente do Centro Acadêmico. Tornou-se importante liderança no Movimento Estudantil, onde ganhou o apelido de “Preta”. A primeira prisão de Helenira aconteceu em junho de 1967, quando escrevia nos muros da Universidade Mackenzie: “Abaixo as leis da ditadura”. Voltou a ser presa mais duas vezes, uma delas em Ibiúna (SP) durante o 30º Congresso da UNE, entidade da qual era vice-presidente. Passou pelo Presídio Tiradentes, pela sede do DOPS e pelo Presídio de Mulheres do Carandiru. A família conseguiu libertá-la mediante *habeas-corpus* na véspera da edição do AI-5. A partir de então, já militante do PCdoB, passou a atuar na clandestinidade, até mudar-se para o Araguaia (GO).

Outros exemplos podem ser encontrados fartamente na cultura. Na música “E vamos à luta”, do álbum *De volta ao começo*¹² Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior, conhecido como Gonzaguinha, faz uma clara referência ao adolescente como esperança de mudanças:

12 NASCIMENTO JÚNIOR, L. G. E vamos à luta. In: *De volta ao começo*. [s.l]: Odeon, 1980.

Eu acredito é na rapaziada que segue em frente e segura o rojão
 Eu ponho fé é na fé da moçada que não foge da fera
 E enfrenta o leão
 Eu vou à luta com essa juventude
 Que não corre da raia a troco de nada
 Eu vou no bloco dessa mocidade que não tá na saudade
 E constrói a manhã desejada
 Aquele que sabe que é negro o coro da gente
 E segura a batida da vida o ano inteiro
 Aquele que sabe o sufoco de um jogo tão duro
 E apesar dos pesares ainda se orgulha de ser brasileiro
 Aquele que sai da batalha entra no botequim pede uma cervinha
 gelada
 E agita na mesa uma batucada aquele que manda o pagode
 E sacode a poeira suada da luta e faz a brincadeira
 Pois o resto é besteira e nós estamos pelaí...
 Acredito é na rapaziada que segue em frente e segura o rojão
 Eu ponho fé é na fé da moçada que não foge da fera
 E enfrenta o leão
 Eu vou à luta é com essa juventude
 Que não corre da raia a troco de nada,
 Eu vou no bloco dessa mocidade que não tá na saudade
 E constrói a manhã desejada...

O adolescente, como portador da bandeira da rebeldia nas décadas de 1970 e 1980, também se inspirava na música contestadora latino-americana, com Héctor Roberto Chavero (1908-1992) – cujo pseudônimo era Atahualpa Yupanqui –, Victor Jarra (1932-1973), Violeta Parra (1917-1967) e, no Brasil, como grande ícone, o cantor e compositor paraibano Geraldo Vandré. Um dos maiores contestadores do regime militar em nosso país, Vandré compôs e gravou inúmeras canções que se tornariam verdadeiros textos panfletários de inconformismo naqueles tenebrosos anos das décadas de 1960 a 1980. A contestação foi a marca da rebeldia adolescente, e não se permitiam outras formas de comportamento, consideradas subservistas ao poder dominante. Prova disso é um episódio contado pelo cantor e compositor Caetano Veloso, em seu livro *Verdade tropical*, no

qual Geraldo Vandré teria contestado o próprio Caetano e a cantora Gal Costa, inconformado com a gravação da música “Baby”, no disco *Tropicália*¹³ – que deu nome ao movimento Tropicália (1967-1968). Vandré os teria acusado de serem condescendentes com a cultura estadunidense e com o cantor Roberto Carlos, na época visto como porta-voz da Ditadura Militar. Diz a letra da canção de Caetano:

Você precisa saber da piscina, da
Margarina, da Carolina, da gasolina
Você precisa saber de mim
Baby, baby, eu sei que é assim
Você precisa tomar um sorvete
Na lanchonete, andar com gente
Me ver de perto.
Ouvir aquela canção do Roberto
Baby, baby, há quanto tempo
Você precisa aprender inglês
Precisa aprender o que eu sei
E o que eu não sei mais
E o que eu não sei mais
Não sei, comigo vai tudo azul
Contigo vai tudo em paz
Vivemos na melhor cidade
Da América do Sul
Você precisa, você precisa
Não sei, leia na minha camisa
Baby, baby, I love you

Não pretendo dar um cunho político-ideológico a essas observações, mas pontuar as diversas formas de manifestação adolescente, que têm como características a combatividade, o inconformismo, a necessidade do confronto com as figuras que representam os poderes constituídos, tendo como objetivo a diferenciação, a individualização, a busca identitária.

13 VELOSO, C. *Tropicália ou Panis Et Circenses*, Universal, 1997. Distribuidora Philips. 1 LP/CD.

A infância e a adolescência recebem especial atenção da modernidade. Na verdade, passam a ser os pilares de uma sociedade que prega fervorosamente a ruptura de tudo o que significa velho, antigo e se lança, com o mesmo fervor, à promoção do novo, da transformação e do progresso. Na modernidade clássica do século XIX e meados do XX, a adolescência era uma expressão de vitalidade física e mental, portanto, o motor propulsor das grandes realizações, das mudanças e da criatividade. A lógica do conflito, central no pensamento moderno, tomará a adolescência como expressão dos grandes embates psicológicos e sociais, travados na ontogenia, na história de vida do sujeito.

A ruptura da dependência infantil, os conflitos familiares, o confronto de valores e de gerações, a contestação, a rebeldia e a busca frenética pela aventura são algumas das imagens com as quais a modernidade, espelhada em si mesma, vai retratar a adolescência. A angústia gerada nas vivências conflituosas é exaltada como um grande impulso para as experiências estruturantes na construção da subjetividade, pois a confiança no futuro está sempre presente.

O pensamento modernista, ao lado do pós-modernista – com o qual partilhará representações do mundo –, vai produzir várias caracterizações da adolescência. A construção da identidade do adolescente, segundo Outeiral,¹⁴ é uma “colcha de retalhos” composta por diversas possibilidades de identificação. As ansiedades envolvidas nas diversas situações vivenciadas no cotidiano impulsionariam o adolescente a se identificar com determinados modelos idealizados e “costurados” nessa “colcha de retalhos”. As forças identificatórias poderiam estar ora com um ídolo do esporte, da música ou do cinema, ora com uma pessoa mais próxima, como um amigo ou um parente que lhe cause admiração, ora com um personagem transgressor ou mesmo fruto de uma ilusão idealizada. Entre essas múltiplas possibilidades, essa “colcha” portaria um retalho importante para a configuração da subjetividade do adolescente, que seria

14 OUTEIRAL, J. *Adolescer: estudos revisados sobre adolescência*. 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2003. p.102-103.

a estrutura paterna de identidade. O adolescente poderia circular entre os “retalhos” das várias possibilidades de identificação, porém, tendo sempre como referência a estrutura familiar: se nenhuma dessas possibilidades apresentadas na “colcha” desse certo, isto é, se não lhe desse segurança para seguir em frente, ele ainda teria como possibilidade de sobrevivência o “retalho paterna”. Por fim, a identidade adulta seria formada pelo amálgama da fusão das múltiplas identificações experimentadas pelo adolescente, tendo como base o “retalho parental” como força produtora e criativa da vida.

Podemos, portanto, observar diversas formas e possibilidades de construção de identidade, não apenas uma linha organizadora. No documentário de João Jardim, *Pro dia nascer feliz*, de 2007,¹⁵ o cineasta promove uma leitura dinâmica da realidade que permeia as escolas, nos grandes centros urbanos das regiões Nordeste e Sudeste. Com uma câmera, ele entra na sala de aula e nos apresenta a problemática dos estudantes – todos adolescentes – perdidos entre questões pessoais e sociais. O abismo que divide as classes socioeconômicas torna-se claro quando o espectador se depara com o mosaico construído pelo cineasta. De um lado, estão os estudantes pertencentes à elite, com conflitos existenciais e a “imensa” dificuldade em conciliar exigência *escolar* e vida social; de outro, estão os marginalizados que beiram o precipício, sofrendo diante dos apelos da criminalidade, e os que batalham para simplesmente conseguir chegar à escola, como é o caso daqueles que moram no interior do Recife (PE).

No entanto, o que chama a atenção no documentário é que, em uma pequena e isolada cidade do interior nordestino, o cineasta encontra uma estudante que se descobriu na poesia. Ela vai à escola em uma cidade próxima, porque aquela onde mora não oferece o ano escolar que ela deve frequentar. Ela vai até lá, precariamente, num ônibus escolar, que, pelas más condições das estradas e do próprio meio de locomoção, consegue chegar ao local apenas três vezes por semana. Entretanto, a estudante lê Manuel Bandeira e tem um caderno de

15 PRO dia nascer feliz. Direção: João Jardim. [s.l.]: Globo Filmes, 2007. DVD. Distribuição: Copacabana Filmes.

poesias que ela mesma escreveu. No final do documentário, João Jardim solicita aos estudantes que se reúnam para tirar uma fotografia com as pessoas que têm grande “importância” em suas vidas, ou seja, pelas quais eles tenham mais afeto. Enquanto os estudantes de outras escolas e regiões reúnem os amigos mais próximos, a estudante nordestina reúne sua família, que vai desde seu bisavô, o mais velho na estrutura familiar, até os irmãos mais novos e os animais de estimação.

Há, por conseguinte, duas situações a serem observadas: a primeira é a busca de identificações fraternais nos grandes centros urbanos, ou seja, os amigos como fortes referências de segurança e estabilidade, visto que na contemporaneidade a sociedade patriarcal se esvaece nos grandes centros urbanos e surgem múltiplas possibilidades de construção familiar; a segunda é a situação criada principalmente em cidades pequenas e isoladas, em que as identificações predominantes ainda seriam as da família patriarcal.

Para Outeiral,¹⁶ as questões relacionadas às perdas de vínculos passaram a ser muito importantes, com a função paterna tornando-se cada vez mais decadente nos grandes centros urbanos e as crianças trazendo em seus relacionamentos sociais uma experiência cultural familiar própria. A família nuclear como célula básica da sociedade moderna, constituída pelas figuras do pai, da mãe e dos filhos, perdeu sua hegemonia. Os pais passaram a ter projetos pessoais, independentes do campo familiar. O desenvolvimento tecnológico apontou muitas possibilidades para a concepção de um bebê, abrindo caminho, por exemplo, para as questões derivadas das famílias homoparentais. A mulher obtém, por desejo e/ou necessidade, uma inserção definitiva no mercado de trabalho, de modo que o tempo de convivência com os filhos, hoje, é menor do que nas gerações anteriores. Berçários, creches e escolas infantis tornam-se necessários para pais que “terceirizam”, cada vez mais, os cuidados parentais, transformando radicalmente as relações com os filhos. Surgem novas configurações familiares, com famílias reconstituídas, filhos de casamentos anteriores e do novo casamento. A con-

16 OUTEIRAL, 2003, p.103.

sequência disso é que estamos vivendo uma crise de futuro com o fim das sociedades utópicas, que sempre prometeram estabilidade.

Na sociedade contemporânea, também conhecida como *sociedade pós-moderna*, seguir corretamente as aspirações e os hábitos sociais, ainda que alicerçados na modernidade, como o estudo, o trabalho e o comportamento moral, não dá garantias de futuro. Há um estreitamento de horizontes para os jovens, que, sem muitas perspectivas, ficam impossibilitados de sair da casa dos pais. Na melhor das hipóteses, o adolescente oriundo de classes mais favorecidas procura aceitação social prolongando seus estudos para viabilizar sua inserção no disputado mercado de trabalho, e os de classes menos favorecidas buscam trabalhar em pequenos empregos, geralmente mal remunerados. Entretanto, não é o que ocorre com frequência, já que se observa, nessa faixa etária, um aumento de condutas antissociais, da criminalidade, do consumismo voraz. Há uma superficialidade nas relações afetivas, com ausência de compromissos e preocupação com o “outro”. A presença avassaladora da televisão e dos jogos eletrônicos faz que o jovem conviva ativamente com personagens virtuais, o que interfere na construção de sua já precária identidade.

É de consenso que na atualidade, sobretudo nas camadas mais favorecidas, existe um alongamento da adolescência, que começa bem mais cedo do que outrora e prolonga-se, invadindo o mundo adulto. Nas sociedades urbanas contemporâneas, temos a adolescência tanto como um período de desenvolvimento, quanto como um estilo de vida. Para Jurandir Freire Costa,

[...] a dificuldade em se falar de “juventude” é que ela própria tornou-se ícone da moral e do espetáculo. Ou seja, de condição de mudança, a “juventude” passou a ser “um objetivo de mudança”. A cultura somática é marcada pelo empenho encarniçado da maioria das pessoas em permanecer jovem para continuar “sendo e permanecendo jovem”.¹⁷

17 COSTA, 2006, p.19.

Ao tratar dessa cultura, Outeiral a define como *adulescência*, contração das palavras *adulto* e *adolescência*, conceituando também os *kidults*, adultos que abandonam sua posição e passam a agir de forma infantil, instituindo, portanto, uma confusão geracional:

Assim, poderemos considerar, fazendo uma brincadeira, que os adultos correm o risco de se transformarem em uma espécie em extinção, assim como o tamanduá-bandeira e o boto-rosa... Observo, por exemplo, e não é raro, nas escolas, o “desaparecimento” dos adultos. A falência das funções de adulto origina, é óbvio, severos problemas ao desenvolvimento das crianças e dos adolescentes e profundas transformações nos papéis familiares.¹⁸

Birman¹⁹ alerta igualmente para as transformações que estão acontecendo com a juventude na contemporaneidade, atribuindo os sentimentos de abandono e desamparo à fragilização dos relacionamentos e vínculos sociais, particularmente aqueles estabelecidos com as figuras parentais. O autor afirma que “[...] a economia de cuidados foi, então, afetada de forma significativa, incidindo inequivocamente nas novas formas de subjetivação da juventude”.²⁰ Ressalta, também, que a explosão da violência urbana promoveu a restrição e o “engaiolamento espacial”, isto é, restringiu no jovem o imperativo de ir e vir, fazendo-o permanecer ilhado nas escolas e nos ambientes familiares, o que incide no registro da liberdade e promove uma fragilização psíquica:

Privados e fragilizados pelo excesso de proteção, os jovens não podem aprender a se virar. Em decorrência disso, a infantilização de sua condição se prolonga, de forma que a adolescência se arrasta além dos limites desejáveis e invade a idade adulta [...].²¹

18 OUTEIRAL, 2003, p.10.

19 BIRMAN, J. In: CARDOSO, 2006. p.39.

20 Ibid., p.37.

21 Ibid., p.39.

Birman conclui que “uma mistura explosiva” delinea-se e impõe-se com crueza nesse cenário atual da juventude:

Quando a privação relativa se conjuga com a fragilização e a infantilização, declinando tudo isso no contexto social de falta de horizonte para o futuro, não deve nos espantar que as culturas das drogas e da violência se imponham como marcas da juventude hoje. Isso porque, se as drogas funcionam como antídoto para o sofrimento dos jovens, pelo gozo e pela onipotência que lhes possibilitam, o exercício da violência e da agressividade em geral são as contrapartidas para a impotência juvenil nos tempos sombrios da atualidade.²²

Outro aspecto ressaltado por Birman é que a juventude inscreve-se na cultura do espetáculo, que perpassa a cultura contemporânea:

Assim, todos querem ser celebridades e ocupar a cena midiática como protagonistas importantes e até mesmo como *pop stars*, como contrapartida onipotente para a impotência vertiginosa em que estão lançados.²³

Como vimos na fala de diversos autores, a problemática da juventude na atualidade é caracterizada pela complexidade, com uma multiplicidade de temas possíveis de serem abordados e explorados nas diversas formas em que são apresentados.

A adolescência não se conecta apenas com um momento particular do estado de desenvolvimento de um corpo; mantém conexões profundas com certas formas de sociabilidade, de organização social, de vinculação afetiva, com a espacialização da cidade, a vida urbana, as produções culturais, as instituições e tantos outros elementos da mundanidade.

Justo associa a ideia da adolescência no século XX ao movimento, às mudanças, às rupturas e desestruturação, que trazem como

22 Ibid., p.41.

23 Ibid., p.41

significação básica a potencialização da vida e a dinamização do sujeito e do seu mundo:

A adolescência, sobretudo no século XX, foi elevada como representante e expressão máxima da juventude, da potência, da beleza, da liberdade, do gozo, do espírito crítico e contestador, do progresso, da disposição para a mudança e de tantos outros atributos que a tornaram uma fase bastante prestigiada e cobiçada. É verdade, também, que essa fase foi vista como momento de vivência das grandes crises (afetivas, emocionais, de identidade, de valores etc.) e sofrimentos. Porém, tais crises foram consideradas positivas e construtivas, já que o saldo final sempre representava um ganho e melhoria do sujeito. Aliás, a própria ideia de crise alude a movimento, mudanças, ruptura e desestruturação que, embora possam estar associadas a sofrimentos, trazem como significação básica a potencialização da vida e a dinamização do sujeito e do seu mundo.²⁴

Ao referir-se às mudanças paradigmáticas da contemporaneidade, Justo assinala que a cultura da mobilidade, da flexibilidade, da efemeridade e da provisoriidade também elege o adolescente como modelo:

A ele são imputadas tais qualidades e sobre ele é que, principalmente, vão-se realizar esses desígnios da contemporaneidade e as subjetivações pertinentes. O adolescente é o protótipo do sujeito errante, sem raízes ou em processo de desenraizamento, desterritorializado, plástico, flexível, consumista (adolescência e *shopping* se confundem), narcisista etc.²⁵

Além disso, Justo enfatiza que o adolescente tem como uma de suas funções sociais a portabilidade dos germes das mudanças que processam os saltos de diferenciação de uma geração para outra, o que faz dele o porta-voz da intensificação cada vez maior das tendên-

24 JUSTO, J. S. O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. *Revista do Departamento de Psicologia – UFF*, Rio de Janeiro, v.17, n.1, p.61-77, jan./jun. 2005. p.62.

25 *Ibid.*, p.66.

cias que despontam na contemporaneidade. Assim é que, além de itinerante, o adolescente torna-se a expressão do aumento do ritmo de vida, da plasticidade e da multiplicidade, constituindo-se como um sujeito móvel em todos os sentidos: não apenas tem facilidade para se deslocar no espaço geográfico, como também o faz nos planos social e psicológico. A itinerância exige plasticidade afetiva, capacidade para o estabelecimento de vinculações transitórias e abreviadas, adaptações de hábitos e rotinas, renovações de ideias e valores – enfim, exige uma maleabilidade em todos os planos da vida:

A volatilidade do sujeito expandido para além das fronteiras locais de seus assentamentos primevos, à feição do que exige a globalização, desestimula qualquer processo de produção de identidades ou de estabilização. Sem dúvida, um mundo que se apresenta móvel, caótico, fragmentado, inflacionado de signos, informação e linguagens, um mundo em constante movimento, produção e consumo que nada acaba ou completa, um mundo que interconecta os seus habitantes, deslocando-os ou inserindo-os em redes de comunicação, que os introduz em todo tipo de sistema *on-line*, um mundo assim constituído não pode ser o lugar de personagens fixas, cristalizadas, unidirecionais nas ações, pensamentos, afetos, sentimentos e formas de expressão e comunicação. Mais do que um sujeito sedentário e sedimentário capaz de acumular, fixar, reproduzir, unificar, universalizar, o mundo contemporâneo solicita um sujeito capaz de multiplicar-se, fracionar-se, viver nomademente no plano intelectual, afetivo e social, um sujeito que não pare, mas que continue deslizando constantemente por espaços e tempos indefinidos.²⁶

Esse mundo, que exige da juventude uma atitude rápida e potencializada, uma disposição para enfrentamentos, mudanças e revoluções, é paradoxalmente o mesmo mundo que despotencializa, promove, como já assinalado, uma fragilização psíquica, tendo como uma das principais manifestações sintomáticas o tédio.

26 JUSTO apud VASCONCELOS, 2001. p.73.

5

Adolescência, tédio e contemporaneidade

Há bastante controvérsia em relação às subjetividades descritas na atualidade, principalmente quando se discute se elas seriam ou não resultado de novos processos psicológicos ou sintomas substancialmente diferentes daqueles de outros tempos recentes, como a *histeria*, a *neurose obsessiva*, as *fobias* e assim por diante.

Surgem novas denominações, como *pânico*, *transtorno bipolar*, *borderline*, *TDAH*, *estresse*, *Síndrome de Bournout*, entre outras, para descrever sintomatologias específicas ou subjetivações tidas como transtornos psicológicos ou sofrimento psíquico típicos da atualidade. No entanto, há quem entenda que tais subjetividades são apenas novas roupagens para velhos problemas e estruturas psicológicas, e quem, diferentemente, acredite que são formas outras de funcionamento psicológico, decorrentes das condições de vida inéditas dadas na atualidade, ou dos modos de vida e de subjetivação próprios da pós-modernidade.

Não é nosso propósito discutir aqui essa questão, mas não podemos deixar de pontuar que boa parte do que hoje se descrevem como quadros de sintomas ou de sofrimento psíquico emergentes aludem claramente à aceleração do tempo e à trajetividade humana no espaço, como é o caso do *TDAH*, *estresse*, *burnout* e *borderline*.

No caso do tédio, não temos dúvida em relacioná-lo às experiências contemporâneas do tempo, da velocidade, do ritmo acelerado da vida. Embora suas manifestações fossem bem conhecidas no período áureo da modernidade, no século XIX, é na pós-modernidade ou na sociedade hipercinética da atualidade que ele se finca como uma subjetividade típica.

Tomarei a adolescência e a juventude como subjetividades nas quais o tédio infiltra-se com mais facilidade e torna-se mais visível, porque a adolescência e os jovens, de modo geral, são portadores privilegiados das tendências de uma cultura, de uma sociedade, de determinado tempo. São formados e arrastados pelas correntes mais fortes e hegemônicas que se fincam em determinados tempo e lugar. Ainda que em outras etapas da vida as ressonâncias de um dado momento histórico sejam também efetivas, é entre os mais jovens que se fazem de modo mais intenso e virulento. Por isso mesmo tomarei as manifestações atuais do tédio na adolescência.

As gerações adolescentes do mundo atual são multifacetadas e respondem diferentemente aos excessos de estímulos ou, ainda, à falta deles. Se, de um lado, podemos observar a agitação dos jovens no cenário das cidades, como mostram as baladas, as *raves*, os encontros ruidosos em certos pontos das ruas, de outro, são muitas as preocupações com as condutas de acomodação e paralisação do curso da vida, no âmbito do trabalho, dos estudos, do estilo de vida e, sobretudo, no clássico âmbito da crítica e da insurgência social que lhes eram típicas.

A imobilização do jovem já está sendo assinalada com preocupação pela imprensa mundial. Na Espanha, em artigo do jornal *El País*, a socióloga Elena Rodríguez salienta:

¿Ha surgido una generación apática, desvitalizada, indolente, mecida en el confort familiar? Los sociólogos detectan la aparición de un modelo de actitud adolescente y juvenil: la de los *ni-ni*, caracterizada por el simultáneo rechazo a estudiar y a trabajar. “Ese comportamiento emergente es sintomático, ya que hasta ahora se sobrentendía que si no querías estudiar te ponías a trabajar. Me pregunto qué proyecto de futuro puede haber de-

trás de esta postura”, señala Elena Rodríguez, socióloga del Instituto de la Juventud.¹

Entretanto, a geração *ni-ni* não se limita à Espanha; ela se apresenta em muitos outros lugares, com diferentes roupagens, porém, com a mesma atitude entediante. No Brasil, já se define a geração *nem-nem*² (*nem* trabalha, *nem* estuda). Essa geração, de acordo com a *Folha de S. Paulo*,³ representa uma parcela crescente dos jovens de 18 a 20 anos. Em 2001, eram 22,5% dessa faixa etária, e em 2009 eram 24,1% (o equivalente a 2,4 milhões de pessoas). Poderíamos inferir que, na atualidade, não somente a adolescência seria o reflexo imediato da produção de sentidos decorrentes da contração do espaço/tempo, mas também o seu prolongamento. Temos os *adultescentes* brasileiros, os *mammonis* italianos e os *kidults* ingleses, assim como tantas outras denominações para designar um mesmo processo dinâmico.

É possível, ainda, observar oscilações de postura, como aquela à qual aludiu o jornal espanhol *El Mundo*, na edição de 7 de abril de 2011, sob o título “La generación ‘nini’ clama por cambios”: os jovens espanhóis saíram à rua. Durante várias horas, ouviram-se revoltas contra o governo pelas ruas espanholas. O protesto era em relação às incertezas, à falta de garantias do futuro, mesmo para quem frequentava universidades. O movimento da juventude se

1 Tem surgido uma geração apática, desvitalizada, indolente, embalada no conforto familiar? Sociólogos detectam o surgimento de um novo modelo de adolescentes e jovens: a geração *ni-ni*, caracterizada pela recusa simultânea em estudar e trabalhar. “Este comportamento emergente é sintomático, porque até agora entendeu-se que se você não quer estudar você iria trabalhar. Gostaria de saber que projeto de futuro está por trás desta posição”, diz Elena Rodríguez, socióloga do Instituto da Juventude. (BARBERÍA, J. L. Generación ‘ni-ni’: ni estudia ni trabaja. *El País*, 22/6/2009. Disponível em: <www.elpais.com/articulo/sociedad/Generacion/ni-ni/estudia/trabaja/elpepisoc/20090622elpepisoc_1/Tes>. Acesso em: 21 jan. 2013.)

2 Expressão que sugere metaforicamente o sentido de “nenê” ou “bebê”.

3 FRAGA, E. Geração “nem nem” cresce longe de emprego e escola. *Folha de S. Paulo*, 18/10/2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/me181020101002.htm>>. Acesso em: 18 out. 2010.

autointitulava “Juventude sem futuro”, num claro protesto contra o rótulo de “geração ni-ni”, até então tida como um dos grandes exemplos da juventude entediada.

Em outra reportagem, do dia 22 de abril de 2011, *El Mundo* enfatizou outra notícia: “Un juez ordena a un joven ni-ni que abandone la casa de sus padres”. O juiz da cidade de Málaga ordena que um filho, que não estuda nem trabalha, deixe a casa dos pais, já que tem idade suficiente para se manter. O jovem solicitava uma pensão mensal aos pais. O destaque é para o jornalista, que caracteriza a atitude do jovem como típica da geração “ni-ni”:

Un juez ha decretado que un joven “ni-ni” de Málaga deberá abandonar, en el plazo de un mes, la vivienda en la que reside actualmente con sus padres. El joven, de 25 años y que no estudia ni trabaja, demandó a sus progenitores porque **se negaban a darle una paga mensual**. Eso, a pesar de que eran ellos los que abonaban la letra de su coche. Sin embargo, la sentencia del juez le ha dejado boquiabierto, ya que no sólo sus padres no tendrán que pagarle la cantidad que él pedía, sino que **tiene un mes para irse de casa [...]** En la sentencia se establece que el chico puede vivir por su cuenta, ya que **tiene edad suficiente para trabajar** y además posee conocimientos y habilidades en el sector bursátil.⁴

Vários periódicos italianos mostram, com grande preocupação, o aumento do número de jovens que não estudam nem trabalham

4 “Um juiz decidiu que um jovem ‘ni-ni’, de Málaga, deve sair, dentro do prazo de um mês, da casa em que atualmente reside com seus pais. O jovem de 25 anos, que não estuda nem trabalha, processou seus pais porque eles se recusaram a dar-lhe uma pensão mensal. Isso, apesar de eles pagarem a licença do seu carro. No entanto, a decisão do juiz o deixou boquiaberto, já que não só seus pais não terão que pagar a quantia que ele pediu, como também terá um mês para sair de casa [...]. A sentença estabelece que ele pode viver por conta própria já que tem idade suficiente para trabalhar, além de ter conhecimentos e habilidades no mercado financeiro.” (EL MUNDO. “*Un juez ordena a un joven ‘ni-ni’ que abandone la casa de sus padres*”. Edição de 22/04/2011b. Disponível em: <www.elmundo.es/elmundo/2011/04/22/andalucia_malaga/1303486228.html>. Acesso em: 16 jan. 2013.)

na Itália. O Italian National Institute of Statistics (Istat) aponta a Itália como o país da União Europeia que tem o maior número de jovens desocupados que ainda moram com os pais. O Istat afirma que 21,2% de italianos entre 15 e 29 anos têm uma situação conhecida como NEET: *né lavora né studia si formazione*, popularmente conhecidos como *mammonis ou bamboccionis*. Com o título “Generazione NEET: quelli che né studiano né lavorano”, o periódico italiano *Mainfatti*, em sua edição de 21 de dezembro de 2010, escreve:

Circa 2 milioni di italiani tra i 15 e i 29 anni non lavora e non studia. E' questo il dato più impressionante che viene evidenziato nel “primo Rapporto sulla coesione sociale” riferito all'anno 2010 frutto della collaborazione tra l'Istituto nazionale della previdenza sociale (INPS), l'Istituto nazionale di statistica (Istat) e il Ministero del lavoro e delle politiche sociali che “hanno deciso di integrare le informazioni in loro possesso per fornire un quadro integrato degli aspetti che riguardano la coesione sociale”, come si legge nell'incipit della presentazione.⁵

A revista eletrônica italiana *Magazine Líquida*, em sua edição de 22 de janeiro de 2010, garante que não há dúvidas de que o contexto sociopolítico não ajuda a todos: frequentar as universidades, fazer mestrado e doutorado não é garantia de independência financeira; entretanto, não se pode negar que ficar na casa dos pais é mais fácil: “[...] todos nós somos mimados, temos refeições prontas, camisas passadas, carinho e abraços assegurados, sem taxas...”.

5 “Cerca de 2 milhões de italianos entre os 15 e 29 anos não trabalham nem estudam. E este é o mais impressionante dado, que é destacado no ‘Primeiro Relatório sobre a Coesão Social’, referente ao ano de 2010, com a colaboração do Instituto Nacional da Previdência Social (INPS), o Instituto Nacional de Estatística (Istat) e do Ministério do Trabalho e Políticas Sociais, que ‘[...] decidiram integrar as informações que têm para fornecer uma visão integrada dos aspectos que dizem respeito à coesão social’”. Mainfatti. *Generazione NEET: quelli che né studiano né lavorano*. Edição de 21 dez. 2012. Disponível em: <www.mainfatti.it/Istat/Generazione-NEET-quelli-che-ne-studiano-ne-lavorano_033411033.htm>. Acesso em: 21 jan. 2013.

Non c'è dubbio che il contesto socio-politico non li aiuta affatto: il lavoro è poco, e allora, per avere una marcia in più, spesso si mette tutto l'impegno in università, dottorati, master, tirocini, corsi di specializzazione [...] ed ecco che, improvvisamente, ci si sveglia una mattina, a 40 anni, ancora sotto al tetto dei genitori perché con 1000 euro mensili (spesso anche meno) non c'è una sola chance di essere autonomi.

In realtà, non è il dato in sé a creare scompiglio (non è certo una novità), ma ciò che più fa riflettere sono le cause che hanno condotto a tale scenario. Da una parte, inutile negarlo, restare a casa di mamma e papà è comodo: siamo viziati in tutto, pasti pronti, camicie stirate, affetto e coccole assicurate, nessuna spesa...⁶

Para aquecer ainda mais a atmosfera gerada pela inanição dos *mammonis*, a revista, num gesto claramente irônico e provocativo, fez menção ao descontentamento da população feminina, cujas integrantes reclamavam do fato de seus namorados serem muito apegados à família, e citou as declarações da *sexy* atriz italiana Caterina Murino:

Preferisco Parigi a Roma perché c'è più austerità, pulizia, eleganza, civiltà e ordine. Sicuramente i francesi sono più galanti degli italiani nell'approccio con le donne. E anche meno proble-

6 “Não há dúvida de que o contexto sociopolítico não ajuda a todos: o trabalho é escasso, mesmo tendo uma vantagem, mesmo com todo o esforço na universidade, doutorado, mestrado, cursos de formação, especialização [...] e, de repente, você acorda numa manhã, aos 40 anos, ainda sob o teto dos pais, porque, com 1.000 euros por mês, existe uma pequena chance de ser autônomo. Na realidade, não são os dados em si que geram essa confusão (não é nada de novo), mas o que é mais preocupante são as causas que levaram a esse cenário. De um lado, não se pode negar, ficar na casa dos pais é fácil: todos nós somos mimados, temos refeições prontas, camisas passadas, carinho e abraços assegurados, sem taxas [...]” (*Magazine Líquida*. Italiani mammoni per convenienza o per necessità? Edição de 22 jan. 2010. Disponível em: <<http://magazine.liquida.it/2010/01/22/italiani-mammoni-per-convenienza-o-per-necessita/>>. Acesso em: 22 jan. 2013.)

matici, in genere hanno risolto il rapporto di dipendenza dalla mamma, cosa che non si può dire dei nostri.^{7,8}

O fenômeno dessa geração de adolescentes inativos não é circunscrito a lugares específicos – podemos observar esse fenômeno abrangendo cada vez mais países. Em Portugal, por exemplo, temos a “geração rasca”. Essa expressão foi usada pelo jornalista Vicente Jorge Silva, em 1994, num editorial do jornal público, durante as manifestações estudantis contra a então ministra da Educação, Manuela Ferreira Leite. Os estudantes protestavam particularmente contra o aumento das *propinas* (“mensalidades escolares”). O termo provocou muitas críticas e tornou-se, mais tarde, um símbolo de contestação e rivalização de valores entre gerações. Dezenove anos depois, ainda há insistentes protestos dos jovens portugueses indignados pela desqualificação que esse termo promove. Eles contra-atacam com “geração à rasca”. Não é meu propósito aprofundar aqui a observação dos fatores socioeconômicos envolvidos nas questões referentes à crise de futuro dos adolescentes, pois, apesar de sua relevância, existem particularidades envolvidas nessa questão em cada região do planeta.

A despeito de, insistentemente, a imprensa portuguesa vincular a inanição, a apatia e o tédio a questões quase exclusivamente so-

7 “Eu prefiro Paris a Roma, porque lá há mais austeridade, limpeza, elegância, civilização e ordem. Certamente, os franceses são mais corajosos que os italianos na abordagem das mulheres. E muito menos problemáticos, geralmente têm resolvido o rácio da dependência da mãe, o que não pode ser dito de nós!” (Idem.)

8 Diante da impotência dos *mammonis* italianos, incapazes de qualquer tipo de confrontação e sem coragem de rebelar-se contra o pai, não poderíamos deixar de nos lembrar de Freud, em “Totem e Tabu” (1996b): “[...] Seria Silvio Berlusconi, o pai primevo de uma horda selvagem, à qual se submetem ao poder despótico de um macho que se apropria das fêmeas?” (Silvio Berlusconi, 75 anos, é um empresário e político italiano, atual presidente do Conselho de Ministros [primeiro-ministro] da Itália, tem o controle dos principais meios de comunicação e é presidente do A.C. Milan. A revista *Forbes* o cita como a segunda pessoa mais rica da Itália. Ele tem sido acusado diversas vezes de corrupção e ligações com a máfia, e é objeto de inúmeros processos legais. Está sempre protagonizando escândalos, por participar de festas com jovens garotas.)

cioeconômicas, alguns pais se revoltam com as atitudes dos filhos e relacionam a falta de projetos dos adolescentes à desmotivação causada por uma superproteção, seja da sociedade, seja deles mesmos. Prova disso é a carta publicada no portal Geração Enrascada⁹ em 6 de abril de 2011, como sendo de Mia Couto, porém mais tarde desmentida pelo autor. Transcrevo a carta a seguir, pois ela configura em grande parte o que já foi pontuado neste livro:

Geração à Rasca: A Nossa Culpa

Um dia, isto tinha de acontecer. Existe uma geração à rasca? Existe mais do que uma! Certamente!

Está à rasca a geração dos pais que educaram os seus meninos numa abastança caprichosa, protegendo-os de dificuldades e escondendo-lhes as agruras da vida. Está à rasca a geração dos filhos que nunca foram ensinados a lidar com frustrações. A ironia de tudo isto é que os jovens que agora se dizem (e também estão) à rasca são os que mais tiveram tudo. Nunca nenhuma geração foi como esta, tão privilegiada na sua infância e na sua adolescência. E nunca a sociedade exigiu tão pouco aos seus jovens como lhes tem sido exigido nos últimos anos.

Deslumbradas com a melhoria significativa das condições de vida, a minha geração e as seguintes (actualmente entre os 30 e os 50 anos) vingaram-se das dificuldades em que foram criadas, no antes ou no pós-1974, e quiseram dar aos seus filhos o melhor. Ansiosos por sublimar as suas próprias frustrações, os pais investiram nos seus descendentes: proporcionaram-lhes os estudos que fazem deles a geração mais qualificada de sempre (já lá vamos...), mas também lhes deram uma vida desafogada, mimos e mordomias, entradas nos locais de diversão, cartas de condução e 1º automóvel, depósitos de combustível cheios, dinheiro no bolso para que nada lhes faltasse. Mesmo quando as expectativas de primeiro emprego saíram goradas, a família continuou presente, a garantir aos filhos cama, mesa e roupa lavada. Durante anos, acreditaram estes pais e estas mães estar a fazer

9 Portal Geração Enrascada. Disponível em: <<http://geracaoenrascada.wordpress.com/2011/03/04/convite-a-sociedade-civil/>>. Acesso em: 21 jan. 2013.

o melhor; o dinheiro ia chegando para comprar (quase) tudo, quantas vezes em substituição de princípios e de uma educação para a qual não havia tempo, já que ele era todo para o trabalho, garante do ordenado com que se compra (quase) tudo. E éramos (quase) todos felizes.

Depois, veio a crise, o aumento do custo de vida, o desemprego... A vaquinha emagreceu, feneceu, secou.

Foi então que os pais ficaram à rasca. Os pais à rasca não vão a um concerto, mas os seus rebentos enchem Pavilhões Atlânticos e festivais de música e bares e discotecas onde não se entra à borla nem se consome fiado. Os pais à rasca deixaram de ir ao restaurante, para poderem continuar a pagar restaurante aos filhos, num país onde uma festa de aniversário de adolescente que se preza é no restaurante e vedada a pais. São pais que contam os cêntimos para pagar à rasca as contas da água e da luz e do resto, e que abdicam dos seus pequenos prazeres para que os filhos não prescindam da internet de banda larga a alta velocidade, nem dos qualquer coisa phones ou pads, sempre de última geração. São estes pais mesmo à rasca que já não aguentam, que começam a ter de dizer “não”. É um “não” que nunca ensinaram os filhos a ouvir, e que por isso eles não suportam, nem compreendem, porque eles têm direitos, porque eles têm necessidades, porque eles têm expectativas, porque lhes disseram que eles são muito bons e eles querem, e querem, querem o que já ninguém lhes pode dar! A sociedade colhe assim hoje os frutos do que semeou durante pelo menos duas décadas.

Eis agora uma geração de pais impotentes e frustrados. Eis agora uma geração jovem altamente qualificada, que andou muito por escolas e universidades, mas que estudou pouco e que aprendeu e sabe na proporção do que estudou. Uma geração que coleciona diplomas com que o país lhes alimenta o ego insuflado, mas que são uma ilusão, pois correspondem a pouco conhecimento teórico e a duvidosa capacidade operacional. Eis uma geração que vai a toda a parte, mas que não sabe estar em sítio nenhum. Uma geração que tem acesso a informação sem que isso signifique que é informada; uma geração dotada de trôpegas competências de leitura e interpretação da realidade em que se insere. Eis uma geração habituada a comunicar por abreviaturas e frustrada por não

poder abreviar do mesmo modo o caminho para o sucesso. Uma geração que deseja saltar as etapas da ascensão social à mesma velocidade que queimou etapas de crescimento. Uma geração que distingue mal a diferença entre emprego e trabalho, ambicionando mais aquele do que este, num tempo em que nem um nem outro abundam. Eis uma geração que, de repente, se apercebeu que não manda no mundo como mandou nos pais e que agora quer ditar regras à sociedade como as foi ditando à escola, alarvemente e sem maneiras. Eis uma geração tão habituada ao muito e ao supérfluo que o pouco não lhe chega e o acessório se lhe tornou indispensável. Eis uma geração consumista, insaciável e completamente desorientada. Eis uma geração preparadilha para ser arrastada, para servir desmontada a quem é exímio na arte de cavalgar demagogicamente sobre o desespero alheio. Há talento e cultura e capacidade e competência e solidariedade e inteligência nesta geração? Claro que há. Conheço uns bons e valentes punhados de exemplos! Os jovens que detêm estas capacidades-características não encaixam no retrato colectivo, pouco se identificam com os seus contemporâneos, e nem são esses que se queixam assim (embora estejam à rasca, como todos nós). Chego a ter a impressão de que, se alguns jovens mais inflamados pudessem, atirariam ao tapete os seus contemporâneos que trabalham bem, os que são empreendedores, os que conseguem bons resultados académicos, porque, que inveja!, que chatices!, são betinhos, cromos que só estorvam os outros (como se viu no último *Prós e Contras*) e, oh, injustiça!, já estão a ser capazes de abarbarar bons ordenados e a subir na vida.

E nós, os mais velhos, estaremos em vias de ser caçados à entrada dos nossos locais de trabalho, para deixarmos livres os invejados lugares a que alguns acham ter direito e que pelos vistos – e a acreditar no que ultimamente ouvimos de algumas almas – ocupamos injusta, imerecida e indevidamente?!!!

Novos e velhos, todos estamos à rasca. Apesar do tom desta minha prosa, o que eu tenho mesmo é pena destes jovens.

Tudo o que atrás escrevi serve apenas para demonstrar a minha firme convicção de que a culpa não é deles. A culpa de tudo isto é nossa, que não soubemos formar nem educar, nem fazer melhor, mas é uma culpa que morre solteira, porque é de todos, e a

sociedade não consegue, não quer, não pode assumi-la. Curiosamente, não é desta culpa maior que os jovens agora nos acusam. Haverá mais triste prova do nosso falhanço? Pode ser que tudo isto não passe de alarmismo, de um exagero meu, de uma generalização injusta. Pode ser que nada/ninguém seja assim.

Na Inglaterra, temos os *kidults*. É a contração dos termos *kid* e *adult*. É o adulto que não quer crescer (ou pelo menos não quer agir como um adulto) e, em vez disso, prefere personagens do mundo infantil, como desenhos animados, brinquedos, histórias em quadrinhos, filmes da Disney. Nasceram há bem mais de vinte anos, mas mantêm o quarto cheio de miniaturas de carros e Barbies. Jogam *videogame*, andam de *skate*, colecionam bichos de pelúcia e, se pudessem, brincariam para sempre. São os Peter Pans modernos e gostariam de ficar na Terra do Nunca para sempre. O termo, inclusive, já faz parte de alguns dicionários da língua inglesa. Assim o define o *Urban Dictionary*:

A so-called grown-up who doesn't want to grow up (or at least act like an adult) and would instead prefer so-called "children's" stuff for entertainment, like cartoons, toys, comic books, Disney movies etc. He or she also enjoys colorful "kiddie" snacks like breakfast cereal and Spaghetti-O's and dresses like a teenager or perhaps younger. May or may not be great parents as well as being able to take on adult responsibilities. Not necessarily too immature at least in the public. Not to be confused with geeks or nerds either, of course!

Also known as "Peter Pan", "young at heart", and "kid at heart". I'm almost 35 and I love Neopets, Archie comics, children's books, etc. So this makes me a kidult, heh.¹⁰

10 "Ele ou ela também gostam de coloridos 'kiddie' snacks, como cereais matinais e Spaghetti-O, e se vestem como adolescentes ou talvez como alguém mais jovem. Podem ou não ser ótimos pais, bem como ser capazes de assumir responsabilidades de adultos. Não são necessariamente muito imaturos – pelo menos em público. Também não devem ser confundidos com *geeks* ou *nerds*, é claro! Também conhecidos como 'Peter Pan', 'jovens de coração' e 'miúdo de coração'. Tenho quase 35 e eu amo Neopets, Archie comics, livros infantis etc.

Todavia, outra manifestação – talvez a mais contundente no momento atual e que retrata a falta ou negação de desejo e de estímulos – é a insurgente “tribo dos assexuados”. Um *assexuado* é alguém que não sente atração sexual. Ao contrário do celibato, que as pessoas escolhem, a assexualidade é assumida e celebrada como uma parte própria do indivíduo. São homens e mulheres de todas as idades, perfeitamente capazes de fazer sexo, mas sem nenhum apreço pela relação sexual e que, com o apoio da Asexual Visibility and Education Network (Aven), rede que luta pela visibilidade dos assexuados no mundo, conseguiram unir-se para levantar a bandeira da abstinência e lutar para que a assexualidade seja reconhecida como uma quarta orientação sexual (além de heteros, homo e bissexuais):

An asexual is someone who does not experience sexual attraction. Unlike celibacy, which people choose, asexuality is an intrinsic part of who we are. Asexuality does not make our lives any worse or any better, we just face a different set of challenges than most sexual people. There is considerable diversity among the asexual community; each asexual person experiences things like relationships, attraction, and arousal somewhat differently. Asexuality is just beginning to be the subject of scientific research.¹¹

Então, isso faz de mim um *kidult*.” Disponível em: <www.urbandictionary.com/define.php?term=kidult>. Acesso em: 21 jan. 2013.

- 11 Um *assexual* é alguém que não sente atração sexual. Ao contrário do celibato, que as pessoas escolhem, a assexualidade é uma parte intrínseca de quem somos. A assexualidade não torna nossa vida melhor ou pior; acabamos por enfrentar um conjunto de diferentes desafios em relação à maioria das pessoas sexuadas. Há uma diversidade considerável entre a comunidade assexuada; cada pessoa assexuada experiencia coisas como relacionamentos, atração, excitação um pouco diferentes. A assexualidade está apenas começando a ser objeto de investigação científica. Disponível em: <www.asexuality.org>. Acesso em: 21 jan. 2013.

Se pensarmos nos protestos das mulheres italianas, quando se referem à atitude passiva dos homens que se instalam confortavelmente nas casas paternas, nos *kidults* ingleses, que se divertem com seus *videogames* e *skates*, e, mais recentemente, na tribo dos assexuados, o que antes não passaria de ficção poderá tornar-se realidade se levarmos em conta o pós-humano e a fusão homem-máquina, carbono/silício. Refiro-me, aqui, ao artigo da revista norte-americana *New Scientist*, que, em 2001, noticiou a fabricação de um implante eletrônico capaz de produzir orgasmos nas mulheres, dispensando o ato sexual.¹²

Se considerarmos também o narcísico e entediante isolamento dos *ni-ni*, *mammonis*, *kidults*, poderemos compreender as diversas formas de satisfação de instintos por meio de salas de bate-papos virtuais, *sites* de relacionamentos, sexo virtual, artigos de *sex shop* on-line etc. O que antes era utilizado como fetiche e complementava a relação sexual de um casal hoje faz parte de uma relação narcísica autoerótica (aludo à satisfação de instintos e necessidades, e não à satisfação de desejos). São situações bem próximas do narcisismo primário, na qual o indivíduo não consegue reconhecer a presença do “outro”.

No Brasil, a situação desse jovem já nos é bastante comum, mas a apatia e o tédio podem se apresentar com diferentes roupagens. Muitas vezes, a forma de contestação dos brasileiros pode ser mais contundente, pois, pelas próprias condições socioeconômicas já referidas, há fissuras importantes na estruturação da personalidade. Elas levam a comportamentos antissociais, à criminalidade, ao abuso de drogas. Há um *continuum* de manifestações que pode ir do tédio à delinquência.

Segundo Outeiral,¹³ a dificuldade de entendermos nossos jovens perpassa as aceleradas mudanças paradigmáticas. Tanto os pais como a escola vivenciaram o paradigma da modernidade – de estabilidade e solidez –, ao passo que os jovens já estão se constituindo na pós-modernidade, na velocidade, na liquidez. Ironicamente, o autor define a escola atual como “velha e bolorenta”.

12 SANTOS, 2003, p.59.

13 OUTEIRAL, 2003, p.103.

Na clínica cotidiana, eu e meus colegas temos observado os sintomas de tédio na adolescência. A apatia, a falta de perspectiva, a falta de projetos são as queixas predominantes em nosso trabalho com adolescentes. Geralmente, os pais levam seus filhos à consulta psiquiátrica encaminhados por professores, psicopedagogos e psicólogos, para tratamento de depressão ou transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), pois eles apresentam dificuldade em se concentrar, baixo rendimento escolar, dificuldade em fixar a atenção, desânimo e falta de projetos para o futuro. A grande maioria desses jovens quer trilhar um caminho mais curto, sem sofrimento e, obviamente, de acordo com o princípio de prazer definido por Freud. Seguindo os desejos paternos de que frequentem um curso superior, tais jovens querem matricular-se em faculdades e universidades que não exigem dos alunos o mínimo necessário para uma formação profissional, de preferência sem se submeter a exames de seleção. Entram em cena os psicofármacos, principalmente os antidepressivos e o metilfenidato: é a “geração Ritalina”.

Os adolescentes já chegam à consulta médica querendo algo que os “anime”. Logo já pontuam que não adianta prescrever antidepressivos, porque já foram medicados com fluoxetina e sertralina, que suspenderam por vontade própria, pois “não resolveram nada, não fizeram efeito”. As consultas são entediantes: o tédio é avassalador e impregna a relação. Não há embates, nem mesmo o silêncio como forma de protesto. Há necessidade, e não desejo. Não são seres “desejantes”, e sim “necessitados” – necessitados de referências, de suportes egoicos, necessitados até mesmo de serem “alimentados e cuidados como bebês”. As necessidades são primárias, narcísicas ou duais, como ocorre na relação mãe-bebê; ainda não atingiram a situação triangular definida por Freud: a interdição paterna, o princípio de realidade, fundante do sujeito reprimido da modernidade. As perguntas são infantilizadas e regressivas, já que não vieram para a consulta ou terapia espontaneamente. É nítido que apresentam uma frágil estruturação psicossocial. São jovens que foram se constituindo através da internet, com relações de amizade

frágeis, narcisistas. Os antidepressivos são ineficazes, porque não há uma doença depressiva – há o tédio.

É interessante notar, porém, que esses mesmos jovens, na frente de um computador, se transformam. A velocidade com que teclam e “linkam” impressiona. O tédio desaparece. Eles passam a se comunicar com inúmeros amigos aceleradamente e, para isso, fragmentam frases e palavras. Seria uma forma de vinculação humana ou pós-humana? Estão se constituindo novas formas de subjetivação? Só o tempo dirá.

Voltando aos nossos pacientes/adolescentes que nos sugerem o uso de algum tipo de medicamento que “os anime”, que os deixe “mais ligados”: já de imediato eles descartam qualquer outro tipo de abordagem que não seja o uso de estimulantes. Aparecem com a prescrição pronta: Ritalina®.¹⁴ Relatam-nos sintomas de tédio, queixam-se de receber “muitas informações” e cobranças dos pais.

Relato de caso

C. é um paciente de 17 anos, vem de uma família bem estruturada e recentemente nos procurou para consulta. Ele estava preocupado por não conseguir acompanhar o cursinho pré-vestibular na capital do Estado em que mora. No Ensino Fundamental e no Ensino Médio, morava no interior, era o melhor aluno da classe, sempre com as melhores notas, com projetos de frequentar o curso de Medicina nas melhores universidades do Brasil. C. escolheu o que considerou o melhor curso pré-vestibular, mas, segundo ele mesmo, após alguns meses, “paralisou”. Ele nos relata o seguinte: “Não tenho tristeza, não é depressão, na verdade não sinto nada. Não consigo me concentrar em nada. Tudo ficou sem sentido. Não quero voltar para a casa de meus pais. Acho que quero ficar aqui, quieto, sem fazer nada, mas preciso estudar. Quando cheguei

14 Ritalina® é o nome comercial do metilfenidato. Existe outro nome comercial para ele, mas Ritalina® já se popularizou e está sendo utilizado pelos órgãos de imprensa como sinônimo da substância.

aqui, estranhei. Tudo era muito rápido. O trânsito, as aulas, o movimento da rua. Cheguei e entrei nesse ritmo acelerado, corri como todos daqui correm: na rua, na aula, nos estudos, mas percebi que não estava sendo a pessoa que eu era. É muita pressão. As aulas não são difíceis de acompanhar, mas fico no mundo da lua. O coordenador do curso, que também é psicólogo, me disse que é muito comum acontecer isso com os que chegam aqui do interior. Os daqui já são mais acostumados. Me orientou a procurar um médico, para que tomasse algum tipo de medicação, e chegou a falar da Ritalina®. Procurei um psiquiatra e ele me deu antidepressivos, pois disse que era depressão. Ele já trocou a medicação duas vezes e não aconteceu nada. Continuo com as mesmas sensações. Dentro da sala de aula há Ritalina® para vender, no ‘câmbio negro’. Muitos tomam. Entrei na internet e acho que tenho déficit de atenção e gostaria de usar essa medicação”.

Embora eu relate o caso de C., ele é apenas um dos muitos adolescentes que procuram a mim ou a meus colegas. C., claramente, não tem o que a Psiquiatria chama de TDAH (transtorno de déficit de atenção e hiperatividade) e medica com metilfenidato (se é correto ou não o uso desse medicamento para TDAH, não entrarei nessa discussão, por não fazer parte do objetivo deste livro). A inércia de C. não é também causada por depressão, C. está entediado. O excesso de estímulos paralisou, despotencializou, enfraqueceu seus projetos e suas perspectivas de futuro.

Abrindo um parêntese, é interessante a observação que o psicanalista inglês Donald W. Winnicott faz sobre o tédio. Masud Khan escreve que, em janeiro de 1971, um grupo de pastores anglicanos pediu a Winnicott uma orientação para que soubessem quando uma pessoa que os procurasse para pedir ajuda deveria ser encaminhada para tratamento psiquiátrico, por estar doente, e quando a ajuda espiritual seria suficiente. Winnicott respondeu:

[...] se uma pessoa vem falar com você e, ao ouvi-la, você sente que ela o está entediando, então ela está doente e precisa de tratamento psiquiátrico. Mas se ela mantém seu interesse, indepen-

dentemente da gravidade do seu conflito ou sofrimento, então você pode ajudá-la.¹⁵

Winnicott estabeleceu, assim, uma importante diferença entre *causar tédio* (*boring*) e *sentir-se entediado* (*boredom*). Para ele, sentir-se entediado é um estado normal, associado aos elementos próprios das tensões do desenvolvimento e dos processos maturacionais, ao passo que entediar o outro é um sintoma que necessita de tratamento e costuma ser o resultado de reações a falhas importantes no desenvolvimento, que impedem as transformações psíquicas e situam-se na superficialidade e na transitoriedade.

Voltando ao nosso paciente, ele não nos causava tédio, apenas se sentia entediado. A música “Socorro”, de Arnaldo Antunes e Alicia Ruiz, ilustra bem as queixas de C. e de muitos outros adolescentes:

Socorro, não estou sentindo nada
 Nem medo, nem calor, nem fogo
 Não vai dar mais pra chorar, nem pra rir
 Socorro, alguma alma, mesmo que penada
 Me entregue suas penas
 Já não sinto amor, nem dor, já não sinto nada
 Socorro, alguém me dê um coração
 Que esse já não bate, nem apanha
 Por favor, uma emoção pequena
 Qualquer coisa
 Qualquer coisa que se sinta
 Em tantos sentimentos
 Deve ter algum que sirva
 Socorro, alguma rua que me dê sentido
 Em qualquer cruzamento, acostamento, encruzilhada
 Socorro, eu já não sinto nada, nada¹⁶

15 OUTEIRAL, J. Comentários sobre o tédio. *O spleen na adolescência: sentir tédio ou ser entediante*. Disponível em: <www.http://joseouteiral.com>. Acesso em: 14 mar. 2007.

16 ANTUNES, A; RUIZ, A. Socorro. In: *Um som*. [s.l.]: BMG, 1998.

Quanto ao medicamento que C. nos solicitou, cabe salientar que o metilfenidato é o psicotrópico que mais se tem usado ultimamente, e, a cada dia, há aumento acentuado em sua prescrição. É um derivado anfetamínico e, não por acaso, é vendido somente sob prescrição médica, com receituário próprio e rígido controle da Vigilância Sanitária. Nenhum desses cuidados, porém, impede que seja vendido no “câmbio negro” e adquirido por jovens, que o usam em baladas, associados a bebidas alcoólicas. Ele também é utilizado por estudantes de cursos pré-vestibulares e do último ano de Medicina, que têm pela frente a maratona de exames da residência médica. Há, inclusive, certa pressão dos laboratórios sobre os órgãos governamentais para abolir o rígido controle da prescrição e da venda desses medicamentos.

A pressão não vem apenas de professores, coordenadores, laboratórios. Ela vem de várias formas, e a mais perversa delas é através da imprensa, como a matéria publicada pelo jornal *Folha de S. Paulo*, sob o título “Cérebro turbinado” e subtítulo “Bioeticista pede liberação de drogas para ‘dopping mental’, como a Ritalina, dizendo que elas são uma extensão natural da educação”.¹⁷ John Harris, diretor do Instituto para Ciência, Ética e Inovação da Universidade de Manchester, Inglaterra, diz que é hora de abraçar o *doping* mental, de “turbinar a cognição” com o uso de drogas que aumentem o desempenho cognitivo. E acrescenta que é antiético impedir que alguém use uma droga para aumentar o desempenho mental, uma vez que esse indivíduo estaria em desvantagem em relação aos que usam.

Essa opinião não é exclusiva de John Harris. A cada dia, mais e mais pesquisadores advogam uma ampliação das indicações do uso da Ritalina[®]. Eles deixam em segundo plano os efeitos que a droga provoca no sistema cardiocirculatório, que podem levar à morte súbita; o potencial de abuso, que já estamos observando em alguns jovens; a depressão que ocorre após a interrupção do uso; insônia,

17 FOLHA DE S.PAULO. Caderno Ciência. “O cérebro turbinado”, 21/06/2009. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe2106200904.htm>. Acesso em: 21 jan. 2013.

inapetência, tonturas, entre outros tantos efeitos danosos a vários órgãos e sistemas.

Outra matéria, escrita pelo jornalista Rafael Garcia e publicada pelo mesmo jornal, tinha como título “Grupo de cientistas pede liberação de *doping* mental” e como subtítulo “Manifesto discute a regulamentação de droga usada para ‘turbinar’ a inteligência – em pessoas saudáveis, medicamentos usados para tratar o déficit de atenção, como a Ritalina[®], parecem estimular a concentração”.¹⁸ Seguem trechos da reportagem:

Um manifesto assinado por pesquisadores de sete universidades líderes nos EUA e no Reino Unido pede que o uso de drogas com o fim de melhorar a inteligência seja regulamentado e, eventualmente, liberado. Em artigo publicado ontem no *site* da revista *Nature* (www.nature.com), os acadêmicos argumentam que é preciso disciplinar o uso que pessoas saudáveis fazem de medicamentos como a Ritalina[®] (metilfenidato).

Concebida para tratar crianças com TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção por Hiperatividade), essa droga (e outras similares) parece ter um efeito de melhora na concentração e na memória também em adultos saudáveis.

Um levantamento conduzido neste ano em universidades norte-americanas revelou que cerca de 7% dos estudantes já fizeram uso de medicamentos desse tipo pelo menos uma vez, na tentativa de melhorarem seus desempenhos acadêmicos.

Tecnicamente, nos EUA, isso é crime, porque envolve comércio de uma droga para uso *off label* – fora do propósito original para o qual foi aprovada. Cientistas argumentam, porém, que a medida é um exagero e drogas como a Ritalina[®] poderiam ser liberadas para “aprimoramento cognitivo”, desde que novos testes comprovem sua segurança.

“Propomos ações que vão ajudar a sociedade a aceitar os benefícios do aprimoramento, acompanhadas de pesquisa apropriada e

18 FOLHA DE S.PAULO. Caderno Ciência. “Grupo de cientistas pede liberação de *doping* mental” 05/12/2008. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u476483.shtml>. Acesso em: 21 jan. 2013.

regulamento avançado”, escrevem os cientistas. “Isso tem muito a oferecer para indivíduos e sociedade, e uma resposta apropriada por parte de todos deve incluir a disponibilização dos aprimoramentos acompanhada da gestão de riscos.”

Entre os nomes que assinam o documento estão “pesos-pesados” das neurociências, como Michael Gazzaniga, da Universidade da Califórnia em Santa Barbara, e também um jurista, Henry Greely, da Universidade de Stanford. A ideia do manifesto saiu de um seminário promovido pela *Nature* e pela Universidade Rockefeller, de Nova York.

Caso o uso de drogas para “turbinar” o cérebro venha realmente a ser aprovado, há outras questões que devem ser discutidas, além da segurança, afirma o manifesto publicado na *Nature*. Uma delas é o risco de que estudantes deixem de concorrer em pé de igualdade quando participarem de exames que envolvam inteligência. Uma pessoa que tenha se valido de uma droga poderia obter vantagem de maneira artificial, da mesma forma que um atleta dopado faz na disputa de uma competição, por exemplo.

Os cientistas apontam também o risco de haver mais um problema: empresários poderiam obrigar seus funcionários – de maneira direta ou indireta – a fazerem uso dessas drogas para melhorarem o rendimento.

“Clamamos por um programa de pesquisa sobre o uso e o impacto das drogas de aprimoramento cognitivo por indivíduos saudáveis”, ressalta o documento.

Após a publicação da reportagem, como já esperado, houve severas críticas no meio acadêmico e nas sociedades científicas. Contudo, o que ressaltamos não é a eficácia ou a falta de eficácia do psicofármaco, mas o conteúdo ideológico velado: a necessidade de formas artificiais de potencialização, de “turbinação do cérebro” nos jovens enfatiados, enfadados, entediados, imobilizados, que não conseguem acompanhar o ritmo frenético, acelerado, do mundo atual.

Considerações finais

O mundo hipercinético da atualidade toca profundamente a subjetividade, fazendo emergir na superfície da conduta formas de ser e de agir típicas, resultantes de elaborações cognitivas, emocionais e afetivas que processam a experiência de tal aceleração da vida e ampliação do espaço. Dentre as subjetivações da velocidade no mundo contemporâneo, não tenho dúvida em destacar o tédio como uma das principais e, ainda, arriscar-me a dizer que ele está sendo confundido com a depressão, por manter com ela uma sintomatologia semelhante, embora seja bem distinto quanto a sua gênese e sua dinâmica psicológica.

Um risco que precisamos assumir, por força de nossas convicções – mesmo que baseadas em indícios insuficientes para argumentações mais decisivas –, é o de afirmar que, conforme sugere o tédio, a noção de *trauma*, que foi tão útil e iluminadora em outros tempos, já não possui o mesmo valor heurístico, porque, na atualidade, os processos de subjetivação não carregam, como outrora, as marcas de embates, contradições, conflitos ou choques brutais. O mundo atual não se funda mais na lógica do conflito e do confronto, como ocorreu com a modernidade do século XVIII até o final do século XX, e, apesar de ser um mundo supermovimentado e acelerado – e, por isso mesmo, potencialmente capaz de produzir

colisões –, desenvolve mecanismos extremamente sofisticados de ordenação e controle das mobilidades, evitando “acidentes de trânsito”, especialmente no plano do trânsito psicológico (emocional, afetivo, dos vínculos e relacionamentos).

A superadministração da vida prescreve cuidados sofisticados, orientados por sistemas peritos, que substituem o amadorismo do sujeito e conhecimentos populares ou do senso comum, desenvolvendo um modo seguro de ser e de existir, expresso paradigmaticamente no que poderíamos chamar de *cultura diet/light*. Paralelamente, o mundo que admitia ou até cultuava o sacrifício e o sofrimento cedeu lugar a um mundo que cultua o prazer, a felicidade e a frivolidade da vida. Para isso, a Farmacologia e serviços vários da Psicologia, da Psiquiatria e outras ciências prestam-se a combater o sofrimento e as agruras da vida como últimos baluartes do hedonismo contemporâneo.

Há uma tendência ao esmaecimento do trauma para seu deslocamento como experiência fundante do sujeito e do mundo. O que antes, na modernidade clássica, era visto como motor da vida, do mundo e da história caiu em descrédito, como a luta de classes e o conflito entre as gerações. No plano psíquico da experiência imediata do sujeito, uma das amostras mais claras do esmaecimento do conflito diz respeito ao enfraquecimento da *imago paterna*, que até então funcionava como fonte primordial da interdição e, portanto, como principal obstáculo de enfrentamento para a realização do desejo. O fortalecimento da figura materna – ou seja, a figura protetora – em detrimento daquela figura adversária que coloca obstáculos acaba por enfraquecer a constituição do sujeito e dificultar o crescimento do adolescente; a mãe superprotetora e hegemônica torna seu filho “insignificante” para mantê-lo sob seus domínios, protegendo-o da interdição paterna. A ausência de uma figura paterna forte, que impulsionaria o filho à cultura, é substituída pela presença de um pai fraco, impotente, incapaz.

Se, na modernidade, o círculo familiar não fosse capaz de promover a apresentação do adolescente ao mundo – isto é, se não fosse capaz de realizar o nascimento cultural do sujeito, com rompimento

da relação dual, simbiótica materna, mediante a imposição da figura interdutora do pai –, a sociedade faria esse papel por outras vias e figuras capazes de colocar limites e fazer valer a moral vigente.

O jovem era participante de organizações sociais que tinham uma base ideológica, utópica e contestadora. Poderia pertencer tanto a partidos políticos como a grupos culturais, religiosos, clubes sociais, mas tendo características predominantemente revolucionárias, contestadoras, transgressoras, necessárias para gerar revisão, autocrítica e transformação, fundamentais tanto para o desenvolvimento de sua própria personalidade, como para o aperfeiçoamento da sociedade em que ele vive.¹

Ao contrário da sociedade a que se filiava, ainda que fosse como uma forma de enclausuramento, tendo a figura do pai como filiação primordial, na atualidade há uma tendência à desfiliação impulsivada pela lógica do descarte e da obsolescência do humano. A invasão do mundo pela tecnologia gera, inevitavelmente, um excedente humano, posto de lado e descartado. Mas o descarte mais brutal é aquele que dispensa e anula o sujeito, que prescinde das ondas de contestação e rebeldia, impondo-lhe uma avassaladora adesão e conformismo sob a ameaça de uma “aposentadoria precoce”, na qual o jovem, em especial, é mantido como um sobrevivente, com um mínimo necessário, muitas vezes sob a tutela dos pais.

Poderíamos nos perguntar como ficam os representantes das gerações *ni-nis mammonis*, *kidults* diante dessas situações que exigem um posicionamento mais combativo. Estariam “à rasca”, como diriam os portugueses? Pois assim pontua a carta já citada: “Geração à rasca: a nossa culpa – um dia isso tinha que acontecer”. Nunca houve geração como esta, tão privilegiada na sua infância e na sua adolescência; os jovens jamais foram ensinados a lidar com as frustrações, são os que mais tiveram tudo, os pais educaram seus meninos numa abastança caprichosa, protegendo-os de dificuldades e escondendo-lhes as agruras da vida. Biblicamente, temos a expressão “Se não vier pelo amor, vem pela dor”, porém essa geração

1 BECKER, 1985, p.9.

parece não ter vindo nem pelo amor nem pela dor, mas pela indiferença. A indiferença dos pais diante da avalanche mercadológica da satisfação de prazeres.

O adolescente de hoje representaria, portanto, o protótipo do sujeito *blasé* da atualidade, num tempo pós-traumático? Um sujeito sem marcas, sem história, que não tem mais os conflitos, sofrimentos, choques, embates como cerne de sua constituição? Estará, então, o trauma, regido pelo princípio do conflito – norteador da modernidade clássica do século XIX –, em franco declínio na pós-modernidade? O percurso das reflexões feitas ao longo deste livro leva-me a responder afirmativamente a todas essas questões, tomando como referência o *tédio*.

O tédio, para mim, é uma das principais manifestações sintomáticas da atualidade. Seria a couraça que veste o adolescente enfastiado, imobilizado pela cultura que satura, pela cultura *prêt-à-porter* (“pronta entrega”), que banaliza o desejo e prioriza necessidades infundáveis.

Entretanto, não somente a paralisação, por meio do enfraquecimento do desejo, seria a gênese do tédio adolescente contemporâneo, mas, paradoxalmente, a velocidade, tal como observamos no caso de C., que se diz entediado pelo excesso.

Como sinalizava Simmel,² já em 1903, nas grandes cidades a *intensificação da vida nervosa* resulta na mudança rápida e ininterrupta de impressões interiores e exteriores. A velocidade e as variedades da vida econômica, profissional e social, a intensidade e a alternância de estímulos, assim como uma vida desmedida de prazeres, levam o indivíduo a assumir um caráter *blasé*. Na vida do adolescente, sobre a qual recai de forma avassaladora a “nervosidade da cidade moderna”, são inúmeros os *starts* da corrida diária: várias comunidades virtuais, acessadas por redes sociais existentes na internet; conversas e mensagens por celular, que não param um segundo; cursos de todo tipo, como os pré-vestibulares, de língua estrangeira, de qualificação técnica e profissional, música, dança e

2 SIMMEL, 1995.

tantos outros; práticas esportivas e de lazer para todos os gostos, e assim por diante.

A inflação do tempo na vida do adolescente tira dele um tempo precioso: o tempo para digerir informações, o tempo para pensar e simbolizar as atuações frenéticas do cotidiano. No entanto, o ser humano ainda é humano. Há as emoções, a afetividade e a necessidade do tempo para “digerir” informações, elaborar, pensar sobre o vivido e, posteriormente, armazenar. Nosso cérebro ainda não é pós-humano e não possui um *hardware* de armazenamento, o qual poderíamos acessar a qualquer momento. O uso de dispositivos artificiais que promoveriam uma aceleração do cérebro ainda está dentro das utopias, na construção do homem pós-humano. A Ritalina® apenas potencializa as sensações que geram o sentimento de prazer e onipotência, levando a uma falsa impressão de domínio e poder. Ao cessar o efeito do psicofármaco, há a apatia, o tédio pela desaceleração abrupta. A construção do conhecimento e as demais elaborações mentais exigem não somente a pulsão epistemofílica, mas também um tempo interno desacelerado.

O tédio denuncia o excesso, o fastio, as vertigens do cotidiano, sobretudo por manifestar uma indiferença e um desencanto em relação às ofertas do mundo hipercinético. Nesse sentido, poderia ser tomado como um protesto silencioso contra o excesso, cuja exaustão e superficialidade produzem o esvaziamento do sujeito e dos sentidos de viver. Toma o caminho da analgesia, da neutralização, da indiferença, da atitude *blasé*, do desligamento como recusa a girar na frenética “roda do mundo”, que, contudo, se movimenta em torno de um mesmo eixo, trazendo sempre o sujeito ao mesmo lugar.

Seja como for, o que nos parece fundamental é apontar, no tédio, diferentemente da depressão e da melancolia, um processo de desaceleração subjetiva contraposta à aceleração objetiva, fundamentalmente calcada no esvaziamento do sentido das superofertas do mundo. Na depressão e na melancolia, a retração com respeito ao mundo, ao contrário, manifesta a supervalorização e a significância do que foi perdido, além de implicar a responsabilidade do sujeito nesse trágico acontecimento. O sujeito aqui é posto em cena, seja

pelo rebaixamento de sua autoestima, seja pela culpabilização, enquanto é totalmente esmaecido na indiferença do tédio.

Nesse sentido, ainda que não possamos exaltar o tédio como uma figura de subjetivação que melhor caracterize as condições de existência na contemporaneidade, não podemos deixar de considerá-lo um importante analisador do contemporâneo. Pela via do tédio podemos, como foi o meu propósito, apontar os efeitos da aceleração do tempo, do deslocamento e obsolescência do sujeito, da desaceleração da produção de sentido e da própria subjetivação, que marcam as condições de existência na contemporaneidade.

Referências

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ABERASTURY, A. *Adolescência*. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- ABRAM, J. *A linguagem de Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.
- ANTUNES, A.; RUIZ, A. Socorro. In: *Um som*. [s.l.]: BMG, 1998.
- ARENDT, H. *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. Trad. de A. Abranches, C. Augusto e H. Martins. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.
- ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. *Manual de estatística e diagnóstica de transtornos mentais (DSM IV TM)*. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- AUGÉ, M. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.
- BARBERÌA, J. L. Generación “ni-ni”: ni estudia ni trabaja. *El País*, 22/6/2009. Disponível em: <www.elpais.com/articulo/sociedad/Generacion/ni-ni/estudia/trabaja/elpepisoc/20090622elpepisoc_1/Tes>. Acesso em: 21 jan. 2013.
- BAUDELAIRE, C. *O spleen de Paris*. Rio de Janeiro: Relógio d'Água, 2007.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

- BAUMAN, Z. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BECKER, D. *O que é adolescência*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BELCHIOR. Como nossos pais. In: *Alucinação*. [s.l.]: Polygram, 1976. 1LP.
- BENY, L. *Depressão no ciclo da vida*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- BIRMAN, J. Tatuando o desamparo: a juventude na atualidade. In: CARDOSO, M. R. et al. *Adolescentes*. São Paulo: Escuta, 2006.
- BURTON, R. *A anatomia da melancolia*. Paraná: UFPR, 2011. v. 1.
- CAIEIRO, A. *O guardador de rebanhos e outros poemas*. São Paulo: Landy, 2006.
- CARDOSO, M. R. et al. *Adolescentes*. São Paulo: Escuta, 2006.
- CARLISKY, N.; ESKENAZI, C. K.; KIJAK, M. *Vivir sin proyecto: psicoanálisis y sociedad posmoderna*. Buenos Aires: Lúmen, 2000.
- COELHO, E. *A ecologia do crime*. Disponível em: <www.nossa.casa.net/recomeco/0056.htm>. Acesso em: 23 jan. 2013.
- COSTA, J. F. Entrevista com Jurandir Freire Costa. In: CARDOSO, M. R. et al. *Adolescentes*. São Paulo: Escuta, 2006.
- CRESCE o número de jovens no Brasil que não estuda e nem trabalha. *Folha de S.Paulo*, 18/10/2010. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/mercado/816100-cresce-numero-de-jovens-no-brasil-que-nao-estuda-nem-trabalha.shtml>. Acesso em: 23 jan. 2011.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. São Paulo: Contraponto, 1997.
- EL MUNDO. *La generación “nini” clama por cambios*. Edição de 7/4/2011a. Disponível em: <www.elmundo.es/elmundo/2011/04/07/espana/1302156689.html>. Acesso em: 16 jan. 2013.
- _____. *Un juez ordena a un joven “ni-ni” que abandone la casa de sus padres*. Edição de 22/4/2011b. Disponível em: <www.elmundo.es/elmundo/2011/04/22/andalucia_malaga/1303486228.html>. Acesso em: 16 jan. 2013.

- FOLHA DE SÃO PAULO. *O cérebro turbinado*. Edição de 21/6/2009. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe2106200904.htm>. Acesso em: 16 jan. 2013.
- _____. Grupo de cientistas pede liberação de doping mental. Edição de 21/12/2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u476483.shtml>>. Acesso em: 16 jan. 2013.
- FREUD, S. *Estudos sobre a histeria*. Rio de Janeiro: Imago, 2006b.
- _____. *Luto e melancolia*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Edição *standard* das obras completas de Sigmund Freud, v.XIV.
- _____. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 2006a. Edição *standard* das obras completas de Sigmund Freud, v.XXII.
- _____. *Os instintos e suas vicissitudes*. Rio de Janeiro: Imago, 2006c. Edição *standard* das obras completas de Sigmund Freud, v.XIV.
- _____. *O humor*. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. v. XXI.
- _____. *Totem e tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. Edição *standard* das obras completas de Sigmund Freud, v.XIII.
- GERAÇÃO ENRASCADA. *Geração à rasca: a nossa culpa*. 6/4/2011. Disponível em: <<http://geracaoenrascada.wordpress.com/2011/03/04/convite-a-sociedade-civil/>>. Acesso em: 16 jan. 2013.
- GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. 17. ed. São Paulo: Loyola, 2008.
- IBGE. Instituto Nacional de Geografia e Política. *Sinopse dos resultados do censo 2010*. Disponível em: <www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/>. Acesso em: 23 jan. 2013.
- JUSTO, J. S. Criatividade no mundo contemporâneo. In: VASCONCELOS, M. S. (Org.). *Criatividade*. São Paulo: Moderna, 2001.
- _____. O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. *Revista do Departamento de Psicologia – UFF*, Rio de Janeiro, v.17, n.1, p.61-77, jan./jun. 2005.

- JUSTO, J. S.; ROCHA, L. C. Dromologia e trabalho na contemporaneidade: o caso dos andarilhos. In: ENCONTROS DE PSICOLOGIA UNESP, XIX. *Anais...* Assis, 2006. Disponível em: <www.assis.unesp.br/encontrosdepsicologia>. Acesso em: 14 fev. 2009.
- KEHL, M. R. *O tempo e o cão*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- KLEIN, M. Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional do bebê. In: _____ et al. *Os progressos da psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- _____. *Estruturas das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- KURZWEIL, R. *A era das máquinas espirituais*. São Paulo: Aleph, 2007.
- LAFER, B.; ALMEIDA, O. P.; FRÁGUAS JÚNIOR, R.; MIGUEL, E. C. *Depressão no ciclo da vida*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- MAGAZINE LÍQUIDA. *Italiani mammoni per convenienza o per necessità?* Edição de 22/1/2010. Disponível em: <<http://magazine.liquida.it/2010/01/22/italiani-mammoni-per-convenienza-o-per-necessita/>>. Acesso em: 16 jan. 2013.
- MAINFATTI. *Generazione NEET: quelli che né studiano né lavorano*. Edição de 21/12/2012. Disponível em: <www.mainfatti.it/Istat/Generazione-NEET-quelli-che-ne-studiano-ne-lavorano_033411033.htm>. Acesso em: 16 jan. 2013.
- MANERA, R. Máquinas como nós? *Revista Caros Amigos* – Edição Especial: pós-humano, o desconcertante mundo novo. São Paulo: Casa Amarela, n.36, p.5, ano XI, 2007a.
- _____. Onde vamos parar? *Revista Caros Amigos* – Edição Especial: pós-humano, o desconcertante mundo novo. São Paulo: Casa Amarela, n.36, p.3, ano XI, 2007b.
- MARTINS, H. *Hegel, Texas e outros ensaios de teorial social*. Lisboa: Século XXI, 1996.
- MATOS, O. É preciso reconquistar o tempo. *Revista Caros Amigos* – Edição Especial: pós-humano, o desconcertante mundo novo. Entrevistador: Thiago Domenici. São Paulo: Casa Amarela, n.36, p.12-14, ano XI, 2007.

- MILLER, S. Pois é, pra quê? In: *Brasil, do Guarani ao Guaraná*. [s.l.]: Elenco, 1968. 1LP.
- MORIN, E. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- NASCIMENTO JÚNIOR, L. G. E vamos à luta. In: *De volta ao começo*. [s.l.]: Odeon, 1980.
- NOVAES, A. *Mutações: ensaios sobre as novas configurações do mundo*. Rio de Janeiro: Agir/São Paulo: Sesc, 2008.
- OLIVEIRA, A. A. A.; JUSTO, J. S. Expressões do tédio na contemporaneidade: uma análise do romance. “Encontro Marcado”, de Fernando Sabino. *Revista de Psicologia*. Unesp, Assis, 2010.
- OLIVEIRA, L. A. O tempo é de caos? *Revista Caros Amigos – Edição Especial: pós-humano, o desconcertante mundo novo*. São Paulo: Casa Amarela, n.36, p.17-18, ano XI, 2007.
- OLIVEIRA, W. F. Violência e saúde coletiva: contribuições teóricas das Ciências Sociais à discussão sobre o desvio. *Revista Saúde e Sociedade*, v.17, n.3. São Paulo, jul./set. 2008.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. CID-10. *Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento: Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas*. Trad. Dorgival Caetano. Porto Alegre: Artmed, 1993.
- OUTEIRAL, J. *Adolescer: estudos revisados sobre adolescência*. 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.
- _____. Comentários sobre o tédio. In: *Ospleen na adolescência: sentir tédio ou ser entediante*. Disponível em: <www.http/joseouteiral.com>. Acesso em: 14 mar. 2007.
- PESSOA, F. *Novas poesias inéditas*. Lisboa: Ática, 1973.
- PRIBERAM. Dicionário da Língua Portuguesa *on-line*. Disponível em: <www.priberam.pt/dlpo>. Acesso em: 23 jan. 2013.
- PRO dia nascer feliz. Direção: João Jardim. [s.l.]: Globo Filmes, 2007. DVD. Distribuição: Copacabana Filmes.
- QUINODOZ, J. *Ler Freud*. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- ROLNIK, S. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, D. et al. *Cultura e subjetividade: saberes nômades*. Campinas: Papirus, 1997.

- ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- SANTAELLA, L. *Cultura de mídias*. 2. ed. São Paulo: Experimento, 2000.
- SANTOS, B. S. *Um discurso sobre as ciências*. 12. ed. Porto: Afrontamento, 1987.
- SANTOS, J. F. Ciência e ficção. *Revista Caros Amigos – Edição Especial: pós-humano, o desconcertante mundo novo*. São Paulo: Casa Amarela, n.36, p.19, ano XI, 2007.
- _____. *Breve, o pós-humano*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2003.
- SCHNITMAN, D. et al. *Novos paradigmas: cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- SIBILIA, P. *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- SIMMEL, G. As grandes cidades e a vida de espírito. [Texto original: *Die Großstädte und das Geistesleben*]. In: *Gesamtausgabe*, v.7. Trad. Leopoldo Waizbordt. Frankfurt: M. Suhrkamp, 1995.
- SVENDSEN, L. *Filosofia do tédio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- TEIXEIRA, M. A. R. A concepção freudiana da melancolia. *Elementos para uma metapsicologia dos estados de mente melancólicos*. 261f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2007.
- VELOSO, C. Baby. In: *Tropicália ou Panis Et Circenses*. [s.l.]: Universal, 1997. 1 LP/CD. Distribuidora Philips.
- _____. *Verdade tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- VIRILIO, P. *Espaço crítico*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- WINNICOTT, C. *Explorações psicanalíticas*. Trad. de José Octavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

SOBRE O LIVRO

Formato: 14 x 21 cm

Mancha: 23,7 x 42,10 paicas

Tipologia: Horley Old Style 10,5/14
2012

EQUIPE DE REALIZAÇÃO

Produção Editorial

Casa de Ideias

